

ELISA MARIA PINHEIRO DE SOUZA  
WALDINETT NASCIMENTO TORRES PENA  
(ORGANIZADORAS)

# DIACRONIA

PORTUGUÊS BRASILEIRO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, Campo Grande/MS)

---

D54      Diacronia : português brasileiro [recurso eletrônico] / [org.] Elisa Maria  
1.ed.      Pinheiro de Souza, Waldinett Nascimento Torres Pena. – 1.ed.  
            Curitiba: Bagai, 2020.  
            Recurso digital.

Formato: e-book

Requisito do sistema : adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN: 978-65-87204-41-3

1. Diacronia. 2. Português brasileiro. 3. Língua em uso.  
I. Souza, Elisa Maria Pinheiro de. II. Pena, Waldinett Nascimento Torres.

9-2020/21

CDD 469.81  
CDU 811.134.3 (81)

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Diacronia : Português brasileiro : Língua em uso

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

---

<https://doi.org/10.37008/978-65-87204-41-3.16.9.20>

---

Elisa Maria Pinheiro De Souza  
Waldinett Nascimento Torres Pena  
(organizadoras)

**DIACRONIA**  
Português Brasileiro



*Editor-Chefe* Cleber Bianchessi

*Revisão* Waldinett Nascimento Torres Pena

*Capa* Ramayana Ísis Torres Pena

*Diagramação* Giuliano Ferraz

*Conselho Editorial* Dr. Adilson Tadeu Basquerote - UNIDAVI  
Dr. Anderson Luiz Tedesco – UNOCHAPECÓ  
Dra. Andréia de Bem Machado - FMP  
Dr. Antonio Xavier Tomo - UPM - MOÇAMBIQUE  
Dr. Ademir A Pinhelli Mendes – UNINTER  
Dra. Camila Cunico – UFP  
Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESC  
Dr. Ernane Rosa Martins - IFG  
Dr. Helio Rosa Camilo – UFAC  
Dr. Juan Eligio López García – UCF-CUBA  
Dra. Larissa Warnavin – UNINTER  
Dr. Marciel Lohmann – UEL  
Dr. Márcio de Oliveira – UFAM  
Dr. Marcos A. da Silveira – UFPR  
Dra. María Caridad Bestard González - UCF-CUBA  
Dr. Reginaldo Peixoto – UEMS  
Dr. Ronaldo Ferreira Maganhotto – UNICENTRO  
Dra. Rozane Zaionz - SME/SEED  
Dr. Tiago Eurico de Lacerda – UTFPR  
Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT  
Dr. Yoisell López Bestard- SEDUCRS

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	7
-----------------------	---

Prof. Dr. Gabriel Lage da Silva Neto

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	9
---------------------------	---

Profa. Dra. Cristiane de Mesquita Alves

## I

<b>CONSTRUÇÕES DE TÓPICO EM VARIEDADE DO PORTUGUÊS FALADO NO PARÁ</b> .....	15
---	----

Prof. Dr. Ednalvo Apóstolo Campos

## II

<b>AS ORIGENS DO PORTUGUES BRASILEIRO: ENTRE A COLONIZAÇÃO E O SINCRETISMO LINGUÍSTICO</b> .....	29
--	----

Emilly Farouz Modesto dos Santos | Joele Alessandra Caldeira Carvalho

## III

<b>ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A MORFOLOGIA DO PORTUGUES BRASILEIRO: USO DOS PRONOMES</b> .....	43
---	----

Adonai da Silva de Medeiros | Layse Dalmácio dos Reis | Malena Pinheiro da Silva

## IV

<b>A IDENTIDADE LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO</b> .....	60
---	----

Elisa Maria Pinheiro de Souza

## V

<b>AS CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: AS DIFERENÇAS ENTRE O PORTUGUÊS CULTO E O PORTUGUÊS FALADO</b> .....	78
---	----

Ana Cleide Santiago de Lima | Brenda Maiara Sena | Fátima Cristina Makino Hongo | Thaís Frazão

## VI

<b>DE OLHO NA LÍNGUA: UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO VERNÁCULA DO LÉXICO BRASILEIRO</b> .....	94
---	----

Aline dos Anjos do Rosário | Izadora Mariana Bragança Cruz

<b>VII</b>	
<b>MEMÓRIAS DE UM PORTUGUÊS DE MAIS DE 400 ANOS NO PARÁ.....</b>	<b>105</b>
<i>Waldinett Nascimento Torres Pena</i>	

<b>VIII</b>	
<b>UM CONVITE ÀS NUANCES DO PORTUGUES BRASILEIRO: DE LÍNGUA COLONIZADA À REPRESENTANTE DE UMA POTÊNCIA MUNDIAL EM TERMOS LINGUÍSTICOS.....</b>	<b>124</b>
<i>Izandra de Souza Varela   Matheus da Costa Leitão</i>	

<b>IX</b>	
<b>O LÉXICO DO PORTUGUES BRASILEIRO: TERMOS ERUDITOS E EMPRÉSTIMOS.....</b>	<b>133</b>
<i>Ana Beatriz Torres Correa   Luana da Silva Coelho</i>	

<b>X</b>	
<b>A SINCRONIA, DIACRONIA E HISTÓRIA NA EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>147</b>
<i>Elisa Maria Pinheiro de Souza   Jaqueline de Andrade Reis</i>	

<b>XI</b>	
<b>A SINTAXE DO PORTUGUES BRASILEIRO .....</b>	<b>161</b>
<i>Alfredo Lima   Jaciane Lima</i>	

<b>XII</b>	
<b>UM ESTUDO SOBRE O USO DAS VARIAÇÕES DIATÓPICA E DIASTRÁTICA EM QUESTÕES DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO .....</b>	<b>174</b>
<i>Gabrielle Borges de Oliveira   Luiza Garcia Corrêa</i>	

<b>XIII</b>	
<b>OS METAPLASMOS NA FALA DE IDOSOS DE SANTA MARIA DO PARÁ.....</b>	<b>193</b>
<i>Dina Sodré de Lima   Thais Ramos da Costa</i>	

<b>SOBRE OS AUTORES.....</b>	<b>219</b>
------------------------------	------------

# PREFÁCIO

## A importância da pesquisa e do estudo do português brasileiro

Em nossos dias, mais do que necessário, é urgente o estudo e a produção de conhecimentos advindos de qualquer área que faça relação com a diacronia. Quando se fala da diacronia do português brasileiro, obviamente, fala-se de memória, história e cultura; conceitos que, infelizmente, parte da sociedade de nosso País insiste em ignorar e, em alguns casos mais extremos, combater, esquecer e negar.

Estudar a língua do ponto de vista diacrônico, como bem se sabe, é estudar o seu processo de evolução e as transformações pelas quais ela passa no decorrer do tempo, e, além disso, a causa desses fenômenos. Tão importante quanto a sincronia para o entendimento de uma língua, a diacronia apresenta uma abordagem dinâmica e histórica das modificações ocorridas nas palavras através do tempo.

Outrossim, a pesquisa é outra área que desde sempre e cada vez mais merece atenção e investimentos, o quanto forem possíveis. Sem pesquisa não há avanços científicos nem evolução social. A pesquisa, conjuntamente, e em pé de igualdade, com o empirismo, a filosofia e a teologia, é responsável pela produção de conhecimentos que desde sempre contribuem para o crescimento do espírito humano.

No decorrer da leitura dos capítulos, podemos perceber a riqueza e a grande diversidade dos temas pesquisados, que abordam a diacronia do português brasileiro perpassando a variação linguística, o sincretismo linguístico, a morfologia, o léxico, a sintaxe e muitos outros assuntos relacionados. Essa grande variedade de temas que fazem referência à diacronia é mais uma prova de sua vastidão e do quanto que ainda há para ser pesquisado a seu respeito.

Toda argumentação exposta acima retrata a importância da presente publicação, organizada pelas professoras Elisa Maria Pinheiro de Souza e Waldinett Nascimento Torres Pena, na qual constam os resul-

tados das pesquisas produzidas por alunos e professores do Curso de Letras da Universidade do Estado do Pará.

Pesquisar sobre uma língua como o português e estudá-la não são tarefas fáceis. Sua riqueza e diversidade, ao mesmo tempo em que garantem a beleza de sua escrita, leitura, fala e audição, torna-a uma das mais complexas do mundo. Para o leitor, este livro é uma grande oportunidade de se debruçar sobre assuntos profundamente interessantes e obter preciosos conhecimentos. Para os autores e as autoras, não é uma conclusão, visto que a pesquisa e o estudo não têm fim, mas sim, uma belíssima etapa de suas jornadas como pesquisadores.

**Prof. Dr. Gabriel Lage da Silva Neto**

## APRESENTAÇÃO

*O ponto de partida e o ponto final de tudo  
é o direito do aluno a aprender bem,  
com qualidade formal e política.*

(Pedro Demo, 2015).

Atualmente, “o pensar e o fazer educação” são norteados pela observância do contexto social, em termos das mudanças decorrentes das inovações tecnológicas, bem como, das alterações no paradigma social.

Para iniciar, cabe o entendimento que a ciência, forma articulada de conhecimentos, configura-se como um paradigma possibilitador da visão de mundo e do movimento das ideias, em prol da produção do conhecimento em áreas diversas, as quais traduzem o “*modus vivendi*” dos homens em seu ambiente, como também, o reconhecimento da influência das mídias sociais na construção e socialização do conhecimento, em específico, nos meios acadêmicos.

A potencialização de investimentos na área tecnológica viabiliza o desenvolvimento científico e implica, em escala maior, nas possibilidades de interlocução das diversas áreas do conhecimento, interferindo, conseqüentemente, no sistema social e cultural. É possível afirmar que o reconhecimento do homem como ser social e histórico está vinculado a um processo assentado na reflexão e criticidade de posturas assumidas na prática docente, diante da construção do conhecimento e de uma nova ordem social.

Nesse contexto, as academias precisam “reinventar” a práxis da construção e socialização do conhecimento, considerando o ato de “aprender a aprender” e o fato de que os pensamentos não resultam de um único sujeito, de leituras solitárias de obras monumentais, mas da somatória de muitas ações emergentes das áreas de conhecimento, de inúmeras línguas, de processos variados, de fontes diversas, etc.

Com essa perspectiva, este livro apresenta a soma de trabalhos desenvolvidos por docentes e discentes do Curso de Letras da Universidade do Estado do Pará e por alguns integrantes do Grupo de Pesquisa Linguagens e Tecnologia (UEPA/CNPq), no intuito de compartilhar com a comunidade acadêmica e com o público leitor em geral, resultados das pesquisas feitas em torno do processo evolutivo da língua portuguesa em solo brasileiro, objetivando o fortalecimento da aprendizagem via a parceria de alunos, professores e pesquisadores e, conseqüentemente, da qualidade da educação.

Nesse sentido, para produção autoral da escrita, os responsáveis pelas pesquisas transitaram pelos mais diversos espaços, em tempos e modos diferentes, compartilhando as relações humanas, os saberes constituídos e da própria natureza, no que concerne ao campo da linguagem. Portanto, esta coletânea caracteriza-se como um investimento para a formação inicial e continuada de cada um dos autores e dos leitores envolvidos neste processo de trocas presente nas práticas de ensino-aprendizagem.

O livro potencializa os fundamentos históricos e teóricos da evolução do português em terras brasileiras, ao objetivar a descrição dos elementos linguísticos formadores do português do Brasil e o conhecimento sobre os fundamentos e mecanismos da descrição morfológica e sintática, com a abordagem de questões inerentes à origem, história e domínio da Língua Portuguesa, à fonética sincrônica e diacrônica e à sintaxe diacrônica. Constitui-se assim, em um importante ponto de inflexão no processo de sistematização e produção de conhecimentos e importante subsídio para o conhecimento do assunto tematizado.

O livro agrupa artigos, cujas temáticas consideram a língua como uma entidade a qual à semelhança de qualquer ser vivo, modificou-se, sofreu transformações e adaptações desde os primórdios da comunicação humana, corroborando com a afirmação de Possenti (1996:37) de que “Não há língua que permaneça uniforme. Todas as línguas mudam”. Por este motivo, neste livro, o diálogo entre a história, o tradicional e o que há de moderno no estudo de línguas, levando-se em consideração, o cenário das tecnologias e o uso real e cotidiano da Língua, fazem-se

presentes, o que justificou a escolha das temáticas em ser norteadas pelo viés das profundas transformações que a sociedade brasileira vem sofrendo, desde o início da colonização, as quais se materializam no seio social, redefinindo ideais, ideias e práticas sociais que se repercutem nos sistemas e processos educacionais, motivando o acesso ao saber socialmente produzido.

O compromisso do livro incide na oferta de leituras diferentes de muitos outros textos que versam sobre a temática central, afinal os textos resultam da organização e registro de estudos e leituras efetivadas por alunos e por professores que investem em seu aprendizado, em prol da ampliação do horizonte cultural.

No artigo *Construções de tópico em variedade falada no português do Pará*, o professor e pesquisador Ednalvo Apóstolo Campos retoma a temática da categoria *tópico* e adota a tipologia de construção proposta por Araújo (2009), com o objetivo de atestar a ocorrência dessas construções em corpus coletado na comunidade quilombola de Jurussaca (PA).

Em *As origens do português brasileiro: entre a colonização e o sincretismo linguístico*, Emilly Farouz Modesto dos Santos e Joelle Alessandra Caldeira Carvalho procuram, com uma abordagem histórica da língua portuguesa, discorrer sobre a formação do português brasileiro (PB), abrangendo origens, consolidação no período de colonização, influência de outros idiomas, características, bem como o processo de implantação da língua portuguesa como idioma do Brasil.

No estudo *Algumas reflexões sobre a morfologia do português brasileiro: uso dos pronomes*, dos autores Adonai Medeiros, Layse Dalmácio dos Reis e Malena Pinheiro da Silva, discute a utilização dos pronomes do Português brasileiro na fala de dois usuários, com base no fato de que a língua é um organismo vivo e como tal passa por mudanças, pois, mudar é inerente a qualquer organismo vivo, e demonstram essas transformações a partir da análise do uso dos pronomes nas expressões destes dois indivíduos.

Em *A identidade linguística do português brasileiro*, da professora e pesquisadora Elisa Maria Pinheiro de Souza, o trabalho discorre sobre a identidade linguística do português do Brasil, com abordagem da lexicologia e foco na dinamicidade lexical, nas influências existentes

na formação do léxico, nas diferenças entre o léxico europeu (PE) e o brasileiro (PB).

Na discussão do artigo *As características do português brasileiro: as diferenças entre o português culto e o português falado*, as autoras Ana Cleide Santiago de Lima, Brenda Maiara Sena, Fátima Cristina Makino Hongo e Thaís Frazão, com base nos aspectos fonético-fonológicos, morfosintáticos e lexicais do Português Brasileiro (PB), estabelecem distinções entre o PB culto e o PB falado, sob a perspectiva teórica de Bagno (2004), Castilho [2017], Ilari e Basso (2007), entre outros.

Aline dos Anjos do Rosário e Izadora Mariana Bragança Cruz, no artigo *De olho na língua: um estudo sobre a formação vernácula do léxico brasileiro*, abordam o léxico do português brasileiro com base na sua formação vernácula, considerando a existência de equívoco na concepção de que em terras brasileiras, a língua lusitana é deturpada, estigmatizando assim, o que é falado/escrito em solo brasileiro como “errado”, “feio” e “grotesco”.

Em *Memórias de um português de mais de 400 anos no Pará*, a autora Waldinett Torres apresenta um histórico da língua portuguesa a partir da chegada dos portugueses no território brasileiro e a interação com línguas indígenas e africanas, além de apresentar comentários sobre o Estado do Pará, em termos da historicidade, povo, cultura e exemplifica os falares paraenses que vêm se perpetuando pelos tempos, traduzindo o perfil de uma gente criativa e orgulhosa de suas origens, mas também arraigada às tradições de mais de quatrocentos anos de História.

Izandra de Souza Varela e Matheus da Costa Leitão em *Um convite às nuances do português brasileiro: de língua colonizada à representante de uma potência mundial em termos linguísticos* destacam as variedades e empréstimos linguísticos, reflexos da expansão do Português Brasileiro, com o objetivo de compreender a expansão do idioma em questão e reconhecer as variedades da língua como resultado desse processo.

Em *O léxico do português brasileiro: termos eruditos e empréstimos*, de Ana Beatriz Torres Correa e Lana da Silva Coelho trabalham a importância dos estudos sobre termos eruditos e empréstimos linguísticos, como

constituintes do léxico do português brasileiro, para análises contemporâneas do português no Brasil atual.

No trabalho *A sincronia, diacronia e história na evolução da língua portuguesa* das pesquisadoras Elisa Maria Pinheiro de Souza e Jaqueline de Andrade Reis trata de um relato dos resultados obtidos com o revisitar da questão dos estudos diacrônicos em Língua Portuguesa, tendo como direcionamento a busca de dados que pudessem retratar o processo evolutivo da língua.

Já a investigação de Alfredo Lima e Jaciane Lima *Sintaxe do português brasileiro* ilustra evidências acerca dos fenômenos da sintaxe da língua portuguesa, em especial, a falada no Brasil, considerando que o português brasileiro atual é resultado de um processo evolutivo advindo de contato com línguas indígenas e africanas e com marcas de variação regionais em todo território nacional.

Enquanto que na pesquisa *Um estudo sobre as variações diatópica e diastrática aplicadas às questões do Exame Nacional do Ensino Médio* de Gabriele Borges Oliveira e Luiza Garcia Corrêa trata das variações linguísticas, principalmente, a diatópica e a diastrática, na busca da compreensão de como essa temática abordada no ensino médio apresenta-se no ENEM.

No artigo *Os metaplasmos mais frequentes nos falares dos idosos* de Santa Maria – PA, de Dina Sodré de Lima e Thais Ramos da Costa, traz a questão dos metaplasmos mais frequentes nos falares dos idosos santamarienses, objetivando identificar e analisar o porquê de determinados tipos de metaplasmos serem os mais recorrentes nesses falares. Essa pesquisa está inserida nos estudos da gramática histórica, considerando os fatores extralinguísticos sobre os aspectos intralinguísticos, com base nos aportes teóricos de Coutinho (2011), Faraco (2005), Matos e Silva (2017), Teyssier (2001) entre outros.

De modo geral, os artigos que constituem este livro se propõem a apresentar a Língua Portuguesa, em distintas vertentes a fim de levar o leitor/ estudante/professor/pesquisador e falante de uma das variantes do português a refletir sobre as formas e as práticas de ensino-aprendizagem desta língua em diversos contextos, para poder se pensar no ensino do português, sobretudo o brasileiro, alvo maior das pesquisas

apresentadas neste estudo, nos âmbitos históricos e no que se refere às mudanças e nas transformações inerentes a uma língua no decorrer dos tempos.

Logo, os autores desta coletânea bem como suas organizadoras, professoras e pesquisadoras do processo histórico, do ensino, das práticas de docência e das atualizações das mesmas por meio das tecnologias voltadas para sala de aula, como Elisa Pinheiro e Waldinett Torres, ambas da Universidade do Estado do Pará, de um modo ou de outro, sob diferentes enfoques, abordam o processo evolutivo da língua portuguesa no solo brasileiro, reforçando a língua como marca identitária daqueles que fazem morada nas regiões brasileiras, assim como as diferentes dimensões que envolvem, direta e indiretamente, a evolução linguística do português.

**Profa. Dra. Cristiane de Mesquita Alves**

# CONSTRUÇÕES DE TÓPICO EM VARIEDADE DO PORTUGUÊS FALADO NO PARÁ

Prof. Dr. Ednalvo Apóstolo Campos

## INTRODUÇÃO

As construções de tópico são estruturas sintáticas bastante comuns na língua falada. Estudos diacrônicos comprovam que seu uso ocorre há bastante tempo; no entanto, passaram a ser objeto de interesse da linguística mais recentemente, a partir dos trabalhos pioneiros de Li & Thompson (1976). No Brasil, Eunice Pontes (1986) no livro *Sujeito: da sintaxe ao discurso* trouxe à luz construções como “*esse rádio estragou o ponteiro e o carro furou o pneu*” que subvertem a ordem sintática prototípica e trazem à esquerda do verbo SNs (sintagmas nominais) que não comportam a função de sujeitos sentenciais.

Os estudos apontam que a implementação das construções de tópico no Português Brasileiro (PB) está diretamente relacionada às mudanças em curso que vêm sendo implementadas na sintaxe dessa língua, como a mudança no parâmetro do sujeito nulo, com o sistemático preenchimento do sujeito, por um lado, e o apagamento de objeto, por outro. A emergência desses fenômenos linguísticos pode estar associada ao processo de redução do sistema pronominal/flexional (cf. Duarte *ET al.*, 2000).

Neste artigo discuto algumas construções de tópico presentes em variedade vernácula de português falado com base na tipologia de tópico utilizada por Araújo (2009). As sentenças analisadas foram retiradas de corpus coletado na comunidade quilombola de Jurussaca, no município de Traquateua, região nordeste do Pará.

O texto está dividido em duas seções, além desta introdução. Na seção um apresento brevemente algumas acepções presentes na literatura sobre a construção de tópico – o tópico frasal –, considerado um fenômeno sintático-discursivo; na seção dois apresento as construções retiradas do corpus com base em Araújo (2009); e, finalmente, na seção três teço as considerações finais.

## 1. O TÓPICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Uma das classificações tipológicas para as línguas humanas presente na literatura diz respeito à organização sintática e discursiva que elas apresentam. Algumas línguas organizam suas sentenças numa orientação predicativa voltada para a sintaxe; outras para o discurso. Nessa classificação estão envolvidas as categorias gramaticais *sujeito* e *tópico*. Segundo Berlinck, Duarte e Oliveira (2009), o português brasileiro, doravante PB, apresenta os dois tipos de relação predicativa.

A categoria *sujeito* é puramente sintática e é definida pela teoria gramatical, grosso modo, como função sintática do argumento externo do predicador verbal (excluindo-se as estruturas passivas e as sentenças com verbos inacusativos) que entra em relação de concordância com o verbo; já a categoria *tópico* – elemento não selecionado como argumento externo do predicador verbal, mas alçado à posição mais alta da sentença por ‘razões discursivas’, tanto pode estar relacionado ao próprio *sujeito* da sentença quanto ao seu comentário ou predicado (podendo ser um complemento ou um adjunto).

A literatura considera o fenômeno sintático-discursivo da topicalização bastante produtivo nas línguas naturais. Trata-se de recurso sintático ou ‘expediente computacional’ (cf. KENNEDY, 2011) por meio do qual um determinado constituinte (complemento ou adjunto), por questões de ordem discursiva, é deslocado para a periferia esquerda da sentença, tornando a sentença um comentário em relação ao *tópico*. Assim, a estrutura de uma sentença com um constituinte topicalizado seria: informação pressuposta (*tópico*) mais um comentário, em que a topicalização configura a estrutura frasal “*tópico* > *comentário*”, que se

distingue da estrutura sintática “*sujeito > predicado*” por marcar, no tópico, informações prosódicas e discursivas ausentes no constituinte quando não topicalizado. (KENNEDY, 2011). Ainda sobre a estrutura frasal, é importante mencionar que o elemento tópico, normalmente, apresenta-se como uma informação já conhecida – e por isso pressuposta –, já o comentário é o acrescentado, a informação nova.

A título de exemplo, vejamos a saliência discursiva com o ‘realce’ dado ao constituinte topicalizado *aquela bicicleta* em (1b), em contraste a (1a) na posição canônica de objeto direto.

- (1) a. Eu comprei aquela bicicleta ontem.  
 b. *Aquela bicicleta*, eu comprei ontem.

Li e Thompson (1976) foram os pioneiros nos estudos sobre a topicalização. Eles a caracterizaram como um fenômeno sintático natural na linguagem humana, com diferentes níveis de profundidade e de produtividade entre as línguas. Estabeleceram uma tipologia de tópico que permitiu diferenciar ou classificar línguas orientadas para o discurso, como o chinês, cuja tipologia permite caracterizá-las como *línguas de proeminência de tópicos*, com a configuração frasal básica “*tópico > comentário*” e, por outro lado, línguas como o inglês que apresentam a estrutura sintática “*sujeito > predicado*” como o modelo básico de frases, sendo, portanto, caracterizadas como *línguas orientadas para a sentença, com proeminência de sujeitos* (cf. KENNEDY, 2011, p. 73).

Desde então, a atenção se voltou às variedades faladas de português brasileiro, identificando o licenciamento de construções topicalizadas no PB falado, inexistentes em outras línguas românicas. Embora as construções de tópico estejam também presentes em variedades de português estudadas diacronicamente, muitos desses estudos têm apontado que a implementação das construções de tópico no PB pode estar relacionada a outras mudanças em curso que vêm sendo introduzidas na sintaxe dessa língua, como a mudança no parâmetro do sujeito nulo, com o sistemático preenchimento do sujeito, por um lado, e o apagamento de objeto, por outro. Para Duarte *ET AL* (2000) a emergência

desses fenômenos linguísticos está associada ao processo de redução do sistema pronominal/flexional.

Um dos estudos pioneiros sobre o tópico em PB foi desenvolvido por Pontes (1986), ao analisar sentenças como (2 a, b, c), abaixo, que apresentam uma especificidade sintática, consideradas pela NGB erradas, no entanto gramaticais e largamente utilizadas na língua falada.

- (2) a. Esse rádio estragou o ponteiro.
- b. O carro furou o pneu.
- c. A belina deita o banco, sabe?

Sintaticamente, os SNs (sintagmas nominais) *Esse rádio*, *O carro* e *A belina* nessas sentenças não podem ser sujeitos, pois não são argumentos externos dos verbos transitivos. Pontes (1986, p. 17) explica que em (1a) o SN *Esse rádio* é tópico porque está no início da sentença e por causa da relação entre esse SN e o resto da sentença que é um comentário sobre o tópico e também porque o SN não tem traço agentivo. Pontes (op. Cit.) faz a mesma análise para as sentenças em (3):

- (3) a. O Carlos André cresceu o nariz.
- b. A Sarinha tá nascendo dente.

A autora sugere que, num primeiro momento, pela natureza inacusativa dos verbos, tende-se a considerar que os SNs ‘o nariz’ e ‘dente’ sejam os sujeitos em posição pós-verbal (sujeitos pospostos). No entanto, alguns testes revelam o contrário, pois essas construções não permitem o deslocamento à esquerda desses SNs para a posição canônica de sujeito, nem a concordância verbo-sujeito, no caso de o sujeito estar posposto:

- (4) \*?A Sarinha *dente* tá nascendo / \*A Sarinha tão nascendo *dentes*.
- (5) O Carlos André *o nariz* cresceu / \*Os meninos cresceu *o nariz*.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Pontes (1986, p. 18) chama a atenção para a frase ‘O Carlos André o nariz cresceu’ que parece gramatical, caso haja uma pausa depois do primeiro SN.

Para as sentenças em (2), a prescrição normativa insiste na passiva pronominal, com a seleção do pronome *se* na função de sujeito-paciente, construção em franco desaparecimento no PB:

- (6) a. Estragou-*se* o ponteiro desse rádio.
- b. Furou-*se* o pneu do carro
- c. Deitou-*se* o banco da belina.

No entanto, nelas, é observado o alçamento dos sintagmas preposicionais locativos *e/ou* adjuntos para a esquerda sem a preposição. Na subseção sobre tipologia de tópico, item (2.3) – tópico sujeito, retorno a essas construções.

O sintagma lexical ou pronominal realizado como tópico é geralmente deslocado à esquerda na camada externa da oração – no SC/CP (sintagma complementizador), (cf. RIZZI, 1997). Segundo Araújo (2009), o fato de o tópico estar abrigado na camada do CP, significa que ele tem propriedades discursivas, porque é aí que ocorre a interface sintaxe/discurso e, conseqüentemente, a verificação dos traços discursivos (cf. RIZZI, 1997, 1999; CHOMSKY, 2001).

Nessa perspectiva, Rizzi (1997, 1999) considera que a oração dispõe de três camadas: uma lexical, no *nP* (*S<sub>v</sub>*), onde os elementos sofrem a primeira inserção na computação sintática; outra flexional, para onde os elementos são movidos para efeito de checagem de traços morfológicos, na SF/IP (sintagma flexional); e a discursiva, no CP, para onde os elementos são movidos para checagem de traços discursivos. A proposta de Rizzi (1997, 1999) implica em ‘explosão’ do CP para contemplar elementos que estão na interface sintaxe/discurso, como o tópico e o foco. Análises minimalistas mais recentes lançam mão de explicações mais ‘econômicas’ e não contemplam mais a expansão de nódulos sintáticos ligados ao CP. Essa discussão teórica, no entanto, encontra-se fora do escopo deste trabalho.

Quanto à classificação de elementos na posição de tópico, baseio-me na tipologia utilizada por Araújo (2009) para análise de sentenças do português afro-brasileiro, numa perspectiva teórica fundamentada na gramática gerativa e na interface sintaxe/discurso.

## 2. TIPOLOGIA DE TÓPICO E ANÁLISE DO CORPUS

Araújo (2009) analisa sentenças retiradas de corpus do português afro-brasileiro de comunidades rurais isoladas no interior da Bahia e as compara às construções atestadas por Pontes (1986, 1987) e Galves (1998). A autora analisa as sentenças a partir da seguinte tipologia de tópico:

- (i) *topicalização de objeto;*
- (ii) *tópico pendente com retomada;*
- (iii) *tópico cópia;*
- (iv) *tópico sujeito;*
- (v) *tópico pendente;*
- (vi) *tópico com cópia pronominal;*
- (vii) *topicalização selvagem;*
- (viii) *tópico locativo.*

Nas subseções seguintes, passo aos dados do corpus coletado na comunidade quilombola de Jurussaca (PA) com base na tipologia proposta por Araújo (2009).

### 2.1. Topicalização de Objeto Direto

Esse tipo de construção de tópico apresenta as seguintes características, segundo Araújo (2009):

- (i) Um objeto direto deslocado à esquerda, sem retomada clítica interna à oração.
- (ii) O sintagma nominal que compõe este objeto normalmente é definido.
- (iii) Não sofre restrições de ilhas.
- (iv) Pode ocorrer em contextos de encaixadas.

Os exemplos em (7) e (8) presentes no corpus analisado, segundo Araújo, são construções presentes em todas as modalidades do PB. Foram atestadas com bastante produtividade na variedade de Jurussaca.

(7) *a ladainha* eles rezam no sábado.

(8) *a idade dela* eu não sei.

Nessas construções, os SNs complementos com função de objeto direto ao serem movidos para o CP, posição discursiva situada acima do sujeito frasal (cf. Rizzi, 1997), instauram a configuração frasal “*tópico > comentário*” (cf. KENNEDY, 2011) e permite maior saliência discursiva com o ‘realce’ dado aos constituintes topicalizados “*a ladainha e a idade dela*”.

## 2.2. Tópico pendente com retomada

Nas palavras de Araújo (2009, p. 236), o tópico pendente com retomada mantém uma relação semântica com a oração porque é retomado por um elemento interno à oração, como um pronome forte ou clítico, uma expressão genérica, uma categoria vazia, um pronome demonstrativo, um numeral, dentre outros.

A autora observa que o tipo de retomada mais frequente é o da relação semântica continente/contido, em que existe uma relação do mais amplo para o mais específico. O elemento citado no tópico é um termo semanticamente mais amplo e retomado por outro termo mais específico interno à oração, podendo ser um NP pleno ou um pronome com o mesmo índice referencial. Em (9), há uma relação semântica entre os constituintes *essa Meire* e *a dona*:

(9) *essa Meire*, foi **a dona** que descobriu lá o negócio.

## 2.3. Tópico cópia

As construções com tópico cópia recebem essa denominação, porque a retomada interna à oração é feita pela cópia do termo topicalizado. Para Araújo (2009), a evidência de que esses elementos estão

na posição de tópico consiste no fato de que, em alguns casos, a sua retomada ocorrer por um elemento focalizado (foco informacional ou contrastivo). No corpus analisado foi identificado, como exemplo:

- (10) *ela* conta muito bonito, **tia Vicença**.

## 2.4. Tópico sujeito

A construção de tópico sujeito é aquela já vista nas sentenças em (2) e (3), na *seção 1*. Para Araújo (2009), essa construção apresenta três aspectos a serem considerados: (i) é composto por um sintagma preposicional, locativo ou adjunto deslocado à esquerda, sem a preposição e estabelece concordância com o verbo, comportando-se como o sujeito da sentença; (ii) não apresenta um pronome lembrete retomando o sintagma nominal anteposto; e (iii) não realiza concordância verbal entre o verbo e o seu argumento externo, que se realiza em posição pós-verbal.

A título de exemplo de tópico sujeito retorno às sentenças (2) e (3), renumeradas abaixo:

- (11) a. O Carlos André cresceu o nariz.  
b. A Sarinha tá nascendo dente.

Como foi mencionado antes, o argumento interno dessas sentenças não desencadeia concordância, pois ficaria agramatical, conforme demonstra as sentenças em (12).

- (12) \*A Sarinha tão nascendo os dentes.

No entanto, segundo Araújo (2009), a concordância pode ser manifestada entre o tópico e o predicador verbal, conforme (13):

- (13) Os jogadores estão crescendo o cabelo.

A autora explica que essas construções são consideradas tópicos sujeito, justamente porque é um tópico e não um sujeito que estabelece a concordância com o verbo.

O exemplo (18), retirado do corpus analisado, parece ter as características de tópico sujeito mencionadas por Pontes (1986):

- (14) *a novena dos alunos da escola* participa todos os menino e todos os professores.
- (15) *Açaí* dava aí de um lado pro outro aí.

## 2.5. Tópico pendente

Segundo Araújo (2009), nas construções de tópico pendente, o sintagma nominal que inicia a oração tem uma relação semântica com a frase, mas não uma realização sintática. Não há um lugar interno na oração em que ele possa ser inserido.

São exemplos de tópico pendente, retirados do corpus analisado:

- (16) *Salinas* morei um ano fora daqui.
- (17) *mandioca*, se plantava tudo era maniva era arroz era tabaco.

## 2.6. Tópico com cópia pronominal ou duplo sujeito

Essa construção caracteriza-se pelo deslocamento de um sintagma nominal para a posição de tópico e uma retomada pronominal deste sintagma na posição de sujeito interna à oração, conforme exemplos abaixo:

- (18) *men avô* **ele** tinha uma viola
- (19) *o padroeiro* **ele** vive lá na casa tio Jacó.

Em (18) e (19), os tópicos das sentenças são os SNs *men avô* e *o padroeiro*, os quais são retomados pelos pronomes em negrito que ocupam a posição de sujeito interna à oração.

Galves (1998) chama a atenção ao fato de que esse tipo de construção (por ela chamada de Tópico com Pronome Lembrete) não se assemelha com nenhuma construção do PE. Essas construções, no entanto, são extremamente produtivas no PB falado e também no corpus analisado.

## 2.7. Topicalização selvagem

A literatura descreve esse tipo de tópico como deslocamento de um SP, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva ou de adjunto adverbial, todos movidos sem a preposição.

Foram também encontrados no corpus analisado:

(20) (20) *Sábado e domingo* dá muita gente.

(21) (21) *Tomé-Açu* nunca fui lá.

Em (20) e (21), notei que os constituintes *sábado e domingo* e *Tomé-Açu* na posição de tópico, não estão regidos pela preposição, embora tenham sido deslocados de posições internas às orações que exigiriam um sintagma preposicional.

Brito, Duarte e Matos (2003), a partir de estudos com o PE, consideram que esse tipo de tópico ocorre apenas quando há deslocamento de um sintagma preposicional, objeto indireto, sem a preposição.

Outro aspecto a se considerar, em (21), o sintagma *Tomé-Açu*, na periferia esquerda e funcionando como locativo está sem a preposição exigida pelo verbo, enquadrando-se na topicalização selvagem. A presença do sintagma *lá*, porém, pode dar espaço para uma classificação de tópico ‘cópia’ pela correlação entre *Tomé-Açu* e *lá* enquanto referentes, mas se afasta também dessa classificação por não serem termos lexicalmente iguais.

## 2.8. Tópico locativo

O tópico locativo é o elemento topicalizado que funciona como adjunto de verbos existenciais ou de verbos tradicionalmente considerados intransitivos, conforme exemplos abaixo:

(22) *Em Bragança* não baixava ainda nesse tempo avião não.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foram discutidas construções de tópico em variedade de português brasileiro falada em comunidade quilombola do Pará, a partir da tipologia apresentada por Araújo (2009). Foram identificadas todas as construções de tópico apontadas na proposta tipológica formulada por Araújo (2009). Apesar de não ter sido feito estudo quantitativo, pode-se afirmar que é abundante a ocorrência de construções do tipo *Tópico com cópia pronominal ou duplo sujeito*, também descritas na literatura como *construção de deslocamento à esquerda (DE)*.

As construções de tópico, como o discutido anteriormente, apesar de não serem recentes, estão vastamente documentadas em estudos diacrônicos de português e comprovam que seu uso ocorre há bastante tempo. São estruturas sintáticas bastante comuns na língua falada, mas apresentam particularidades, sobretudo no português brasileiro, exibindo construções não atestadas no português europeu, nem nas línguas românicas, de modo geral, como a *topicalização selvagem*. Essas construções passaram a ser objeto de interesse da linguística mais recentemente, a partir dos trabalhos pioneiros de Li & Thompson (1976) e no Brasil, Eunice Pontes (1986).

Os estudos apontam que a implementação das construções de tópico no PB está diretamente relacionada às mudanças em curso que vêm sendo implementadas na sintaxe dessa língua, como a mudança no parâmetro do sujeito nulo, com o sistemático preenchimento do sujeito, por um lado, e o apagamento de objeto, por outro; estando o surgimento desses fenômenos linguísticos associado ao processo de redução do sistema pronominal/flexional (cf. Duarte *et al.*, 2000).

A tipologia de tópico usada no estudo foi atestada na variedade de português de Jurussaca (PA) e corrobora os pressupostos sobre essas construções no PB, apontadas desde os estudos pioneiros de Pontes, na década de 80 do século passado.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, E. As construções de tópico. In: LUCCHESI, D; BAXTER, A; RIBEIRO, I. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. (p. 231-250).
- BERLINCK, R; DUARTE, E. M; OLIVEIRA, M. Cap. III – Predicação. In: KATO, M; NASCIMENTO, M. (orgs) *Gramática do Português culto falado no Brasil*, vol. III. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- CAMPOS, E. A. *A sintaxe pronominal na variedade afro-indígena de Jurussaca: uma contribuição para o quadro da pronominalização do português falado no Brasil*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- CASTILHO, A. T. Apresentação. In: JUBRAN, C. C. A. S; KOCH, I. G. V. (orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil – construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. (p. 7-26). Vol. 1.
- CASTILHO, A. T; MORAIS, M. A. T; CYRINO, S. M. L; LOPES, R. E. V. (Orgs). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP, 2007.
- CHOMSKY, N. Beyond explanatory adequacy. In: *MIT Occasional Papers in Linguistics*. Cambridge, MIT Working Papers in Linguistics, n. 20, 2001.
- CYRINO, S; NUNES, J; PAGOTTO, E. Cap. III – Complementação. In: KATO, M; NASCIMENTO, M (orgs). *Gramática do Português culto falado no Brasil*, vol. III. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese de Doutorado. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1994.
- DUARTE, I. A topicalização em português europeu: uma análise comparativa. In: DUARTE, I; LEIRIA, I. (orgs). *Congresso Internacional sobre o Português, Actas*. Lisboa: Colibri, 1996.
- \_\_\_\_\_, CYRINO, Sonia M. L; KATO, M. Visible subjects and invisible clitics in brazilian portuguese. In: KATO, M. A; NEGRÃO, E. V (orgs). *Brazilian Portuguese and the Null Subject*. Frankfurt am Main: Vervuert Verlag, p. 55-73, 2000.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I; KATO, Mary A (orgs).

O *Português brasileiro*: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. (p. 107-28).

FIGUEIREDO e SILVA, M. C. *A posição sujeito no português brasileiro*: frases finitas e infinitas. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

GALVES, C. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de estudos Linguísticos*, Campinas, vol 34, p. 19-31, 1998.

ILARI, R. *et al.* Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: CASTILHO, A.T; BASÍLIO, M (orgs). *Gramática do português falado*. Volume IV: Estudos descritivos. São Paulo; Editora Unicamp, 2002.

JUBRAN, C. A. S; KOCH, I. G. V (orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil – construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP. Vol. 1, 2006.

KATO, M. Az; NEGRÃO, E. V. (eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Paramete*. Frankfurt am main: Vervuert, 2000.

\_\_\_\_\_. Comparando o Português da América com o Português de Portugal e com outras línguas. *Museu da Língua Portuguesa*, 2006. Disponível em: <[http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas\\_interna.php?id\\_coluna=13](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=13)>. Acesso em 20 junh. 2020.

KENEDY, E. Tópicos e sujeitos no PB: uma abordagem experimental. *Revista da Anpoll*, v. 31, p. 69-88, 2011.

LI, C. N; THOMPSON, S. A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C. N. (ed). *Subject and topic*. New York: Academic Press Inc, 1976.

LOPES, C. R. S; RUMEU, M. C. B. O quadro dos pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. In: CASTILHO, A. T. *et al*, (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas, São Paulo: Pontes/ FAPESP, 2007, (p. 419-437).

NEGRÃO, E. V. *O Português brasileiro*: uma língua voltada para o discurso. Tese de Livre Docência. São Paulo: Universidade de São Paulo. Manuscrito, 1999.

PONTES, E. S. L. *Sujeito*: da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. *O tópico no português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGMAN, L. *Elements of grammar*: handbook of generative syntax. Dordrecht: Kluwer, 1997, (p. 281-337).

\_\_\_\_\_. *On the position “int(errogative)” on the left periphery of the clause*, 1999. Disponível em: <[http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc\\_pub/int.doc](http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/int.doc)> Acesso em 20 junh. 2019.

\_\_\_\_\_. *On the form of chains: criterial positions and ECP effects*. 2004. Disponível em: [http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc\\_pub/rizzi](http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/rizzi)>. Acesso em 20 junh. 2019.

ROBERTS, I; KATO, M. A. (orgs). *O Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

# AS ORIGENS DO PORTUGUES BRASILEIRO: ENTRE A COLONIZAÇÃO E O SINCRETISMO LINGUÍSTICO

Emilly Farouz Modesto dos Santos  
Joel Alessandra Caldeira Carvalho

## INTRODUÇÃO

O português não surgiu com um “estalar de dedos” em terras brasileiras, no momento da grande descoberta. Ele já existia há muito tempo, suas raízes remontam a formação de Portugal, haja vista que, especificamente, a formação da LP como língua na Europa ocorreu pela diferenciação sofrida pelo latim na Península Ibérica, com a chegada dos romanos no século II a.C e contato com povos e línguas diferentes ali já existentes.

Foi um processo longo, pois depois do contato com as línguas existentes nos locais, o latim, já transformado, “interagiu” com as línguas germânicas, no período (409 a 711 d.C.), em que esses povos estiveram na península e também com os árabes, que controlaram a península durante quase oito séculos (711–1492). Depois de tantas invasões, surgiu o movimento de “Retomada Cristã”<sup>2</sup>, e os romances<sup>3</sup>, que há muito vinham aparecendo devido o desaparecimento da língua erudita, cultivada pela elite social da época e a da assunção de novas proporções pelo latim falado, foram tomando novas feições, em específico, na região oeste da península, formando o galego-português e, a

---

<sup>2</sup> Movimento ibérico cristão, de cunho militar e religioso ocorrido durante o século VIII, que opôs cristão e os muçulmanos, pela recuperação dos territórios perdidos para os conquistadores árabes na Península Ibérica.

<sup>3</sup> Romance ou romanceo lusitânico, forma linguística de transição falada na Lusitânia na alta Idade Média.

seguir, o português. Paralelamente à evolução linguística, foi formado o Condado Portucalense, o qual se tornou depois um país - Portugal.

O processo evolutivo do Latim sofreu aceleração pelo substrato<sup>4</sup> (línguas ibéricas pré-romanas) existente desde a romanização, como também, pelo superstrato<sup>5</sup>, (línguas germânicas), tanto que, após alguns séculos, o latim falado não era mais o mesmo, tampouco se configurava como um idioma pleno. Era um romance, uma língua de transição, o latim vulgar muito modificado, o qual, possivelmente, deve ter existido por volta dos séculos V a IX. Foi essa a língua que, depois de um longo período de mudanças, fora transportada tanto para o Brasil, como também para outros continentes, no momento das grandes navegações do final do século XV ao século XVI.

Os portugueses, quando chegaram ao Brasil, encontraram os indígenas, falantes de muitas línguas, em específico, o Tupinambá ou Tupi-guarani, falado em grande extensão ao longo da costa atlântica brasileira. Após os lusitanos, falando dialetos diversos, vieram os negros capturados na África, como força de trabalho e mão de obra para o trabalho escravo nas terras brasileiras.

Formou-se um triângulo linguístico, o português (latim modificado) e as línguas dos índios e dos africanos. Em virtude das influências recebidas pelos indígenas e africanos, a LP falada no Brasil foi, aos poucos, se distanciando daquela falada em Portugal, tão influenciada pela cultura francesa. Do mesmo modo, as línguas indígenas foram aos poucos desaparecendo. Desse modo, povos indígenas e negros, presenças marcantes na cultura do colonizador e o português, instalado na região brasileira, propiciaram uma variação da língua portuguesa com tons mestiços - a brasileira. Hoje, é impossível falar de língua portuguesa sem falar do Brasil.

Assim, o português consiste numa língua neolatina surgida do latim originário do itálico, subdivisão do tronco linguístico indo-europeu ocidental. Consolidado na Península Ibérica, o latim foi a língua da civilização romana e, como qualquer idioma, não apresentava homogeneidade,

---

<sup>4</sup> Substrato - língua de menor poder ou influência em relação a outra.

<sup>5</sup> Superstrato - língua que tem maior presença ou influência.

ou seja, abrangia duas modalidades distintas, o latim clássico e o vulgar. O latim vulgar, “levado pelos soldados e pela plebe às mais longínquas regiões do Império Romano” (HAUY, 2008: 27) foi esta modalidade que originou a língua portuguesa, hoje, o oitavo idioma mais falado no mundo, com a maioria de falantes sediada no Brasil, sendo definida por Ilari e Basso (2006) como vernáculo, variedade, principalmente, falada, popular, transmitida sem o ensino formal.

O presente artigo, além da parte das considerações finais, apresenta uma estrutura dividida em três seções, posteriores a esta introdução e intituladas: revisitando as origens do português brasileiro, o sincretismo linguístico e a língua no Brasil. Tudo em prol da compreensão da diversidade da língua vernácula brasileira atual, visto que a descoberta e entendimento das origens são essenciais para a construção da identidade múltipla dos falantes nativos do território, a qual é intrinsecamente relacionada com as origens da língua brasileira.

## 1. REVISITANDO AS ORIGENS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Pelo viés histórico, a LP foi transportada para o Brasil em 1532, momento em que iniciava a colonização portuguesa. Os estudiosos da temática costumam dividir a história dessa implantação em quatro períodos distintos, considerando a relação da LP com as línguas existentes no Brasil.

Para eles, o primeiro momento inicia com a colonização e finda em 1654, com a saída dos holandeses do local. É um período marcado pela relação do português com as línguas indígenas (línguas gerais) e, com a língua do holandês na condição de colonizador. As línguas gerais<sup>6</sup> eram os instrumentos de comunicação entre índios e portugueses e

---

<sup>6</sup> A expressão “língua geral” tem sido utilizada com mais de um sentido como a “Língua geral brasileira”, falada por mulatos e brancos brasileiros a partir do séc. XVIII; a “Línguas indígenas, inclusa nesta designação a “Língua Geral Amazônica”, de base Tupinambá, cujo remanescente é o Nheengatu; a Língua criada pelos jesuítas, para a catequese; as “Línguas africanas” de base Banto, faladas na zona de mineração.

o português, era considerado como *língua oficial* do Estado português, utilizada em atos e documentos oficiais da administração da colônia.

O segundo período inicia com a saída dos holandeses do Brasil e termina em 1808, com a chegada da família real portuguesa no Rio de Janeiro. Nesse período, o panorama muda bastante. O português, sem a concorrência do holandês, passa a manter relação quase que, exclusivamente, com as línguas indígenas e, em seguida, com as línguas africanas, faladas pelos escravos trazidos pelos portugueses. Com o processo de colonização, as línguas gerais caem em declínio, a população, antes, predominantemente, indígena, modifica-se com a presença dos portugueses e dos escravos africanos, afetando as relações linguísticas, com a ressalva de que os portugueses vinham de regiões diversas de Portugal, logo eram falantes de dialetos diferentes.

É relevante enunciar fatos de extrema importância, para o processo evolutivo da língua no território brasileiro, que ocorreram nesse período: o impedimento do uso da língua geral nas escolas pela coroa portuguesa e depois na colônia, por iniciativa do Marquês de Pombal, ministro de Dom José I. Dessa forma, o português, a língua oficial do Estado, passa a ser a língua mais falada no Brasil.

O terceiro momento inicia em 1808, com a vinda da família real para o Brasil, em virtude da guerra com a França e termina com a independência, embora alguns autores utilizem o ano de 1826 para a finalização do período, em virtude da veiculação, no parlamento brasileiro, da questão da língua nacional do Brasil. Além do acréscimo populacional em curto espaço de tempo, é válido ressaltar que, nesse período, a cidade do Rio de Janeiro foi transformada em capital do Império português, foi criada a imprensa e fundada a Biblioteca Nacional, fatos que motivaram renovação nas relações sociais e, conseqüentemente, na questão linguística.

O quarto período começa em 1826, com o português como língua oficial e nacional do Brasil, agora contraindo relações com as línguas de imigrantes, em específico, com as dos alemães que começaram a chegar a solo brasileiro, nos anos de 1818/1820 (Ilhéus e Nova Friburgo). Nesse período, são ressaltadas as discussões sobre o uso da

gramática da língua nacional nas escolas, com o propósito de transformar a língua do colonizador em língua da nação brasileira, sendo constituída a sobreposição da língua oficial e da língua nacional.

A evolução do português no Brasil é perpassada pelas marcas das relações mantidas com o contexto brasileiro da época, tanto que sofreu modificações bem específicas, motivando o pensamento de gramáticos e lexicógrafos brasileiros do final do século XIX sobre a existência de uma língua nacional do Brasil.

Diferentemente, para Silva Neto (1963:73-74), o período de implantação do português no Brasil pode ser dividido em três fases. A primeira, denominada de bilinguismo, demarcada entre 1532 a 1654 e caracterizada pela predominância da língua geral, idioma inerente ao tupinambá e ao tupi antigo. A segunda fase desenvolvida no período de 1654 a 1808 e caracterizada pela disseminação do português por toda a costa brasileira e limitação da língua geral às povoações do interior e aos aldeamentos dos jesuítas. A terceira fase, iniciada a partir de 1808, foi marcada pela “relusitanização”<sup>7</sup> que proporcionou a intensa difusão da língua portuguesa.

A presença da Coroa Real Portuguesa no Brasil trouxe grandes mudanças sociais para o país, tais como: migração de elites rurais e famílias do campo para as cidades, dualidade na classe social (urbano e rural), interferências na linguagem, marcas de outras línguas no léxico, fonética e sintaxe.

O Brasil, com a instalação dos imigrantes europeus no centro e sul de seu território, após a independência do país em 1822, contabilizou muitas influências no português falado no Brasil, o que explica as variações na pronúncia e diversidade dos léxicos existentes entre as várias regiões brasileiras. Esse processo continuou, tanto que, no século XX, com a explosão tecnológica, aumentou a distância entre as variantes portuguesa e brasileira do português.

Atualmente, embora o Brasil possua uma imensidão territorial, com dimensões continentais, a fala popular brasileira apresenta uma relativa uni-

<sup>7</sup> Chegada de cerca de 18 milhões de portugueses ao Brasil

dade, talvez maior do que a fala portuguesa. As variedades dialetais brasileiras quando comparadas com as portuguesas induzem à conclusão de que as brasileiras representam um sincretismo das portuguesas, haja vista que nos dialetos brasileiros é sempre encontrado um ou outro traço regional ou do português padrão europeu, ausentes da língua culta brasileira.

As variantes regionais existentes no Brasil, mas ainda não foram classificadas à semelhança da classificação dos dialetos do português europeu, entretanto, circula, no meio científico, uma proposta de classificação com base em diferenças de pronúncia e na cadência da fala, segundo a qual seriam distintos dois grupos de dialetos brasileiros, o do Norte e o do Sul. O primeiro congregaria as variedades amazônica e nordestina e o segundo abrangeria quatro variedades: baiana, fluminense, mineira e sulina.

## 2. O SINCRETISMO LINGUÍSTICO

A sociedade e a população brasileira, na época da colonização, era, basicamente, composta por portugueses, índios e escravos. Essa composição, com o passar dos anos, foi acrescida por diversos grupos étnicos, imigrantes estrangeiros que, além de contribuírem para a formação do povo, influenciaram a diversidade brasileira no âmbito cultural, social, linguístico, religioso, artístico, entre outros.

Muitos autores observam, sem que haja um consenso, que com a miscigenação cultural e social em terras brasileiras, a língua portuguesa falada no Brasil inicia seu distanciamento da variante lusófona da língua, em específico nos aspectos fonéticos, sintáticos e semânticos.

Naro e Scherre (2007) declaram um posicionamento quando afirmam:

...a língua portuguesa já veio para o Brasil com suas características inapropriadamente denominadas de crioulizantes, que aqui floresceram, regadas por condições sociais, generosas, como uma norma linguística mais branda e flexível, criada no contexto da existência de multilinguismo generalizado e da aquisição

do português como segunda língua. (NARO E SCHERRE, 2007:133).

Nesta perspectiva, é possível afirmar que ainda não foi atingido o conhecimento pleno e amplo sobre as origens do PB, sendo necessários estudos e discussões a respeito da temática, em específico no que tange às causas e influências do distanciamento entre o português do Brasil e o português europeu.

## 2.1 A influência Indígena

A literatura veicula que havia nas costas do litoral brasileiro cerca de 1200 povos indígenas, com falantes de mais de mil línguas diferentes. Delimitando o discurso, veicula também que os portugueses ao chegarem ao Brasil, em 1500, à região de Porto Seguro, Bahia, foram recepcionados por um povo falante de uma língua estranha e desconhecida dos europeus. Tupinaki era o povo e a língua, o tupinambá.

Os primeiros contatos dos portugueses com os habitantes da terra ocorreram com povos de origem tupi que viviam em aldeias constituídas em volta de quatro ou cinco grandes malocas, nas quais podiam ser abrigadas até 400 pessoas que sobreviviam da agricultura, caça e pesca. Os índios eram os “donos” da região e os portugueses queriam conhecer a nova terra, então, a comunicação entre eles foi realizada com a língua indígena. Em tais encontros, preponderava o escambo, ou seja, os portugueses distribuíam artefatos diversos e os índios enchiam as caravelas com o pau-brasil.

No início, poucos europeus ficavam de forma permanente e a maioria, acabava adotando a língua indígena, como também, passavam a viver maritalmente com as índias locais, resultando na geração mestiça - mameluca, falante da língua materna, ou seja, o tupi. A convivência entre índios, mamelucos e portugueses deu origem a língua franca<sup>8</sup>, de base tupi, na época, denominada de língua geral paulista, a qual predominou na província de São Paulo durante cerca de dois séculos, sendo difundida pelos padres

---

<sup>8</sup> Língua franca – expressão latina para língua de contato ou língua de relação resultante do contato e comunicação entre grupos ou membros de grupos linguisticamente distintos para interações diversas.

Jesuítas na catequização dos índios e bandeirantes, em suas incursões para o Brasil, caindo em desuso na segunda metade do século XV.

Em meados do século XVII, surge mais uma língua franca de base tupinambá, denominada de língua geral amazônica ou *nheengatu*<sup>9</sup>, a qual sobreviveu até hoje, sendo falado por cerca de oito mil brasileiros. Mesmo a coroa portuguesa proibindo o uso das línguas gerais e impondo o português como língua oficial, o *nheengatu* conseguiu sobreviver em algumas localidades da Amazônia.

A conscientização da existência de uma unidade dentre inúmeras variantes da língua dos tupinambás motiva o surgimento do tupi, tal como é hoje conhecido: língua geral, unificada, da realidade brasileira dos séculos XVI, XVII e XVIII. Serve de amostra, para o caráter particular da realidade linguística brasileira, a existência de diversos tipos de contato social entre colonizador, índio, negro e imigrante estrangeiro.

A contribuição indígena para o português pode ser constatada no léxico, em específico, no que tange às denominações relativas a cidades, estados, à flora e fauna (Melo, 1981:43) como Andaraí, Brocoió, Cabuçu, Caju, Carioca (Rio), Gamboa, Guanabara, Jacarepaguá, Jurunas, Pariquis, Ipanema, Irajá, Timbó, Pavuna, Tijuca, entre outros.

Para Castilho (2010:180) a contribuição maior para o léxico provém do tupi-guarani, em sua maioria constituída de topônimos e antropônimos. Para o autor, não existe comprovação da influência indígena no âmbito fonológico ou gramatical do português brasileiro, embora existam pesquisas em andamento.

## 2.2 A influência africana

A participação dos africanos, durante a colonização do Brasil, foi efetivada pela condição de “mão de obra” e utilizada nos engenhos de açúcar e nas lavouras de tabaco e algodão. Marcas da cultura africana foram deixadas no território brasileiro, em específico, na língua brasileira.

---

<sup>9</sup> O termo “*nheengatu*” e suas variantes são originários do termo tupi *nhe'engatu* [nẽʔẽŋatũ], que significa “língua boa”.

A influência mais marcante das línguas africanas no português brasileiro, segundo Melo (1981:78), incidiu no âmbito da morfologia. Tal fato pode ser observado pela simplificação e a redução das flexões comuns na fala popular brasileira, como por exemplo, “os homi tá i”, “as prima já chegaro”. Para o pesquisador, a deglutinação e aglutinação dos fonemas, também podem ser consideradas como fenômenos linguísticos herdados das línguas dos africanos como acontece com o “s” do determinante, que se incorpora à vogal da palavra seguinte produzindo uma nova forma autônoma e fecundante, como por exemplo, “zarreio”.

Já segundo Yeda Pessoa de Castro<sup>10</sup>, as influências africanas se fazem perceptíveis na pronúncia rica em vogais da nossa fala (ri.ti.mo, pi.néu, a.dí.vo.ga.do), na tendência a não marcar o plural do substantivo no sintagma nominal (“os menino”, “as casa”), na dupla negação (“não quero não”), no emprego preferencial pela próclise (“eu lhe disse”, “me dê”). Em seu artigo “*A influência de línguas africanas no Português brasileiro*” diz que as línguas de origem africana também influenciaram o português do Brasil, citando como exemplos a incorporação no vocabulário, de palavras relativas a instrumentos musicais (berimbau, cuíca, agogô), à flora (dendê, moranga, jiló), à fauna (camundongo, minhoca, marimbondo), ao corpo humano (bunda, corcunda, banguela), à culinária (mocotó, moqueca, canjica), como também palavras como samba, calango, moleque, quitute, muvuca, quitanda, cafuné entre outras.

### 2.3 A influência do português europeu não padrão

A língua portuguesa falada em Portugal, englobando dialetos regionais, vocabulário, gramática e ortografia, recebe várias designações tais como: português europeu, português lusitano, português ibérico ou, simplesmente, português de Portugal. A chamada “variedade padrão” do português europeu é, segundo alguns autores, constituída pelo “conjunto dos usos linguísticos das classes cultas”, sediadas nas regiões de Lisboa e Coimbra.

<sup>10</sup> Pesquisadora baiana, etnolinguista e especialista em línguas africanas.

Como toda língua, a portuguesa apresenta variações segundo a localização geográfica e/ou o estatuto social dos seus falantes. Sua diversidade dialetal tem sido caracterizada pelos seus principais estudiosos a partir, sobretudo, de características fonéticas diferenciadoras, ou seja, com base no estabelecimento de ‘isófonas’<sup>11</sup>.

O português europeu não padrão também influenciou a língua do Brasil. Os portugueses não trouxeram para o território brasileiro uma língua homogênea, haja vista serem originários de todas as regiões de Portugal, como também, integrantes de diversas classes sociais. Embora não exista consenso sobre as origens dos fenômenos no português brasileiro, para Naro e Scherre (2007:119), é possível a afirmação de que o português europeu distanciou-se do português europeu no decorrer do tempo, não só devido à influência de outras línguas, de dialetos do próprio português europeu, mas, talvez, também, pelo não comprometimento em acompanhar as mudanças ocorridas no português de Portugal desde a colonização até os dias atuais.

Tais autores, acima citados, considerando a língua portuguesa como heterogênea e sujeita à variação, ressaltam alguns fatos linguísticos vinculados ao português falado no Brasil como indícios de variantes do português europeu, com base no fato de eles serem normalmente comparados com a forma padrão da língua.

### 3. O PORTUGUÊS DO BRASIL

A constituição da língua portuguesa foi gradativa e seu processo de implantação como língua oficial em Portugal abrangeu, no decorrer do tempo, diversas mudanças e alterações. O mesmo aconteceu com ela no Brasil.

O idioma, após ser introduzido na época da colonização portuguesa, iniciou seu desenvolvimento pouco a pouco, em busca de espaço, ao lado de outras línguas, como a língua tupi, idioma predominante na época. Atualmente, é grande o esforço descritivo e interpretativo sobre a constituição do português do Brasil, em termos dos processos

---

<sup>11</sup> Som que se assemelha a outro ou que tem o mesmo timbre que outro.

históricos que perpassam a constituição do português do Brasil e seus dialetos, da estrutura gramatical, dos processos de variação no âmbito das cidades e dos territórios.

Esse tópico abrangerá as hipóteses sobre o Português brasileiro, na perspectiva de Castilho (1992) que considerou as evidências das mudanças linguísticas e das transformações ocorridas na/da língua. O estudioso buscando explicações para o processo evolutivo elenca três hipóteses sobre a mudança no PB: evolucionista, crioulista e internalista.

Na teoria evolucionista é defendida a ideia de uma “língua brasileira”, ou seja, assim como o latim deu origem ao português, deste surgiria o brasileiro. Na hipótese crioulista é ressaltada a importância dos contatos linguísticos no Brasil colônia, considerando as línguas africanas e as indígenas como responsáveis pelas mudanças na língua. Na hipótese internalista o português brasileiro é considerado como continuação natural do português europeu, ou seja, tal como aconteceu com o português arcaico em Portugal.

Castilho (2010) ao comentar a tendência da hipótese internalista, evidencia a possibilidade da manutenção da língua portuguesa arcaica no Brasil:

O tipo de língua trazida para o Brasil, os contatos linguísticos com índios, africanos e as línguas de migração, a intensa urbanização do país e o avanço da fronteira agrícola, misturando os falares sulistas aos nordestinos, tiveram como resultado muito provavelmente a manutenção do português arcaico do século XV, com pequenas contribuições trazidas pelos não-falantes do português. Era esse o momento histórico da língua praticada pelos portugueses que embarcaram para cá (CASTILHO, 2010:192).

O próprio Castilho (2010) enuncia que a hipótese evolucionista já foi abandonada tempos atrás, restando na roda das discussões se as hipóteses crioulista e internalista. A hipótese de crioulistização da língua portuguesa no Brasil é confrontada pela hipótese internalista, cuja funda-

mentação incide na existência, segundo dados históricos, de fenômenos considerados crioulos por alguns autores, mas presentes no português europeu veiculado no Brasil durante o processo de colonização. O autor concorda com a distinção entre as duas formas linguísticas e justifica:

É inegável, porém, que constituímos uma estrutura linguística comum e que, em conseqüências, fazemos parte do mesmo domínio linguístico, alias ainda mais vasto, pois engloba territórios de África e Ásia. As palavras fundamentais – nomes de parte do corpo, de parentesco, os numerais, os verbos que indicam as ações essenciais à vida, as partículas – são todas de boa cepa lusitana. As flexões são idênticas: morfemas de número (o-s); e gênero (o-a); de grau (-simo); as desinências pessoais e temporais dos verbos não diferem cá de lá. A estrutura da frase é fundamentalmente a mesma (SILVA NETO, 1963:20).

Com essa perspectiva, é possível afirmar que a língua portuguesa é utilizada tanto pelo Brasil como por Portugal, embora, em cada país, apresente variações em termos de regiões, usuários, contexto social que suscitam a distinção entre elas.

A literatura circulante, considerando o modo de relação da língua portuguesa com as demais línguas praticadas no Brasil, estabelece para o processo de implantação, quatro períodos significativos distintos, durante os quais o português brasileiro sofreu profundas mudanças para chegar ao português falado hoje, embora esteja num processo de construção de sua própria identidade, pois ainda não é uma língua autônoma; será um dia, se depender do esforço de linguistas que se debruçam sobre as raízes da língua. Um deles, Marcos Bagno, em congressos e seminários realizados pelo Brasil, sempre afirma que o português falado hoje no Brasil é diferente do português lusitano e declara que “O cientista tem de assumir uma postura política e ideológica; tem de declarar suas explicitamente crenças e seus valores. Não existe ciência neutra. Não existe nada que se faça em sociedade que não seja de forma política<sup>12</sup>”.

<sup>12</sup> Entrevista para o Jornal Opção, no dia 13.06.2015 - Jornal Opção - Trindade Goiás

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi realizada uma abordagem acerca da língua portuguesa no Brasil, traçando, em breves palavras, o percurso desde o período colonial até os dias atuais. Assim, foi tratada a formação do português brasileiro (PB), abrangendo origens, consolidação no período de colonização, influência de outros idiomas, bem como o processo de implantação da língua portuguesa como idioma do Brasil.

Com tal percurso, foi possível evidenciar que o português falado no Brasil teve uma formação singular, é marcado pelos contatos diversos com outras línguas, o que se reflete no seu léxico. Tais contatos envolveram vários aspectos sociais e culturais do território e se constituíram como essenciais para o que hoje chamamos de português brasileiro.

Pode-se dizer que as singularidades atribuídas ao português brasileiro abrem espaço para discussões sobre a identidade autônoma do idioma falado no território nacional. É inegável que a língua portuguesa serviu de instrumento de interação entre o colonizador branco e povos que viviam no Brasil, sejam índios, africanos e imigrantes, falantes de línguas diversas. Essa interação, de certa forma, promoveu a diversidade linguística de ontem e hoje.

Falar em diversidade linguística no Brasil requer o reconhecimento de que o Brasil é um país de grande extensão territorial, com população heterogênea em vários aspectos, cultura diversificada e de importante estratificação social. Tal reconhecimento implica na constatação de que o português se diversifica em falares regionais específicos ou registros distintos segundo situações comunicativas específicas e adequadas aos contextos sociais.

Na verdade, fica evidente a necessidade de estudos aprofundados do português do Brasil, com foco para uma língua efetivada num espaço multilíngue.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Gramática histórica: do latim ao português brasileiro*. Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

CAMARA JR. J. M. *Dicionário de linguística e gramática*: referente à língua portuguesa. 28º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CASTILHO, A. T. de. O Português do Brasil. In: ILARI, R. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

DALTO, V. L. Origens do português brasileiro: hipóteses sobre a sua formação. *Revista Linguagem*, São Carlos, v.30, n.1, p. 205- 225, 2019.

GARCIA, E. F. O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e sua aplicação na América Meridional. *Dossiê da Revista Tempo*, abr./mai., p.23-38, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a03>. Acesso em 24 junh. 2020.

HAUY, A. B. Origem e Formação da Língua Portuguesa. In: SPINA, S. (org). *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

ILARI, R; BASSO, R. *O português da gente*: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006. (p. 151-196).

MELO, G. C. *A língua do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

MELO, G. C. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

NARO, A. J; SCHERRE, M. M. P. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

NETO, S. S. *Introdução ao estudo da língua Portuguesa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1963.

OLIVEIRA, M. S. D. *Análise sintática do português falado no Brasil* (Vol. 1). Rio de janeiro: Multifoco, 2010.

SENA, B. M. *As Características do Português Brasileiro*: as diferenças entre o Português culto e o Português falado. 14 f. Belém/Pará. 2019.

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A MORFOLOGIA DO PORTUGUES BRASILEIRO: USO DOS PRONOMES

Adonai da Silva de Medeiros  
Layse Dalmácio dos Reis  
Malena Pinheiro da Silva

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É evidente, no meio social, o prestígio da língua escrita formal sobre a língua falada. Entretanto, a fala tem ocupado o centro das pesquisas linguísticas atuais, sobretudo com a ascensão e conseqüente estabelecimento da sociolinguística, a qual introduziu a ideia de que “a língua falada é que é a verdadeira língua natural, a língua que cada pessoa aprende com sua mãe, seu pai, seus irmãos, sua tribo, seus grupos sociais etc.” (BAGNO, 2004: 24).

Diante disto, as concepções que propõem a padronização da língua, como tentativa de torná-la correta e uniforme constroem preconceitos, pois as variações linguísticas são consideradas como erradas ou inferiores à língua modelo, concebida como correta pelos gramáticos normativos. Neste sentido, a problemática de privilegiar uma língua em detrimento de outra se estende a vários aspectos da linguagem, atingindo elementos linguísticos, dentre eles, o uso dos pronomes pessoais na língua falada no Brasil, sobre os quais são criados preconceitos, com base no que é proposto nas gramáticas normativas em termos de correção, haja vista que, segundo o preconizado por elas, tais pronomes não sofreram transformações, portanto, o uso diferente está errado.

Tomando como base, as ideias de grandes autores que teorizam sobre a língua, tanto escrita quanto falada, tais como Cunha e Cintra

(2001), Castilho (2012), Perini (2010), Bagno (2007) e Labov (2007), os quais, com vieses diversificados, se debruçam sobre a descrição da língua e as proposições inscritas nas gramáticas, ilustrando, assim, suas posições sociolinguísticas. O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre um aspecto importante da morfologia do Português Brasileiro, doravante PB: a utilização dos pronomes, a partir da observação e análise da fala de dois sujeitos entrevistados.

Para tanto, o artigo, além das considerações iniciais e as finais, é composto de quatro tópicos. No primeiro estão inseridos os resultados de uma breve reflexão sobre a sociolinguística; no segundo, são explicitados os fundamentos teóricos inerentes à perspectiva diacrônica do PB e sua morfologia; no terceiro, estão alocados comentários sobre as gramáticas descritivas e normativas e, no quarto, os resultados das observações e análises realizadas.

## 1. REFLEXÃO SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA

Segundo Labov (2007: 221), nada mais normal do que haver diferentes formas de enunciar uma determinada frase, em termos fonológicos ou sintáticos, fato justificável, ao ser retomada a definição de fala de Saussure (2012), como sendo um ato individual de vontade e inteligência de combinação/realização da língua, que, contraposto ao sistema linguístico, não é passível de descrição; ou seja, o falante, segundo Labov (2008), movimenta-se de um sistema consistente para outro, pois “tudo o que acontece numa língua viva, falada por seres humanos, tem uma razão de ser.” (BAGNO, 2009:44), uma vez que ninguém conhece melhor o funcionamento da língua do que o próprio falante nativo (*Op. cit.*, p 47).

Deste modo, a manifestação das variações linguísticas, em qualquer língua viva, torna-se justificável, pois, segundo Labov (2008), a variação linguística é desencadeada por inúmeros fatores, não apenas pelos fatores de *alternância estilística*. Certo é que há uma escolha de estilo, no entanto, tal escolha do enunciado sofre influência de outros enunciados. Assim, questões como fatores sociais, econômicos, geográficos, históricos, de

escolaridade, idade, sexo etc. influenciam a língua e, conseqüentemente, a manifestação da variação na língua.

Labov (2008) assevera que a dinamicidade interacionista social, na qual a língua está inserida, é um fator de extrema importância para a variação linguística, pois os interlocutores ativos põem a língua em funcionamento. O autor afirma que as forças sociais sobre as formas linguísticas concentram duas instâncias: *as pressões vindas de cima* e *as pressões vindas de baixo*:

(...) por *baixo* entendemos “abaixo do nível da percepção consciente”. As pressões vindas de baixo operam sobre sistemas linguísticos inteiros, em resposta a motivações sociais que são relativamente obscuras e mesmo assim têm a maior importância para a evolução geral da língua. (LABOV, 2008:152).

Deste modo, as diferentes manifestações linguísticas dentro de uma mesma comunidade de fala, tanto em nível macro quanto em micro, sofrem influências diversas que conduzem o modo comportamental linguístico a ser desempenhado, como afirma Bagno (2007), a variação estilística não diz respeito apenas à situação de fala, mas também à situação de escrita.

## 2. A PERSPECTIVA DIACRÔNICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E SUA MORFOLOGIA

Antes das análises das gramáticas e das entrevistas, é necessária a compreensão sobre a morfologia e a perspectiva diacrônica da língua. Nesse sentido, os estudos de Margotti e Margotti (2011), Dubois *et al* (2014) e Silva e Koch (2001) servirão de base para a compreensão das modificações das línguas naturais, especificamente do Português Brasileiro (doravante PB).

De acordo com Margotti e Margotti (2011), a morfologia é a parte da linguística que descreve as formas das palavras, ou o estudo da estrutura interna das palavras; investiga, em grande parte, os processos nos quais é acrescentado um segmento a outro existente, a fim de

modificar o sentido, além disso, há, também, a classificação de palavras (substantivos, pronomes, verbos, preposição etc.), contudo, esse aspecto também considera as questões semânticas e sintáticas, semelhante ao significado aderido por Dubois *et al* (2014):

A morfologia é a descrição, ao mesmo tempo, das regras da estrutura interna das palavras e das regras de combinação nos sintagmas em frases. A morfologia se confunde, então, com a formação de palavras, a flexão e a sintaxe e opõe-se ao léxico e à fonologia. (Dubois, 2014:422)

Neste sentido, a morfologia dificilmente será abordada desconsiderando as demais áreas, pois a sua ação interfere em outras questões linguísticas dentro de um enunciado, como o aparecimento de novos pronomes como o *a gente* (primeira pessoa do plural) que não concorda como a primeira pessoa do plural *nós*, por exemplo:

- a. Nós fomos ao parque;
- b. A gente foi ao parque.

Logo, é percebido que as alterações sintáticas e semânticas dentro do enunciado que, aparentemente, passam uma mesma mensagem; todavia, ao usar o *a gente* ao invés do pronome *nós*, nota-se que a oração modifica a flexão do verbo *ser* que não ficará mais no plural, além de possuir um caráter mais informal, pois, na maioria das vezes, o falante emprega em ambientes mais informais. Nessa perspectiva, deve-se adentrar ao estudo diacrônico para assimilar como o tempo e as modificações históricas influenciam a estrutura morfológica das línguas naturais.

É válido ressaltar a existência de inúmeras significações do termo diacronia, para assim adentrar, adequadamente, aos estudos diacrônicos do português falado no Brasil. Sabe-se que apesar de a linguística histórica já haver reconhecido aspectos dos estudos diacrônicos, foi Saussure, no século XIX, em seu livro *Curso de Linguística Geral*, que especificou e diferenciou sincronia e diacronia, colocando-as como dicotomias da língua.

A diacronia apresenta as relações entre fenômenos que foram se modificando com o passar tempo, isto é, não estuda as relações entre os termos coexistentes, mas a relação dos termos sucessivos, que se substituem uns pelos outros ao longo do tempo, para tanto, Saussure afirma:

Com efeito, a imobilidade absoluta não existe; todas as partes da língua estão submetidas à mudança; a cada período corresponde uma evolução mais ou menos considerável. Esta pode variar de rapidez e intensidade sem que o princípio mesmo seja enfraquecido; o rio da língua corre sem interrupção; que seu curso seja tranquilo ou caudaloso é consideração secundária (SAUSSURE, 2012:193).

O autor alega ser improvável que qualquer língua fique imóvel, as modificações linguísticas são inevitáveis, sejam elas rápidas ou tardias. Nesse sentido, o PB já sofreu inúmeras alterações desde a chegada dos colonizadores no Brasil, principalmente se for considerada a diversidade linguística, em vista da vinda de africanos, alemães, italianos, franceses, unida às línguas indígenas presentes no Brasil.

Desse modo, o PB é repleto de alterações linguísticas que podem ser estudadas, assim como o objeto de estudo em questão, os pronomes, haja vista que esses são corriqueiramente utilizados pelos falantes. Ao analisar essa classe de palavra, percebe-se a diversidade que ela possui, considerando, principalmente, a inserção do *você* e do *a gente*, ainda não aceitos pela gramática normativa, por considerar o português europeu. Entretanto, deve-se destacar que a evolução dos pronomes vem ocorrendo muito antes da chegada do português no Brasil.

De acordo com Faraco:

(...) no caso da diacronia do sistema de tratamento do português, temos um conjunto de dados que fornecem um exemplo interessante de como fatores sociais e estruturais (externos e internos) podem se combinar para desencadear uma cadeia de mudanças na língua. E, nesse sentido, constituem um acervo empírico interessante para as abordagens teóricas que,

no trato da mudança linguística, procuram, sem desconsiderar a imanência, olhar a língua também como realidade integrada à vida da sociedade em que ela é falada; abordagens teóricas que operam sob o pressuposto de que a heterogeneidade da sociedade e alterações em sua organização repercutem na estrutura da língua e funcionam como elementos estimuladores de mudanças (FARACO, 2017:114).

Seguindo este raciocínio, o pronome *voçê* é um dos mais estudados pela linguística histórica, talvez por ter sido um dos que mais sofreu modificações, já que sua forma inicial era *Vossa Mercê*, forma de tratamento utilizado na época da aristocracia. Abaixo, encontra-se a evolução do pronome:

1. Vossa Mercê > vossemecê > vosmecê > vosm'cê > voscê > voçê

Segundo Faraco (1996), o pronome *vossa mercê* era dirigido, principalmente, à burguesia; com o passar dos anos, a população menos favorecida começou a usá-lo também. Hoje esse pronome é comumente utilizado em tratamento mais íntimo, deixando a segunda pessoa, tu, restrito a certas variações regionais. É válido ressaltar que esse pronome continua em modificação, como o exemplo abaixo:

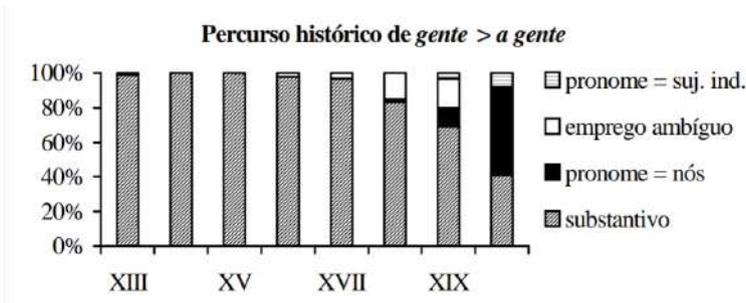
2. Voçê > ocê > cê

Essa evolução é mais perceptível na fala, visto que na escrita é pouco utilizado em vista do nível de aceitabilidade. Mas, essa modificação pode ser vista nas redes sociais, pois, na internet, as variações têm uma aceitação maior, em vista do *internetês* que hoje influencia, de diversas formas, as línguas naturais, agregando ao PB inúmeras palavras desse dialeto, como: *bj*, *xau*, *blz*, *flw*, entre outros.

Outro pronome que teve um gradual processo de pronominalização foi o *a gente*, cuja forma original *gente* era definida como substantivo. Segundo Lopes (2003), as primeiras localizações de ocorrência de *a gente* como pronome foi no século XVIII, anterior a isso há só casos esporádicos em que a forma *a gente* apresenta ambiguidade interpretativa, isto é,

poderia ser considerada tanto como sinônimo de pessoas quanto variante de *nós*. Ademais, a autora acrescenta que essas ocorrências esporádicas começam a ter mais força a partir do século XVI.

Abaixo, segue o gráfico criado pela autora, para que se possa identificar o percurso histórico do *a gente*.



Fonte: Lopes (2003)

Pode ser percebido que o trajeto lento e gradual para que hoje, no século XXI, esse pronome estivesse completamente gramaticalizado. Entretanto, a autora pontua que:

ao se analisar os diferentes estados da língua, observa-se uma perda gradativa e não instantânea dos traços formais através dos séculos. Isso pode referendar a perspectiva da dinamicidade da mudança vista como um continuum e, não uma mera sucessão de sistemas homogêneos e unitários. (LOPES, 2003:65).

Desse modo, é possível destacar o fato de que as modificações nas línguas ocorrem gradual e lentamente, mas que não deixam de existir, pois os acontecimentos históricos e socioeconômicos de uma nação influem em sua língua vernácula, valendo ressaltar que tal evolução não é bem recebida pelos gramáticos normativos do Português.

### 3. AS GRAMÁTICAS DESCRITIVAS E NORMATIVAS

O aporte teórico para discorrer sobre as Gramáticas Descritivas incidiu nas ideias de Castilho (2012) e Perini (2010), sobre os pronomes, tendo como maior foco os pronomes pessoais.

Para Castilho, os pronomes pessoais do PB contemporâneo referem-se a duas pessoas do discurso, isto é, representam a primeira pessoa do discurso *eu*, referindo-se a quem está falando e a segunda pessoa *você* representando a pessoa com quem se fala. Para o autor, a terceira pessoa “não representa um participante da conversa, ela apenas remete ao assunto” (CASTILHO, 2012:98).

Castilho (2012) afirma que as transformações demonstradas nos estudos atuais referentes às primeiras e segundas pessoas, tanto do singular quanto do plural, demonstram que as pessoas do singular configuram-se no PB formal em, *eu, tu/você, o senhor, a senhora, ele/ela e*, no PB informal em, *eu/a gente, você/ocê/tu, ele/ei, ela*; nas pessoas do plural, no PB formal, têm-se *nós, os senhores, as senhoras, vocês e vós* (de uso muito restrito), no PB informal, *a gente, vocês/ocês/cês, eles/eis, elas*.

É importante destacar que a expressão nominal indefinida *a gente* tem ganhado força tanto no singular quanto no plural, tendo maior recorrência no plural. Ademais, na segunda pessoa, singular e plural, a forma *você* tem sido predominante sobre a forma tradicional *tu*, exceto em algumas regiões do Brasil. Abaixo, segue uma adaptação da tabela dos pronomes do PB segundo Castilho (2012).

Tabela dos Pronomes segundo Castilho (2012)

<b>Pronomes pessoais formais:</b> 1 P. S.: Eu, a gente 2 P. S.: Você, tu, o senhor, a senhora 3 P. S.: Ele, Ela 1 P. P.: A gente, nós 2 P. P.: Vocês, os senhores, as senhoras, vós (de uso restrito) 3 P. P.: Eles, elas	<b>Pronomes pessoais informais:</b> 1 P. S.: eu/a gente 2 P. S.: você/ocê/cê/tu 3 P. S.: ele/ei, ela 1. P. P.: a gente 2 P. P.: vocês/ocês/cês 3 P. P.: eles/eis, elas.
<b>Pronomes pessoais – complementos:</b> 1 P. S.: Me, mim, comigo 2 P. S.: Te, ti, contigo, o senhor, com a senhora 3 P. S.: Lhe, se, si, consigo, o/a (em desaparecimento) 1 P. P.: Nos, conosco 2 P. P.: os senhores, as senhoras 3 P. P.: Lhes, se, si, consigo, os/as (em desaparecimento)	<b>Pronomes demonstrativos:</b> Identidade precisa: este, esta/esse, essa; aquele, aquela; mesmo, mesma; próprio, própria. Identidade vaga: isto-isso; aquilo; o (neutro, como em o que eu quero dizer é...); semelhante. Alteridade: outro; tal.
<b>Pronomes possessivos:</b> 1 Pessoa: Meu /Nosso 2 Pessoa: Seu/ Seus 3 Pessoa: Dele/Deles	<b>Pronomes relativos:</b> Qual, quem, que (este está ganhando força e se tornando o pronome relativo universal)

Fonte: adaptação dos autores

Perini (2010) classifica os pronomes pessoais como sendo os itens *eu, você, tu, ele (ela) nós, vocês, eles (elas)*, além de *se*; as formas *eu* e *me* são consideradas variantes do mesmo pronome; *eu* é denominado forma reta e *me*, forma oblíqua. Desse modo, o autor discorre sobre tais pronomes e suas formas oblíquas, além do posicionamento dos pronomes no sintagma.

O autor, ao discorrer sobre a gramática produzida por ele, afirma que “na variedade do português brasileiro descrita neste livro – a do sudeste – não se usa o pronome *tu* e suas formas oblíquas *tí*, e *-tigo*. Mas em grande parte do Brasil esse pronome é de uso recorrente”. Esta afirmação é proposta para destacar a relação do pronome *tu* e seu emprego no contexto de uso.

Para discorrer sobre as Gramáticas Normativas recorreu-se aos posicionamentos de Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2001) sobre os pronomes pessoais.

Para Rocha Lima, o pronome é a palavra que denota o ente, ou a que ele se refere, considerando-o apenas como uma pessoa do discurso, ou seja, “pronomes pessoais são palavras que representam as três pessoas do discurso, indicando-as simplesmente, sem nomeá-las” (ROCHA LIMA, 2011: 157). Segundo o autor, os pronomes que exercem a função de sujeito na oração são chamados de retos e os pronomes que desempenham papel de complemento do verbo são denominados oblíquos, possuindo formas átonas e tônicas.

É importante destacar que, conforme o proposto pelo autor, há, ainda, o emprego dos pronomes *o, a, os, as* em substituição a substantivos que, desde não precedidos de preposição, completam o regimento de um verbo. As formas *lhe, lhes* representam substantivos regidos das preposições *a* ou *para* e as formas *se* e *si*, apesar de serem classificados pelo autor como pronomes pessoais átonos e tônicos, são ditos como reflexivos visto que só podem ser usados em relação ao próprio sujeito do verbo. Existem, no entanto, alguns pronomes de segunda pessoa que requerem para o verbo terminações da terceira pessoa.

Tabela dos pronomes pessoais

Pronomes oblíquos		
	Átonos	Tônicos
<b>1 P. S.:</b> Eu	<b>1 P. S.:</b> me	<b>1 P. S.:</b> mim
<b>2 P. S.:</b> tu	<b>2 P. S.:</b> te	<b>2 P. S.:</b> ti
<b>3. P. S.:</b> ele/ela	<b>3. P. S.:</b> o, a, lhe, se	<b>3. P. S.:</b> ele, ela, si
<b>1 P. P.:</b> nós	<b>1 P. P.:</b> nós	<b>1 P. P.:</b> nós
<b>2 P. P.:</b> vós	<b>2 P. P.:</b> vós	<b>2 P. P.:</b> vós
<b>3 P. P.:</b> eles/elas	<b>3 P. P.:</b> os, as, lhes, se	<b>3 P. P.:</b> eles, elas, si

Fonte: Rocha Lima (2011)

Para Cunha e Cintra (2001, p. 276), os pronomes pessoais são determinados por:

1. denotarem as três pessoas gramaticais, ou seja, tem a capacidade de indicar: *quem fala* (eu, singular; nós, plural), *com quem se fala* (tu, singular; vós, plural), *de quem se fala* (ele/ela, singular; eles/elas, plural);
2. função anafórica, quando na 3.<sup>a</sup> pessoa, isto é, retomarem expressão anteriormente dita;
3. sofrerem variação de acordo com função que desempenham na oração, e a acentuação que recebem.

Os autores tratam também das formas dos pronomes pessoais, quanto à sua *função* (retos, enquanto sujeito da oração, ou oblíquos, enquanto objeto direto e indireto) e a *acentuação* (átonas e tônicas). Sobre os pronomes pessoais retos, destacam: do singular, 1.<sup>a</sup> pessoa (*eu*), a 2.<sup>a</sup> pessoa (*tu*), a 3.<sup>a</sup> pessoa (*ele, ela*); do plural, 1.<sup>a</sup> pessoa (*nós*), 2.<sup>a</sup> pessoa (*vós*), 3.<sup>a</sup> pessoa (*eles, elas*). No referente aos pronomes pessoais oblíquos não reflexivos, tem-se: 1) átonos: das três pessoas do singular: *me, te, o, a, lhe*; das três pessoas do plural: *nos, vos, os, as, lhes*; 2) tônicos: das três pessoas do singular: *mim, comigo, ti, contigo, ele, ela*; das três pessoas do plural: *nós, conosco, vós, convosco, eles, elas*.

No que tange aos pronomes reflexivos e recíprocos, Cunha e Cintra (2001, p. 279-280) afirmam que as formas reflexivas de 3.<sup>a</sup> do singular e do plural são *se, si e consigo*, nas outras pessoas, são empregadas as formas *me, te, nos e vos*. Sobre os pronomes recíprocos, os autores apontam as formas *nos, vos e se*. Para diferenciar os reflexivos dos recíprocos, dizem que se deve acrescentar: *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo etc.*, para os reflexivos; e *um ao outro, uns aos outros, entre si*, para os recíprocos. Sobre os pronomes de tratamento, Cunha e Cintra (2001:289), afirmam que são “certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você, o senhor, Vossa Excelência*.”

## 4. RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES E ANÁLISES

O falante, de acordo com Labov (2008), movimenta-se de um sistema consistente para outro, pois “tudo o que acontece numa língua viva, falada por seres humanos, tem uma razão de ser.” (BAGNO, 2009:44), uma vez que ninguém conhece melhor o funcionamento da língua do que o próprio falante nativo. Ora, como bem há de se atentar, o acontecer da língua viva manifesta a transação que está ocorrendo com o uso dos pronomes do PB, de modo que o processo como já visto, é atual e reflete a consistência da variação linguística, ou seja, a regra (no sentido de regularidade) da variação.

Foram entrevistadas dois alunos da mesma instituição de ensino superior, residentes em Belém. Um do sexo masculino, jovem, cursando Licenciatura em Matemática, doravante S1MJSMt e o outro do sexo Feminino, jovem, cursando Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, doravante S2FJSLp.

Apenas duas perguntas foram feitas, considerando o teor das mesmas, com o objetivo de propiciar aos entrevistados um clima satisfatório e adequado para a emissão das respostas.

1. O curso correspondeu às suas expectativas? Justifique.
2. O que você gostaria de modificar aqui no Centro de Ciências Sociais e Educação?

É claro que foi considerada a afirmação de Labov (2007) sobre a adequação do questionário em termos de contextualização, abrangendo a vivência e experiência do sujeito, a fim de que possa sentir-se confortável em responder, isto é, as perguntas devem gerar uma atmosfera propícia para que o sujeito entrevistado preste menos atenção possível no modo como fala.

Para que melhor se pudesse comparar as falas dos sujeitos e comentar sobre elas, trechos de suas respostas foram enunciados de modo intercambiável, ligados por meio de comentários sobre o objetivo do trabalho em questão.

Um trecho da resposta do S1MJSMt para a primeira pergunta (O curso correspondeu às suas expectativas? Justifique.):

“(…) **eu** achei muito interessante porque **o curso ele** consegue abranger a matemática e o ensino, principalmente a parte do ensino, já que é uma licenciatura, **a gente** tem matérias como a FAN (Fundamentos da Aprendizagem da Avaliação da Matemática), **que a gente** tem que aprender, **que a gente** aprende a como, basicamente, a como dar aula pro aluno, o que que o aluno pode pensar, **que a gente** também vê se os documentos oficiais, como a BNCC, **e essas coisas** (...) (sic)”<sup>13</sup>

Observa-se que, para enaltecer o sujeito da oração (“o curso”), o entrevistado vale-se, mesmo que tenha expressado fonologicamente, do uso do pronome pessoal de terceira pessoa do singular (“ele”), de modo que essa construção sujeito + pronome pessoal evidencia a necessidade pela marcação do especificador da oração, corroborando com o que afirma Oliveira (2010:94), sobre o português ser uma língua *pro-drop*, que permite a queda do nome (categoria que engloba o sujeito). Entretanto, como se observa no primeiro destaque do trecho da entrevista, em se tratando de PB, há um preenchimento no especificador, de modo que dois Sintagmas se comportam como sujeito, no caso em questão, um Sintagma Determinante (“o curso”) e ao lado deste tem-se o pronome (“ele”), o que indica uma diferença entre PB e o Português Europeu.

No que tange aos quatro destaques seguintes, nota-se que se referem ao uso de “a gente”, enquanto pronome de primeira pessoa ou do singular (em contexto informal) ou do plural (em que, no contexto informal, o pronome em questão sobrepõe-se ao pronome “nós”), com o acréscimo, nas aparições de segunda a quarta, de um pronome relativo “que”.

Poderia gerar confusão no tocante ao uso da expressão pronominal “a gente”, uma vez que pode representar tanto, no âmbito informal, o singular ou o plural, contudo, no caso em questão, isso não ocorre, pois, e aqui vale o que diz Oliveira (2010:89) sobre o *Sujeito Referência Indefinida (Arbitrária)*, sobretudo quando é de forma “Explícita”, ou seja,

<sup>13</sup> Para efeito de melhor visualização, deixaremos as respostas em parágrafos separados, em itálico e entre aspas. Para enaltecer determinada(s) palavra(s), deixaremos sem itálico e em negrito. Externamos também que preservaremos construções próprias da fala.

com o pronome “a gente”, duas possibilidades de leitura podem ser encontradas: uma em que o entrevistado faz referência a si na primeira pessoa do singular, quando o contexto é informal<sup>14</sup>; outra em que o entrevistado, incluindo-se no grupo, refere-se aos discentes do curso de Licenciatura Plena em Matemática em geral ou à turma da qual faz parte. Desta forma, é gerada uma indefinição acerca de quem se fala, além do mais, os verbos “ter” e “ver”, em relação ao pronome em questão, não se flexionam em número.

Semelhante fato ocorre com a resposta à mesma pergunta do segundo sujeito entrevistado (S2FJSLp), conforme um trecho da entrevista:

*‘Eu, olha, eu entrei, assim, desde pequena eu sempre quis, né, fazer Letras – Língua Portuguesa, mas a gente tem uma noção totalmente diferente, quando a gente tá lá fora, né(...)’.*

Note-se que há uma forte marcação da forma tradicional e comum do pronome de primeira pessoa do singular (“eu”), como uma necessidade discursiva de preenchimento do sujeito, logo após isso, nota-se que o pronome “a gente” substitui o “eu”, de modo que, com o seu surgimento, provoca a indefinição sobre quem tem a perspectiva “totalmente diferente” acerca do curso, sendo esvaziada a marcação no que referente ao sentido do sujeito pronominal.

Retornando à fala do S1MJSMt, sobre o pronome relativo “que”, é possível assinalar que, prevalece sobre os outros, ganhando posição de preferido no ato da fala, que surge como uma “encaixada”, um tópico de introdução e/ou uma retomada da ideia já expressa, isto é, a ideia de que o curso correspondeu às expectativas do sujeito entrevistado.

Em se tratando do último destaque desse trecho, o pronome demonstrativo “essa”, vê-se que, como bem aponta Castilho (2012), há uma importância maior no que se refere ao conteúdo expresso, que recai sobre o pronome “essa”, isto é, trata-se de uma “identidade precisa” das “coisas” boas que é de conhecimento de ambas as partes, do entrevistado e dos entrevistadores, tal como acontece na resposta à

---

<sup>14</sup> Ver tabela adaptada dos pronomes de acordo com Castilho (2012)

segunda pergunta (“o que você gostaria de modificar aqui no Centro?”), em que o entrevistado diz: “*Olha **essas** coisas, na verdade, eu acho que eu tô satisfeito com a UEPA assim*”, de modo que o pronome demonstrativo “*essas*” refere-se à estrutura física da instituição.

Ainda sobre o pronome “*essas*”, a S2FJSLP, em resposta à segunda pergunta, diz:

“(…) *porque a gente* não precisa ficar se deslocando pra pegar o ônibus, *essas coisas* (...)”.

Note-se que, outra vez, há a introdução do *sujeito* (pronome) *de referência indefinida (arbitrária)* “a gente”, em que sua identidade é vaga justamente porque pode ser apenas quem fala, ouve, ou aqueles que compõem a turma da entrevistada, os discentes do Centro (o que parece o mais provável, dado ao contexto) no geral. O pronome demonstrativo, que busca dar precisão à identidade da coisa de que se fala, produz o efeito de ser comum o conhecimento acerca das coisas boas oferecidas pelo CCSE, além da construção ser igual “*essas coisas*”.

Vale pontuar algumas considerações, estritamente, sobre os pronomes “a gente”, “eu” e “essa”: observando-se bem, ver-se-á que antes de “a gente” ser introduzido no discurso, o pronome “eu” estabelece uma posição sobre o sujeito que fala, após a consolidação da posição do sujeito “eu”, observa-se que a expressão pronominal “a gente”, além de consolidar o sujeito “eu”, uma vez que o “eu” está incluído no seio do novo pronome, busca abranger as fronteiras da primeira pessoa do singular, isto é, há um “nós” que pode ser tanto o “eu” quanto o “tu/você” e o “ele(s)”, de modo que na ideia defendida pelo “a gente/eu” é (re)conhecida tanto do sujeito com quem se fala quanto do não sujeito (o “ele”, que pode ser o mais genérico possível). Ocorre, portanto, uma expansão controlada do(s) sujeito na medida em que a ideia expressa é de sabedoria comum.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o uso dos pronomes é de suma importância para o Português Brasileiro, haja vista que possibilita a visibilidade às frequentes

mudanças que a língua sofre, ao viver em constante modificação. Todavia, notou-se, durante a elaboração desse artigo, que ainda não há o pleno (re)conhecimento de tal transformação pelos gramáticos normativos, os quais insistem em confirmar isso, por meio de quadros que não apresentam as mutações sofridas há décadas e que não acompanham o Português Brasileiro atual, logo, deve-se pontuar, também, que há um problema com as gramáticas descritivas, visto que ainda não consideram os aspectos diacrônicos da língua.

Pode-se afirmar que tais modificações nos pronomes são evidentes a partir das análises de dados das entrevistas, nas quais, a fala dos entrevistados apresenta o uso do *você*, *a gente* e o pronome relativo *que* aparecendo com grande frequência. Entretanto, o uso desses pronomes ainda é estigmatizado pela gramática tradicional, mesmo que esses sejam muito utilizados pelos brasileiros.

Por fim, se os gramáticos brasileiros assumirem uma perspectiva sincrônica e, também, diacrônica da língua, os problemas de reconhecimento dos atuais pronomes brasileiros serão resolvidos, pois inspirarão os professores de língua portuguesa a ensinarem aos seus alunos não somente eu, tu, ele (a), nós, vós e eles (as), como também os pronomes do Português Brasileiro, falados no dia a dia, seja em ambiente formal ou informal.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia na variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. *Português ou brasileiro? um convite à pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CASTILHO, A.T. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português contemporâneo*. 3ª ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUBOIS, J; *et al. Dicionário de Linguística*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 3 n. 2, jul-dez., 2017. p. 114-132. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/17150/10437>. Acesso em: 10 dez. 2019.

FARACO, C. A. *O tratamento você em português: uma abordagem histórica*. 13ª ed. Curitiba: UFPR, 1996, (p. 51-82).

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, C. R. S. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, v.18, p.174, 2003.

MARGOTTI, F. W. MARGOTTI, R. C. M. *Morfologia do Português*. Florianópolis: UFSC, 2011.

OLIVEIRA, M. S. D. *Análise Sintática do Português falado no Brasil*. vol 1. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

## A IDENTIDADE LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Elisa Maria Pinheiro de Souza

### INTRODUÇÃO

O homem comunica suas ideias, emoções e sentimentos pela linguagem, linguisticamente concebida como “capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um sistema de signos vocais” (Dubois, 2007). Esse sistema de signos vocais, utilizado por um determinado grupo social é denominado de língua. Para Ferdinand de Saussure a língua é “um produto social da faculdade de linguagem, conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social, a fim de permitir o exercício desta faculdade entre os indivíduos.” O autor distingue língua e fala, compreendendo a última como “um ato individual de vontade e de inteligência” do falante. A escrita, principal fator de conservação linguística, constitui-se de formas específicas utilizadas no ato de escrever.

Pelo senso comum, o termo palavra pode ser definido como o conjunto de letras ou sons de uma língua, à qual é acrescida uma ideia. Com a função de representar partes do pensamento humano, constitui-se como elemento muito importante da língua, pois representando a organização do mundo dos seres, refere-se a tudo o que gravita ao redor deles, permitindo-lhes a expressão. Em relação a essa definição, é possível pontuar que a palavra é unidade básica de interação, unidade de significação do discurso humano e unidade essencial de representação.

O conjunto de palavras de uma língua constitui o léxico, considerado como um dos subsistemas da língua, responsável pelo exercício de designar, por meio dos nomes, os referentes constituintes do sistema extralinguístico, o qual não é dominado completamente pelo usuário, haja vista que, sendo a língua um “organismo vivo”, diante das necessidades de designações comunicativas dos falantes, é modificado constantemente, seja pelo surgimento de novas palavras ou pelo não uso de algumas delas, renovando assim o repertório linguístico. Isto e a constituição por uma quantidade muito grande de palavras impossibilitam o arquivamento de todas na de memória de alguém.

Fiorin e Savioli (1999) afirmam que “*o léxico consiste no repertório de palavras de que uma dada língua dispõe*” e Basílio (2004) vai mais além, ao afirmar que léxico “não pode ser concebido como um conjunto fechado de palavra”, com base na observação de que, em sua composição, além dos termos designativos dos seres, objetos e sensações, são utilizadas outras unidades para a formação de novas palavras, como os afixos, por exemplo, face às necessidades denominativas dos falantes nos processos de comunicação.

O caráter dinâmico do léxico possibilita a sua constante ampliação e como tal, compreende uma infinidade de vocábulos utilizados nos mais diversificados contextos sociais e comunicativos. Constituído pelas palavras, traduz o processo de nomeação de uma língua e, com ele, abrange os conteúdos significantes da linguagem humana, sendo pertinente afirmar que o léxico representa o estoque do conhecimento, sob a etiqueta de palavras, ou como dizem os linguistas, de signos linguísticos<sup>15</sup>.

A materialização das palavras pertencentes ao léxico de determinada língua em um texto, seja oral ou escrito, constitui o chamado vocabulário, ou seja, conjunto de palavras utilizadas por um indivíduo. O conhecimento humano abrange inúmeras áreas e cada uma possui um conjunto de palavras, denominado de campo lexical. Por exemplos, palavras como estetoscópio, cirurgia integram o campo lexical da saúde;

<sup>15</sup> O signo linguístico, segundo a concepção de Saussure é a união não determinada e nem fixa, mas sim arbitrária, de uma imagem acústica e um conceito, de um significante e um significado.

livros, disciplinas, o da escola; software, hardware, o da informática; expressão, palco, o do teatro; amor, tristeza, ódio, o dos sentimentos e amigos, parentes, o das relações interpessoais.

Muitas vezes, as noções como campo lexical, campo semântico, família de palavras e área vocabular se confundem, haja vista que um mesmo termo pode ser usado por abordagens diferentes com um sentido específico. Por exemplo, o termo área vocabular é ambíguo, podendo ser identificado como família de palavras e campo semântico. Por outro lado, família de palavras, na Gramática de Celso Cunha (1985), identifica «o conjunto de todas as palavras que se agrupam em torno de um radical comum, do qual se formaram pelos processos de derivação ou de composição». Já no campo lexical, as palavras se relacionam morfológica e etimologicamente. Palavras pertencentes a um mesmo campo semântico ou área vocabular se relacionam por meio de um dado, tanto que abrangem unidades lexicais, expressões lexicalizadas ou outras unidades linguísticas, unidas semanticamente por traços comuns ou pelo sentido em torno de um conceito chave. Por fim, a definição de campo lexical é construída com base no radical das palavras, enquanto que a de campo semântico considera a relação das palavras pelo sentido.

O léxico é foco dos estudos científicos da linguística, com abrangência nas áreas da filologia, lexicologia, dialetologia terminologia e, conseqüentemente, em fonética, fonologia, sintaxe, semântica, pragmática e estilística. Patrimônio da língua o léxico está em constante desenvolvimento, crescendo com o surgimento de novas necessidades comunicativas dos falantes, oriundas de novas realidades de linguagem. O estudo e análise das palavras integrantes do léxico são realizados pela Lexicologia, em termos de categorização e estruturação lexical, significação, constituição mórfica, variação flexional, classificação formal ou semântica entre vocábulos da mesma língua, ou resultado de comparação com vocábulos de outra língua, em perspectiva sincrônica ou diacrônica. Paralelamente, tem-se a Lexicografia, também inerente à área de estudos do léxico, com a responsabilidade de organizar o repertório lexical existente em uma língua, ou seja, produção de dicionários, vocabulários e glossários.

Em virtude da dimensão continental do Brasil e do distanciamento entre comunidades de fala e os grandes centros urbanos, falar sobre o léxico criado e usado no Brasil, implica, primeiramente, no reconhecimento do fato de que a língua é uma realidade heterogênea que reflete a diversidade dos grupos sociais que a utilizam, no âmbito social (diastrática), geográfico (diatópica), histórico (diacrônica) e estilístico (diafásica), afinal, o léxico é a identidade linguística de um povo. Vale salientar que toda língua, ao longo do tempo, é sujeita a variações motivadas por mudanças ou conservação de traços e características de períodos anteriores, por razões de ordem interna ou externa à própria língua.

O artigo, além desta introdução e das considerações finais e sem esquecer as referências, está organizado em três tópicos. O primeiro, abordando aspectos históricos que permeiam as origens e influências do português implantado no Brasil; o segundo versando sobre algumas características do PB e no terceiro são tecidos comentários sobre a brasilidade do português brasileiro.

## 1. O TRILHAR DOS PRIMEIROS CAMINHOS

Para falar em léxico como identidade de uma língua é preciso considerar quatro realidades indissociáveis, ou seja, povo, cultura, língua e identidade, pois são elos bem unidos de uma corrente. Os traços culturais delineiam o perfil identitário de um povo e as linguagens expressam a cultura. Assim, o debruçar sobre cada um desses elos implica a visualização dos demais.

Com a perspectiva de a maneira de pensar de um povo ser expressa pela língua, falar sobre o português brasileiro requer um retroagir no tempo, afinal a construção de uma língua está sempre vinculada ao seu processo histórico, social e cultural, o que corrobora as palavras de Fernando Pessoa “Minha pátria é a língua portuguesa”, lapidadas por Caetano Veloso como “Minha pátria é minha língua”.

A diversificação da língua latina na Península Ibérica iniciou por volta do século II a.C. com o contato entre os romanos e os falantes das línguas existentes na região. Essa diferenciação foi ampliada, à medida

que novos contatos linguísticos aconteciam. Primeiramente, o latim já transformado, interage com as línguas germânicas, no período de 409 a 711 d.C., em seguida com as línguas dos árabes e berberes, expulsos da região em 754 e que sem alterar a estrutura linguística latina, foram contribuintes com mais de 600 vocábulos, em sua maioria, substantivos referentes a vestuário, mobiliário, agricultura, instrumentos científicos e utensílios.

O processo de reconquista da Península Ibérica pelos cristãos durou cerca de cinco séculos e terminou em 1491 com a tomada do reino muçulmano de Granada, nesse ínterim, em 1128, foi criado o Condado Portucalense que obteve a independência face ao Reino de Leão, dando origem a Portugal. Naquela época, eram presentes os romances, ou melhor, o Latim modificado por anos de contato com outros povos, assumiu uma feição específica, consolidando o galego-português.

No momento das grandes navegações, ao final do século XV e do século XVI, essa nova língua foi transportada para o Brasil, já com as mudanças sofridas durante o período final da Idade Média. Vale ressaltar que, na época, no Brasil, era veiculada uma língua “múltipla” utilizada pelas nações indígenas possuidoras de cerca de 1.300 línguas nativas.

Em 1532, inicia, efetivamente, a colonização portuguesa e com ela a transposição da língua portuguesa para o Brasil. Se antes ela sofria mudanças e transformações, no território brasileiro a situação não era diferente. Em novo espaço, novo tempo e novos interlocutores, torna-se a língua oficial e nacional do Brasil. Mas, se forem consideradas as relações dela com as outras línguas praticadas no Brasil, essa história pode ser dividida em quatro momentos:

O primeiro momento inicia em 1532 e termina em 1654 com a saída dos holandeses do Brasil. Esse período é caracterizado pela convivência do português com as línguas indígenas, com as línguas tupi, (gerais) e com o holandês. A comunicação entre índios e portugueses era efetivada via as línguas gerais, consideradas como línguas francas; o português era considerado como a língua oficial do Estado português, usada no âmbito da administração da colônia.

O segundo período inicia em 1654 e finaliza em 1808, com a chegada da família real portuguesa no Rio de Janeiro. No período anterior, o português convivía com a língua dos holandeses, mas nesse, sua interação foi com as línguas indígenas, e as línguas dos escravos africanos. São características desse período: o declínio das línguas gerais, a renovação da população em termos quantitativos (portugueses e negros), crescimento dos falantes do português, origens diversas dos portugueses, proibição do uso da língua geral na colônia e o português, além de ser a língua oficial do Estado, passa ser a mais falada no Brasil.

O terceiro momento do português no Brasil inicia em 1808 e termina em 1822, embora alguns autores utilizem o ano de 1826, data em que, no parlamento brasileiro, foi formulada a questão da língua nacional do Brasil. São características desse período: aumento da população portuguesa, elevação do Rio de Janeiro a capital do Império, mudanças nas relações sociais, criação da imprensa, fundação da Biblioteca Nacional.

O quarto período inicia em 1826. São características desse período: sugestão do uso da “língua brasileira”, incentivo ao uso da gramática da língua nacional no ensino da leitura e da escrita, proposta em transformar a língua do colonizador em língua da nação brasileira, legitimação das gramáticas e dicionários para o ensino de português, surgimento do sentido de apropriação do português enquanto língua com marcas das relações com as condições brasileiras. Nesse ínterim, o português inicia as relações com as línguas de imigrantes, convivendo com falantes de alemão, italiano, japonês, coreano, holandês, inglês. Assim, são estabelecidas duas relações distintas, de forma bastante significativas: indígenas<sup>16</sup> e imigrantes.

Na base da formação do Português Brasileiro são encontradas duas culturas pertencentes aos povos do início da história brasileira: a dos índios e a dos africanos. Os primeiros, nativos e transmissores da cultura e língua aos portugueses e os africanos, trazidos para o Brasil como escravos.

A língua portuguesa falada no Brasil é originária do português de Portugal, o qual nos primeiros contatos linguísticos no território

<sup>16</sup> Neste grupo são inclusos os escravos africanos.

brasileiro sofreu a perda de características peculiares. Mas, assim como sofreu influências, motivou alterações em alguns aspectos gramaticais das línguas nativas, mais propriamente no tupi-guarani, gerando uma língua nova, chamada pelos colonizadores de língua geral, documentado pelos jesuítas, conforme a gramática do português europeu.

A colonização europeia praticamente destruiu a população indígena nos aspectos físico e cultural com a escravidão e a catequese, mas a cultura e os conhecimentos indígenas foram determinantes na formação da língua no Brasil, primeiramente influenciando a chamada língua geral, derivada do Tupi-Guarani com termos da língua portuguesa e praticada no interior do Brasil até meados do século XVIII. Por onde passavam, os indígenas deixavam suas marcas em termos de costumes e contribuição para o vocabulário brasileiro, em específico, com palavras ligadas à flora, fauna, alimentos e lugares. Muitos linguistas dizem que as línguas indígenas, ricas em palavras, vieram para renovar o vocabulário português e influenciar o escrever e falar do português brasileiro.

A influência africana foi também muito significativa para a língua e a cultura brasileira. É difícil não reconhecer a contribuição dos africanos em diversos aspectos, tais como língua, religião, arte, alimentação, tanto que, em termos de inserção vocabular eles contribuíram com nomes designativos, de muitas espécies de iguarias, de plantas, animais etc.

Como eram obrigados a falar o português, os africanos adaptavam esse falar a moldes linguísticos de suas várias línguas de origem, buscando facilitar a sua comunicação tendo, como nivelador para tal o ioruba<sup>17</sup>. Assim, presença do negro na cultura brasileira merece destaque para estudos que abordam a construção da identidade linguística nacional.

É impossível esquecer a contribuição dos imigrantes para a constituição da língua no Brasil. Os portugueses, italianos, espanhóis, alemães e japoneses são considerados como os principais grupos de imigrantes, entretanto os portugueses, até o final do século XX, destacavam-se como o grupo dominante.

---

<sup>17</sup> Iorubá ou ioruba, idioma da família linguística nígero-congolesa, falado pelos iorubás. Usado no continente americano, em ritos religiosos afro-brasileiros.

Na verdade, a história do português europeu é semelhante à da Língua Latina, que por milhares de anos, visitou terras, atravessou mares e oceanos, esteve no falar de muitos povos, serviu de fonte para o surgimento de inúmeros idiomas e, ainda, apesar de ser considerada como morta marca presença no acervo linguístico de muitas línguas. A língua portuguesa é uma língua neolatina, resultado do latim vulgar e das influências de povos que viveram na região, com origem próxima ao galego-português<sup>18</sup>, alterou-se ao longo dos tempos, absorvendo vocábulos franceses, ingleses, espanhóis e, hoje é uma língua independente, com identidade, alterado, adicionando vocábulos franceses, ingleses, espanhóis, adotada como língua oficial em oito países, Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Timor Leste. O português brasileiro é claro que não é o português europeu, pois além de ter contribuído para a expansão da língua portuguesa, também, sofreu influências dos povos indígenas, africanos e imigrantes que nas terras brasileiras viveram ou passaram, acumulando uma riqueza, em termos a grandiosa diversidade linguística e do grande quantitativo de vocábulos e expressões a disposição dos seus falantes, como também a grandiosa diversidade linguística.-

Essa é uma história entre tantas outras existentes que mostra o nascimento, o desenvolvimento e a pujança da Língua Portuguesa que veio de além-mar para florescer em todo seu esplendor e diversidade em terra tupiniquim. No Brasil, o Português é um idioma mestiço, vibrante e belo, tal qual o povo que o fala – O brasileiro.

## 2. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O português é a língua oficial, nacional e materna do Brasil, com uso em todo o território brasileiro. É a língua dos atos oficiais, da lei, dos ambientes escolares, é a que convive, nas terras brasileiras, com outras línguas, seja as dos indígenas ou dos imigrantes instalados em determinadas regiões.

<sup>18</sup> O galego português existiu durante os séculos XII, XIII e XIV

A língua portuguesa não foi implantada no Brasil em um instante. Esse processo ocorreu durante todo o período de colonização, momento em que interagiu, de forma constante, com outras línguas, com a ressalva de que, os portugueses que iniciaram o povoamento do país, eram oriundos de inúmeras regiões de Portugal, trazendo consigo diversas variedades do português de Portugal. Esses portugueses se instalaram em regiões diferentes, nas quais existiam falares, também diferentes, no caso dos indígenas. Com o tempo, em virtude das interações linguísticas, o português do Brasil foi configurando um conjunto de características, geralmente não encontradas, no português de Portugal, assim como esse último, nas regiões onde é falado mundo a fora, apresenta características também específicas, em virtude das interações linguísticas diferentes nessas regiões.

A proximidade do português do Brasil com o de Portugal é observada no âmbito da língua escrita, assim como deve acontecer com ele e o de outras regiões do mundo, onde é falado, mesmo porque é preciso lembrar que a normatização da língua inscrita nas gramáticas normativas, dicionários e outros instrumentos reguladores é direcionada à língua escrita, pois, na oral, o falante tem mais liberdade nesse sentido e as ditas características específicas são consolidadas de forma natural, estabelecendo e diferenciação entre o PB e o PE.

Dentre as características acima mencionadas, é possível distinguir dois conjuntos: o do âmbito fonético-fonológico e do âmbito morfológico e sintático. Lembrando que o português brasileiro utiliza 34 fonemas, sendo treze vogais, dezenove consoantes e duas semivogais.

No âmbito fonético-fonológico tais características, e por que não dizer diferenças, incidem no sistema de vogais, com base nos pressupostos de Câmara (1970) relativos às vogais na posição tônica, átona final (como o /a/ de luta), e pretônica (como o /a/ de rodapé).

O português do Brasil, na posição tônica apresenta 7 (sete) vogais, /a/ (estrada); /ê/ (leve), /ê/ (dedo), /i/ (liga); /ó/ (avó), /ô/ (avô), /u/ (urubu), com as devidas realizações, o PE além dessas vogais apresenta um /ã/, não aberto como o /a/, pronunciado com certa elevação da língua, diferentemente do /a/ aberto; no PB, para a posição átona final,

existem três vogais na posição átona final: /a/ (mala), /i/ (barbante, pronunciado [barbãti]), /u/ (menino, pronunciado [mininu]) e mesmo [mininu]), no PE, existem essas três vogais, mas pronunciadas de forma diferente.; na posição pretônica, no PB, existem cinco vogais, /a/, /ê/, /i/, /ô/, /u/, já em Portugal são mantidas as 8 vogais da posição tônica, com a diferença de que o /ê/ passa a /ë/, numa pronúncia mais central: /a/, /ã/; /é/, /ë/, /i/; /ó/, /ô/, e /u/.

No âmbito morfológico e sintático, segundo Pagotto (2005), Galves (2002) e outros, são observadas as seguintes características/diferenças:

- a colocação dos pronomes átonos (me, te, se, lhe, o, a etc.), no Brasil, é mais proclítica, diferente da construção efetivada em Portugal, por exemplo, *João se levantou*, - João levantou-se;
- o uso no Brasil da construção “verbo + gerúndio” em contraponto com a construção em Portugal, “verbo seguido de preposição+infinitivo”;
- nas construções com as preposições *em/a: está na porta, chegou no país (Brasil) diferente de está à porta, chegou ao país (Portugal)*;
- o PB ser uma língua de tópico diferente do português de Portugal, ou seja, a estrutura SN [SN V (SN) – “O João ele fez o trabalho” utilizada no Brasil e a estrutura SN [V (SN) – “João fez o trabalho” efetivada em Portugal;
- o uso no PB do pronome “ele” como objeto, sujeito e objeto de preposição. No PE, inexistente como objeto; como sujeito, é nulo em construções em que já existe um sujeito e, como objeto de preposição, opõe-se à predominância existente no Brasil;
- o uso do pronome “se” no Brasil pode não aparecer em frases com o verbo em formas finitas, ao contrário do português europeu (*Esta saía lava-se facilmente*), em frases com infinitivo, no Brasil, o “se” aparece como forma de indeterminação, contrapondo-se a Portugal (“É impossível se achar lugar aqui”);
- supressão, no PB, do ItI final {faz[é\l cant[â]} geralmente no infinitivo dos verbos;

- semivocalização, no Brasil, do /l/ final de sílaba e de palavra (anima[w]), enquanto no PE o /l/ se mantém e o /l/ é velar;
- uniformização das duas variedades do Português é problemática, no âmbito ortográfico, em virtude das diferenças de pronúncia, o que ocasionou a existência de um sistema ortográfico único para o Português;
- diversidade do padrão das formas de tratamento, ou seja, o PB contemporâneo utiliza um sistema binário [você X o senhor (a)], misturando os sistemas da 2ª e da 3ª pessoas, enquanto no PE um sistema ternário [tu X você X o senhor (a)];
- uso no PB da expressão “a gente” como pronome em linguagem não cerimoniosa;
- construção aspectual diferente nas duas variedades, ou seja, no PB é utilizado o verbo auxiliar com gerúndio (Vocês estão fazendo), enquanto no PE é usado o infinitivo precedido da preposição (Vocês estão a fazer);
- uso do verbo *ter* no PB com o significado de (tem alguém ali) enquanto no PE só o verbo *haver* é usado com esse sentido (há alguém ali);
- uso maior do diminutivo no PB em relação ao PE, com destaque para o detalhe sobre o sufixo *-ito*, não utilizado no PB, mas frequente no PE;
- nasalização mais presente no PB do que no europeu;
- divergência na pronúncia de /nb/, ou seja, no PB é realizada como a semivogal nasalizada e PE a pronúncia é sempre [ɲ];
- a pronúncia de /d/ e /t/, de forma palatizada como [dʒ] e [tʃ] (ou [dʒ] e [tʃ]), respectivamente, antes de /i/;
- os encontros consonantais desfeitos por epêntese no PB.

O léxico, desde muito tempo, é utilizado para demonstrar essa diferenciação, a qual se refere ao fato de, no Brasil, inúmeras palavras tenham sido incorporadas ao português a partir das línguas indígenas e africanas ou de muitas terem assumido outros sentidos, assim como:

<b>PORTUGAL</b>	<b>BRASIL</b>	<b>PORTUGAL</b>	<b>BRASIL</b>
Alcatifa	Carpete	Intermédio	Sobreloja
Batido	Refresco	Javardo	Porco
Caceteiro	Desordeiro	Lava-loiça	Pia de cozinha
Desenhador	Desenhista	Malta	Galera
Entecosto	Filé	Natas	Creme de leite
Fato	Terno	Outeiro	Colina
Gelado	Sorvete	Papa-formigas	Tamanduá
Hospedeira	Aeromoça	Rés-do-chão	Térreo

Fonte: Ferreira, Assis & Cerqueira (2006)

Vale ressaltar que, no Brasil, existem inúmeras palavras de origem indígena, relativas à designação da flora, da fauna, de alimentos, assim como de lugares, assim como de origem africana, em geral, palavras que designam elementos do candomblé da cozinha, do universo das plantações de cana e da vida dos escravos. Tais como:

<b>INDÍGENA</b>		<b>AFRICANA</b>	
Abacaxi	Curumim	Abará	Mocambo
Buriti	Guri	Acarajé	Muamba
Capim	Mandacaru	Aluá	Ogum
Caatinga	Mingau	Angu	Orixá
Caju	Moqueca	Bangüê	Quiabo
Capivara	Piranha	Caçula	Quitanda
Carnaúba	Sucuri	Cafuné	Samba
Cupim	Tijuca	Maxixe	Senzala
Curió	Urubu	Mocambo	Vatapá

Fonte: Teysier (1996)

A língua padrão ou norma culta brasileira é definida como toda palavra, expressão ou uso da língua circulante no Brasil, de caráter urbano e valor irradiador para o resto das regiões do país. É o modelo ideal de língua culta e escrita, socialmente valorizada, em detrimento aos

usos dialetais e populares, desviantes da norma, que são considerados desprestigiados. Dotada de um vocabulário intelectualizado e rico, mais escrita do que oral, com sintaxe diversificada e rotulada como modelo de correção para todos os brasileiros.

### 3. A BRASILIDADE LINGUÍSTICA

Um período diferente para a cultura e a língua portuguesa inicia no Brasil, a partir de 1808, com a chegada da família real portuguesa, pois iniciativas reais trouxeram vários benefícios para a colônia, que transformaram o panorama cultural brasileiro e, conseqüentemente, o ambiente linguístico.

Esse panorama muda novamente, a partir de 1950, com a era desenvolvimentista<sup>19</sup>, tendo como suporte o processo de imigração estrangeira<sup>20</sup>, cujos povos contribuíram muito para as transformações na língua e na cultura do Brasil. Em 1822, com a independência, o ambiente brasileiro, época do romantismo, tornou-se propício para o desenvolvimento de uma literatura verdadeiramente brasileira, cujos representantes, marcados por profundo nacionalismo, foram responsáveis pela codificação escrita da norma brasileira, iniciando o distanciamento da norma europeia.

A consolidação do estado brasileiro propiciou, entre intelectuais e escritores brasileiros, a realização de debates sobre a questão da identidade linguística e cultural brasileira, estando inserido nesse contexto o escritor José de Alencar. Essa busca pela identidade permeou as iniciativas do final do século, fato comprovado pela fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1898 e a proposição de Machado de Assis para a elaboração de um Dicionário de Brasileirismos, com fins de registro das peculiaridades linguísticas.

---

<sup>19</sup> Período de grandes investimentos em transporte, produção de energia e indústrias de base, com o intuito de proporcionar o crescimento econômico capitalista ao Brasil.

<sup>20</sup> Com o iminente fim da escravidão, centenas de milhares de espanhóis, italianos, alemães, poloneses, húngaros, russos, japoneses, chineses, coreanos, etc. chegam ao Brasil para substituir a mão de obra escrava.

A discussão sobre a “Língua Brasileira” é antiga. Gramáticos, filólogos e Escritores, com destaque para Monteiro Lobato e Mario de Andrade, já nas primeiras décadas do século XX debatiam essa questão. A proclamação da independência definitiva da cultura e da língua do Brasil em relação à matriz portuguesa ocorreu em 1922, em São Paulo, durante a Semana de Arte Moderna. A partir de então, foram abandonados o modelo literário e o ideal linguístico, vigentes do outro lado do Atlântico, os quais consideravam como o modelo de correção escrita, a norma culta de Portugal.

O Português do Brasil, em sua essência é a mesma língua de Portugal. Desde muito tempo, são muitas as discussões e posicionamentos a respeito do assunto. O linguista Antenor Nascentes, em 1922, ao afirmar que o PB era uma variedade da língua mãe, endossando a teoria de Leite de Vasconcelos (*Esquisse d'une dialectologie portugaise*)<sup>21</sup> discordou de nacionalistas como Monteiro Lobato e Mario de Andrade, que afirmavam que o PB era uma língua distinta do PE.

As línguas modificam-se no tempo e no espaço e a língua portuguesa, no espaço brasileiro, tomou novos rumos, tanto que, certas normas gramaticais do PE não são mais aplicadas, o sotaque (acento nacional) é diferente, a sintaxe apresenta variações científicas.

Para alguns linguistas, o PB e o PE, no plano do sistema linguístico são a mesma língua, apresentando a mesma estrutura e as mesmas oposições funcionais. Com tal perspectiva, para eles as mudanças no PB ocorreram no plano do domínio da norma e não do sistema, tal como aconteceu com o PE, no decorrer da história brasileira.

Ao longo da formação da comunidade brasileira, muitos fatos linguísticos ocorreram, os quais se constituíram o sedimento da norma brasileira e se perpetuaram na tradição do país. Apesar de um acervo linguístico significativo, até em 1938, não havia registro documental desse patrimônio, que auxiliasse os falantes brasileiros na práxis linguística, em termos da variedade culta e escrita do PB. Na época, só existiam as obras lexicográficas que descreviam tão somente o PE.

<sup>21</sup> Esboço de uma dialetologia portuguesa

Em 1938, o PB é retratado em um dicionário, no “Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa”, publicado pela Editora Civilização Brasileira (Rio de Janeiro/São Paulo) e de autoria de uma equipe constituída por integrantes/colaboradores como Hildebrando Lima, Gustavo Barroso, Antenor Nascentes, Manuel Bandeira, José Baptista da Luz, Antenor Nascentes e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

A fixação do léxico de uma língua está vinculada à existência de um dicionário, depositário do acervo lexical de uma cultura. O dicionário é um instrumento indispensável e imprescindível para a consolidação de uma língua escrita e literária, pois, além de manter relação com a norma social vigente, registra a linguagem aceita e valorizada na comunidade dos seus falantes.

O léxico de uma língua é uma arca de tesouro, na qual se encontram os signos linguísticos que, em forma de código semiótico, por meio de palavras, registram todo o conhecimento de uma comunidade linguística. Essas palavras representam o documento comprobatório da cultura da qual são integrantes e, por referirem os conceitos linguísticos e extra-linguísticos da cultura e da sociedade, são fundamentais para a estrutura e funcionamento da língua.

A variedade brasileira do português mantém uma profunda identidade com o PE, da qual é originária, mas a cultura brasileira e do meio ambiente, com suas peculiaridades foram responsáveis pela criação de sua identidade linguístico-cultural, gerando um vocabulário distinto do usado em Portugal, ressaltando que uma significativa parte do patrimônio lexical herdado do PE continua vigente no PB. Em relação à questão ortográfica, as diferenças são “freadas” via a implementação dos Acordos Ortográficos a partir de 1990.

É língua composta pelos chamados “brasileirismos”, derivados diretamente da língua tupi ou por ela influenciados; pelos “amerindanismos” oriundos de outras línguas ameríndias não tupis, faladas no país à época da chegada dos portugueses e com as quais houve contato; africanismos representados por uma série de termos originários do *ioruba* e do *quimbundo*, línguas africanas de maior influência; dialetalismos portugueses decorrentes de formas dialetais portuguesas; neologismos,

palavras novas criadas para designar novos objetos, invenções, técnicas etc. e regionalismos, elementos motivadores de atritos entre os falantes das duas variantes.

Existe uma proposição muito debatida e polêmica, sem aceitação ampla, entre gramáticos, nem entre acadêmicos. Para alguns linguistas brasileiros contemporâneos, como Bortoni, Kato, Mattos e Silva, Milton M. Azevedo, Perini e, Bagno, o português brasileiro seria uma língua caracterizada pela diglossia<sup>22</sup>, teoria pela qual existem duas formas linguísticas: a forma A seria o português brasileiro padrão, adquirido via escolarização e a forma B, a vernácula, língua materna de todos os brasileiros, forma simplificada da língua, com possível origem do português do século XVI, com as influências ameríndias e africanas. A forma A seria baseada no português europeu do século XIX com pequenas diferenças de ortografia e gramática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A riqueza e diversidade da história da língua portuguesa é campo fértil para a pesquisa, em prol da aquisição de conhecimentos que possam subsidiar a análise dessa história para melhor compreender as origens, características, a estrutura e funcionamento de uma língua falada em cinco continentes, sendo a língua oficial do Brasil, utilizada por mais de 194 milhões de falantes. O seu percurso de formação e consolidação, permeado de influências externas e a diversidade de configurações existentes nos mais diferentes lugares patentificam sua importância enquanto patrimônio de uma comunidade linguística.

As origens latinas, as contribuições indígenas, africanas e de outros idiomas com os quais o PE entrou em contato ressoam como ecos e se refletem no âmbito lexical, semântico, prosódico, pragmático, morfológico e sintático e em outros aspectos linguísticos das variantes.

As línguas nativas foram subjugadas pelo português arcaico, resultado do processo de dialeção do latim coloquial e difundido na

<sup>22</sup> Para as gramáticas, forma de bilinguismo, num indivíduo ou numa comunidade, em que as duas línguas (ou dialetos) se utilizam com objetivos ou em contextos diferentes

época da colonização em terras brasileiras, com muitas modificações e imposto como idioma oficial.

Os resultados de pesquisas realizadas por diversos linguistas ao longo dos últimos 30 anos, sobre a expansão do português no Brasil, suas variações regionais e raízes das inovações da linguagem mostram que o português brasileiro já pode ser considerado diferente do português europeu, entretanto ainda não é, uma língua autônoma, talvez o seja quando acumular peculiaridades que dificultem o entendimento e compreensão da fala de um nativo de Portugal.

Vários séculos se passaram e, pouco a pouco, a língua portuguesa foi-se configurando, assumindo uma forma heterogênea, recheada de peculiaridades, marcas identitárias de uma língua distanciada da lusitana, a língua hoje denominada por seus falantes de Português Brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. (org.). *Língua portuguesa em debate*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DUBOIS, J. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BAGNO, M. *Português ou brasileiro? um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BAGNO, M. *Preconceito Lingüístico*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BASÍLIO, M. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Vozes, 1970.
- CELSO C; LINDLEY, C. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CIPRO NETO, P. *O dia-a-dia da nossa língua*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F.P. Temas e figuras: a seleção lexical. In: FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F.P (Orgs). *Para entender o texto: leitura e produção*. São Paulo: Ática, 1999.

- GALVES, C. H. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- HOUAISS, A. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1985.
- MATTOS e SILVA, R. V. *O português são dois – novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- MONTEIRO, J. M. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ORLANDI, E. P. A Língua Brasileira. In: *Revista Ciência Cultura*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- PAGOTTO, E. G. Variedades do Português no Mundo e no Brasil. In: *Revista Ciência Cultura*. **São Paulo: Universidade Estadual de Campinas**, 2005.
- PERINI, M. A. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- PRETTI, D. *Sociolinguística: os níveis da fala*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1996.
- ROBERTS, I; KATO, M (Orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora UNICAMP, 1993.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- TARALLO, F. “Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além mar ao final do século XIX”. *Língua e cidadania*. Campinas: Pontes, 1996.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

# AS CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: AS DIFERENÇAS ENTRE O PORTUGUÊS CULTO E O PORTUGUÊS FALADO

Ana Cleide Santiago de Lima

Brenda Maiara Sena

Fátima Cristina Makino Hongo

Thaís Frazão

## INTRODUÇÃO

Este trabalho discute as influências causadas por povos originários de outros países na construção da Língua Portuguesa do Brasil e como tal fenômeno se caracterizou. Por ser um sistema funcional e vivo, toda língua acompanha as transformações ocorridas no contexto social no qual está inserida, e com o Português do Brasil não foi diferente. Para Mattos e Silva (2004) o Brasil é um país cuja população é hoje esmagadoramente monolíngue em português — ou em português brasileiro —, mas tal condição, além de não ter sido obra do acaso, teria, segundo a autora, sido definida a partir da segunda metade do século XVIII, quando o multilinguismo, menos ou mais generalizado, a depender da conjuntura histórica local nos séculos anteriores, localiza-se e abre, então, os caminhos do português brasileiro.

Com a chegada dos portugueses ao Brasil, efetivou-se a comunicação com os povos indígenas que aqui habitavam, iniciando-se, portanto, a primeira influência. O Nheengatu, oriundo de línguas do ramo Tupi-guarani foi considerado a língua geral até o século XVIII, sendo, a partir desse período, substituída pela Língua Portuguesa de Portugal. Com a chegada de mais de 1.300 escravizados oriundos da África e

adjacências, a língua passa pela sua segunda influência, momento em que ocorre o fenômeno de supressão do L.

No entanto, é importante destacar que a influência dos povos africanos é a que, atualmente, mais sofre preconceito linguístico. Diferentemente da língua africana, o francês e português (Portugal) não sofrem esse preconceito linguístico, há, no entanto, uma supervalorização dessas línguas, fazendo com que as mesmas sejam “superiores”. Djamilia Ribeiro (2019) cita Lélia Gonzales em seu livro *Lugar de Fala*, que reflete sobre o modo como as pessoas eram tratadas quando falavam errado, tendo como parâmetro o entendido por norma culta, ou seja, com desdém e condescendência, tanto que, a variação da linguagem falada pelos povos negros africanos escravizados no Brasil foi nomeada de “pretoguês”.

Aquilo que chamo de “pretoguês” nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil. É engraçado como eles [sociedade branca elitista] gozam a gente quando dizemos que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse “R” no lugar do “L” nada mais é do que a marca linguística de um idioma africano, no qual o “L” inexistente. Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. (GONZALES, 1984, p. 238)

Mattoso Câmara Júnior (1989), pioneiro da linguística no Brasil, considera que língua e cultura constituem um todo indivisível, assim, todas as manifestações culturais são expressas na língua materna, havendo, pois, uma simbiose entre ambas, língua e cultura; assim, as línguas latinas e suas culturas, por suas raízes comuns, continuam a existir e mantêm as semelhanças sistêmicas e culturais.

Quanto à estruturação, o artigo está dividido em quatro partes: as questões fonéticas e fonológicas, abordando alguns fenômenos que ocorrem na fala dos brasileiros, tanto no PB popular quanto no PB culto; as características morfossintáticas, com a exemplificação de algumas

construções recorrentes na Língua Brasileira; o léxico do Português Brasileiro, discutindo alguns pontos do vocabulário usados na língua e, por fim, as considerações finais.

## 1. AS QUESTÕES FONÉTICAS E FONOLÓGICAS

Sabe-se que o Português Brasileiro (PB) apresenta diversas particularidades quando comparado ao Português Europeu (PE). Nesse contexto, um dos pontos de destaque incide nas questões fonéticas e fonológicas, que abarcam os fenômenos encontrados na fala dos brasileiros. Sendo possível também verificar as diferenças entre o PB culto e o PB falado, tal como é apontado por Castilho (2013), que considera as diferenças entre popular e culto como diferenças socioculturais. Ele ainda complementa que:

O que se tem observado é que a urbanização crescente do país põe em contacto duas variedades socioculturais do PB, até então presas aos seus nichos: o Português popular da zona rural, o Português culto das cidades. Presentemente, contactos entre as duas variedades mostram um forte embate entre ambas, a popular mais inovadora e a culta mais conservadora. Esse embate deve estar plasmando o Português Brasileiro do futuro. E o crescimento populacional fez surgir vários centros culturais e políticos no país. Nenhum deles fala “melhor” ou “pior” do que o outro. (CASTILHO, 2013: 22)

Considerando isso, as diferenças fonético-fonológicas, presentes na fala, podem ser resumidas no quadro elaborado por Castilho:

**QUADRO 1**  
**DIFERENÇAS FONÉTICAS E FONOLÓGICAS NO PB CULTO**  
**E NO FALADO**

PORTUGUÊS BRASILEIRO POPULAR	PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO
<b>PRONÚNCIA DAS VOGAIS E DOS DITONGOS</b>	
Ditongação das tônicas seguidas de sibilante no final das palavras: <i>méis, Luiz̃</i>	Essas vogais são preservadas: <i>mês, luz̃</i> .
Átonas iniciais podem nasalar-se: <i>enzame, indução, inleição</i> .	Mantém-se a átona inicial, flutuando sua pronúncia como <i>exame / izame, educação / idução</i>
Abertura das átonas pretônicas no Nordeste ( <i>cõvardi, nõturno, nèblina, rēcruta</i> ), fechamento no Sul ( <i>covardi, noturno</i> , etc.). Fechamento maior em palavras dissilábicas, donde <i>filiz̃, chuver</i>	Mesmos fenômenos
Queda das vogais átonas postônicas nas proparoxítonas: <i>pêzgu, cosca, oculos</i> , por <i>pêssego, cócegas, óculos</i> . Com isso, predominam as paroxítonas.	Mantém-se as átonas postônicas nas proparoxítonas.
Vogais átonas finais -e, -o são mantidas em algumas regiões, e fechadas em outras, encontrando-se as pronúncias <i>pen-te – penti, lobo – lobu</i> .	Mesmos fenômenos.
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal: monotongação em <i>caxa, pexe, bejo, quejo</i> ; ditongação em <i>bandeija, feichar</i> .	Não ocorre a ditongação
Desnasalação e monotongação dos ditongos nasais finais: <i>bómi, falaru</i> .	Os ditongos nasais são mantidos: <i>homem [ôm~ey], falaram [falarãw]</i> .
Monotongação dos ditongos crescentes átonos em posição final: <i>ciência, experiência, negoço</i> .	Manutenção desses ditongos: <i>ciência, experiência, negócio</i> .

PORTUGUÊS BRASILEIRO POPULAR	PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO
<b>PRONÚNCIA DAS CONSOANTES</b>	
Retroflexão do <i>r</i> na área dos falares caipiras, seja no final ou na posição inicial de sílaba e nos grupos consonantais: <i>porta, caro, cobra</i> . No Nordeste e no Rio de Janeiro, vibração posterior. No Sudeste e Sul, vibração anterior.	Mesmos fenômenos, com a tendência a discriminar o <i>r</i> retroflexo em situações formais.
Troca de <i>l</i> por <i>r</i> em final de sílaba e em grupos consonantais: <i>marvado, pranta</i> .	Manutenção do <i>l</i> : <i>malvado, planta</i> .
Troca de <i>v</i> por <i>b</i> em palavras tais como <i>barrer, bassoura, berruga, bespa</i> , em Pernambuco, Bahia e São Paulo.	Manutenção de <i>v</i> : <i>varrer, varroura, verruga, vespa</i> .
As dentais <i>t</i> e <i>d</i> em posição final (1) podem ser mantidas como tais, (2) palatizadas, como em <i>dentí, pôdi</i> , (3) africadas como em <i>denʃi, pôʃi</i> .	Mesmos fenômenos.
Iodização da palatal <i>lh</i> : <i>oreya, vèyu</i>	Manutenção da palatal: <i>orelha, velbo</i>
Espiração e perda de <i>-s</i> final: <i>vamob &gt; vamo; poib &gt; pô</i> .	Manutenção da sibililante: <i>vamos, pôs</i> .

Fonte: Ataliba Castilho (2013)

Bagno (2004) também trata de alguns desses fenômenos em sua obra, quando discute a queda das vogais átonas postônicas nas proparoxítonas, como em *cosca, oculos*, chamando-a de “contração das proparoxítonas em paroxítonas”. Para o autor, os proparoxítonos praticamente não existem em se tratando do português não padrão (PNP), visto que “as palavras sofrem uma contração para caberem no ritmo natural do PNP, que é um ritmo paroxítono, no qual a sílaba tônica é sempre a penúltima” (BAGNO, 2004:108). Esse fenômeno é o que faz o falante pronunciar “árvre” ou “fósfru” em vez de “árvore” e “fósforo”, respectivamente.

Em se tratando da monotongação, apresentada no quadro 1, em palavras como *peixe > pexe*, é apresentada pelo autor como a redução

do ditongo “EI” em “E”, um processo chamado de assimilação, que é a transformação de um fonema em um igual ou semelhante. Essa redução só ocorre quando “EI” aparece diante de J, X e R, visto que a semivogal /y/ (utilizada quando escrevemos “I” no ditongo “EI”) é um som palatal, assim como as letras J e X, a partir disso, a assimilação faz o seu papel e junta os sons em apenas um.

Para falar da desnasalação dos ditongos nasais finais, Bagno (2004) diz que existe uma tendência na Língua Portuguesa de eliminar a nasalidade das vogais postônicas, o som nasal das vogais que estão depois da sílaba tônica (p. 116), como em *homem / home; ontem / onte*.

Quando à troca de L por R em final de sílaba e em grupos consonantais, o autor utiliza a denominação “rotacismo”. Segundo ele, existe na Língua Portuguesa uma tendência natural em transformar o L em R nos encontros consonantais, isso porque há essa inclinação rotacizante na língua, por conta das origens latinas em algumas palavras.

No que diz respeito à iodização da palatal lh, Bagno (2004) chama este fenômeno de assimilação. Ele explica que isso ocorre porque “a consoante /ʎ/ é produzida com a ponta da língua tocando o palato, muito perto do ponto onde é produzida a semivogal /y/” (2004, p. 59). Assim, há uma comodidade em pronunciar o i, considerando essa aproximação.

Outro exemplo de assimilação também é explicitado por Bagno (2004), na transformação de -ND- em -N- e de -MB- em -M-. Para o autor, esse fenômeno é muito comum até mesmo para os falantes escolarizados em situações informais. Ele ocorre em palavras como gerúndios com a terminação *-no* no lugar de *-ndo*, como em *cantando* por *cantano*. Bagno (2004:77) explica que “os fonemas /n/ e /d/ pertencem a uma família de consoantes que são chamadas *dentais*”, e que são produzidas na mesma zona de articulação, por isso sofrem o ataque da assimilação. Em palavras como *cantando*, ocorre uma assimilação do D pelo N: primeiro o D torna-se um N duplo (*cantanno*) e depois se simplifica em um N simples (*cantano*). O mesmo ocorre na passagem de MB para M, pois as duas consoantes possuem a mesma zona de articulação, como *tamém* no lugar de *também*.

O autor também mostra alguns outros exemplos de fenômenos fonéticos característicos do português brasileiro, porém ainda estigma-

tizados, como é o caso da “redução de E e O átonos pretônicos”. Esse fenômeno se trata da redução dessas vogais em sílabas átonas que se posicionam uma sílaba antes das sílabas tônicas. Para ele, isso se explica porque as vogais I e U são as mais altas e as mais fechadas da Língua Portuguesa, pois, “quando elas estão presentes na sílaba tônica, elas ‘puxam para cima’ as vogais pretônicas E e O, fechando essas vogais para formar um grupo harmônico, para criar um som único” (BAGNO, 2004:99). Esse fenômeno é chamado de harmonização vocálica. Ocorre em palavras como em moeda>mueda.

**É preciso ter em mente que essas diferenças são naturais na língua, não existindo uma língua “certa” ou “errada”, são apenas variações, características do Português falado no Brasil.** Castilho (2013) argumenta que a modalidade trazida para o Brasil foi a não padrão, isto porque, como Bagno (2013:27) ilustra:

[...] não foram os doutores de Coimbra nem os poetas da corte de Lisboa que colonizaram o nosso território. Para cá vieram marinheiros, mercadores, baixos funcionários, pequenos artesãos, além de degredados políticos e religiosos, uma população essencialmente masculina e muito pouco letrada. Vinham de diversas regiões de Portugal, ou seja, falavam diferentes variedades do português europeu medieval.

Além disso, o autor também defende que, nos níveis fonológicos, morfofossintáticos, lexicais, semânticos, pragmáticos, etc., o PB apresenta suas próprias características, as quais são diferentes do PE (BAGNO, 2013: 30).

## 2 AS CARACTERÍSTICAS MORFOSSINTÁTICAS

### 2.1 MORFOSSINTAXE

Segundo o Dicionário de Linguística de Dubois et al (2014) morfologia pode ser conceituada de diferentes formas, na gramática tradicional é conceituada como “o estudo das formas das palavras (flexão

e derivação), em oposição ao estudo das funções ou sintaxe.”. Dentro da linguística moderna encontramos dois conceitos de morfologia:

a) descrição das regras que regem a estrutura interna das palavras, isto é, as regras de combinação entre os morfemas-raízes para constituir “palavras” (regras de formação das palavras) e a descrição das formas diversas que tomam essas palavras conforme a categoria de número, gênero, tempo, pessoa e, conforme o caso (flexão das palavras), em oposição à sintaxe que descreve as regras de combinação entre os morfemas léxicos (morfemas, raízes e palavras) para constituir frases;

b) descrição, ao mesmo tempo, das regras da estrutura interna das palavras e das regras de combinação dos sintagmas em frases. A morfologia se confunde, então, com a formação das palavras, a flexão e a sintaxe, e opõe-se ao léxico e à fonologia. Nesse caso, diz-se, de preferência, *morfossintaxe*. (DUBOIS et al, 2014).

As fontes utilizadas para a investigação deste tema baseiam-se no conceito de morfologia apresentado por Dubois et al (2014), que fornece as características morfossintáticas do português chamado de “culto” e do português chamado de “vulgar” ou “popular” do Brasil.

## 2.2 AS DIFERENÇAS DO PORTUGUÊS “CULTO” E “VULGAR” DO BRASIL

Castilho, no texto *A hora e a vez do português brasileiro* e Assis, em *História da Língua Portuguesa* introduzem o assunto tratando da urbanização do Brasil, pois assim foi que as variedades sociais foram destacadas, com a maioria do país vivendo nas cidades, onde a população é mais concentrada e tem mais contato entre si. O português considerado culto, padrão, ensinado na escola, é o utilizado pelas classes escolarizadas, detentoras de um maior poder aquisitivo. O português popular, consi-

derado vulgar ou de uso familiar, é o falado pelas classes mais baixas, menos escolarizadas. Contudo, Castilho lembra que os falantes das duas variantes não utilizam sempre a mesma variante, podendo fazer uso das duas em diferentes contextos.

**QUADRO 2**  
**DIFERENÇAS MORFOSSINTÁTICAS ENTRE PB CULTO E**  
**PB POPULAR**

PORTUGUÊS BRASILEIRO POPULAR	PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO
<b>MORFOLOGIA</b>	
<b>Morfologia nominal e pronominal</b>	
Perda progressiva do <i>-s</i> para marcar o plural, que passa a se expresso pelo artigo: <i>os hòmi, as pessoa.</i>	Manutenção das regras redundantes de marcação do plural, salvo na fala rápida: <i>os homens, as pessoas.</i>
Perda do valor do sufixo <i>-ior</i> nos comparativos de superioridade, utilizando-se o advérbio <i>mais</i> : <i>mais mió, mais pió.</i>	Preservação do valor comparativo do sufixo <i>-ior</i> : <i>melhor, pior.</i>
Alterações no quadro dos pronomes pessoais: generalização do reflexivo <i>se</i> para a primeira pessoa ( <i>eu se esqueci, nós não se falemo mais</i> ), perda do pronome <i>o</i> , generalização do pronome <i>lhe</i> , substituição de <i>tu</i> por <i>você</i> no centro do país, substituição de <i>nós</i> por <i>a gente</i>	O pronome reflexivo ou mantém sua pessoa gramatical, na terceira pessoa ( <i>ele se esquecer</i> ) ou é omitido ( <i>eu esqueci</i> ). A perda de <i>o</i> na língua falada se difunde, mantendo-se apenas na língua escrita. Usa-se <i>tu</i> apenas nas regiões Norte e Sul do país, neste caso sem com ele concordar o verbo: <i>tu sabe de uma coisa?</i>
Redução do quadro dos pronomes possessivos para <i>meu / seu / dele</i> , com perda progressiva de <i>ten</i> nas regiões em que desapareceu <i>tu</i> .	Mesmas características. O pronome <i>ten</i> pode aparecer em contextos marcados, alternando com <i>sen</i> : <i>Meta-se com os seus negócios, isto não é da tua conta!</i>

PORTUGUÊS BRASILEIRO POPULAR	PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO
Redução dos pronomes demonstrativos a dois tipos: <i>este/esse</i> , para indicar objetos próximos ou para retomar informações próximas, mantendo-se <i>aquele</i> para indicar objetos e informações remotas.	Mesmas características.
Generalização do pronome relativo <i>que</i> , perdendo-se <i>cujo, onde</i> .	Mesmas características.
<b>Morfologia</b>	<b>verbal</b>
Elevação da vogal temática no pretérito perfeito do indicativo: <i>fiquemo, falemo, bebimu</i> .	Manutenção da vogal temática, continuando indistintos o presente e o pretérito: <i>ficamos, falamos, bebemos</i> .
Simplificação na morfologia de pessoa, dadas as alterações no quadro dos pronomes pessoais, reduzindo-se a conjugação a apenas duas formas diferentes: <i>eu falo, você / ele / a gente fala</i> . Por hipercorreção, pode-se ouvir <i>a gente falamos</i> .	A morfologia de pessoa reduz-se a três, às vezes a quatro formas diferentes: <i>eu falo, você / ele / a gente fala / eles falam</i> .
<b>SINTAXE</b>	
Simplificação da concordância nominal, expressa apenas pelo determinante (como em <i>as pessoa</i> ), e acentuada quando o substantivo e o adjetivo vêm no diminutivo ( <i>aqueles cabelim branquim</i> ). A concordância é ainda visível quando há saliência fônica diferenciando a forma singular da forma plural, como em <i>as colheres</i> .	Manutenção da concordância nominal com redundância de marcas: <i>as pessoas, aqueles cabelinhos branquinhos</i> .
Simplificação da concordância do verbo com o sujeito: <i>as pessoa fala, fala, mas não resolve nada</i> . Ocorrendo saliência fônica entre as pessoas do verbo, mantém-se a concordância: <i>as pessoa saíru, mas elas são bão</i> .	Mantém-se a concordância do verbo com o sujeito, mas a regra pode não se aplicar quando o sujeito é posposto e separado do verbo por expressões várias: <i>Faltou mesmo depois de tanta luta as respostas mais interessantes</i> .

PORTUGUÊS BRASILEIRO POPULAR	PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO
Predominância do sujeito expresso e colocado antes do verbo, evitando-se o sujeito posposto.	Mesma característica. Sujeito “pesado”, isto é, constituído por muitas sílabas tende a pospor-se, mas a sintaxe torna-se progressivamente mais rígida.
Objeto direto pronominal expresso pelo pronome <i>ele</i> ( <i>eu vi ele</i> ) ou por <i>lhe</i> ( <i>eu não lhe conheço</i> ). Objeto indireto expresso por pronome demonstrativo neutro e complemento oblíquo tendem a aparecer antes do verbo: <i>Isso eu quero,</i> <i>Isso eu preciso.</i>	Discreta preferência pelo objeto direto omitido: <i>eu vi Ø</i> . Na fala culta espontânea é comum dizer-se <i>eu vi ele</i> , mas ainda é raro o uso de <i>lhe</i> como objeto direto.  Mesmas características nos demais casos.
Abundância de construções de tópico com retomada pronominal no interior da oração: <i>A menina, ela chegou agora mesmo</i>	Mesma característica.
Preferência pela oração relativa cortadora, em que se omite a preposição antes do pronome relativo ( <i>perdi a revista que a capa estava rasgada</i> ) e pela relativa copiadora, em que se insere pronome pessoal depois do relativo ( <i>o menino que ele chegou trouxe a correspondência</i> ). Nos dois casos, nota-se que o relativo se “despronominaliza” e é cada vez mais apenas uma conjunção.	Preferência pela oração relativa padrão, sobretudo na variedade escrita: <i>perdi a revista cuja capa estava rasgada, o menino que chegou trouxe a correspondência</i> . Na variedade falada espontânea já se encontram as relativas cortadora e copiadora.
Preferência pela oração substantiva “dequeísta”: <i>Ele falou de que não sabia de nada.</i>	Preferência pela oração substantiva “não-dequeísta”: <i>Ele falou que não sabia de nada.</i>

Fonte: Ataliba Castilho, 2013

Assis (2011) complementa algumas características não mencionadas por Castilho, no português culto como: a preferência pelo gerúndio, pronomes possessivos utilizados sem o artigo, pronomes em posição proclítica

mesmo em início de frase, locução *todo mundo* junto com *toda a gente*, emprego de *em* referente a lugares que *irá a* ou que *está a* e substituição do verbo *haver* por *ter* em emprego impessoal. Na variante do português familiar ou vulgar o autor destaca o emprego do pronome *mim* como sujeito e o uso de *feito* no sentido de comparação, substituindo o *como*.

### 3. O LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A formação do léxico do português brasileiro é construída de forma diacrônica, abarcando desde os fatores históricos que levaram a formação da língua portuguesa, como a Guerra Púnica - ano 218 a.C.- que ocasionou a chegada dos romanos na Península Ibérica, enfim, o Latim entrou em contato com as línguas existentes na região. Segundo Guimarães (2005), após o contato com o Latim, essas línguas também tiveram contato com as línguas germânicas e, em seguida, com as línguas árabes durante a invasão muçumana. Como resultado desse processo houve a formação do galego-português, que antecedeu a língua portuguesa.

Para Guimarães (2005:24), a língua portuguesa entrou oficialmente no Brasil, por volta de 1532, após a colonização portuguesa e, quando entra em contato com o novo espaço geográfico, entra também, em contato com outras línguas que estavam sendo propagadas, tais como as línguas de origem africana e as línguas dos povos nativos, as indígenas. Nesse sentido, o autor marca quatro momentos importantes na oficialização da língua portuguesa no Brasil: o primeiro ocorrendo com o processo de colonização até a saída dos holandeses em meados 1600; o segundo realizado a partir da saída dos holandeses até a chegada da família real em 1808, com destaque para o estabelecimento do Diretório dos Índios (1757) que proibia esses povos nativos de falar outra língua além da oficial estabelecida pela coroa portuguesa; o terceiro momento ocorre a partir da chegada da família real até meados da década de 20, período em que houve o aumento da população portuguesa, além da transferência da capital do país para a cidade do Rio de Janeiro; e o quarto período, a partir de 1826, quando se torna obrigatório que os diplomas sejam emitidos em linguagem brasileira, que os professores deveriam alfabetizar a partir da gramática da língua nacional. Em detrimento

disso tudo, entende-se que esse processo de colonização do Brasil fez da língua do colonizador a língua nacional.

Dessa maneira cria-se historicamente no Brasil o sentido de apropriação do português enquanto uma língua que tem as marcas de sua relação com as condições brasileiras. Pela história de suas relações com outro espaço de línguas, o português, ao funcionar em novas condições e nelas se relacionar com línguas indígenas, língua geral, línguas africanas, se modificou de modo específico e os gramáticos e lexicógrafos brasileiros do final do século XIX” (GUIMARÃES, 2015, p. 25)

### QUADRO 3 DO LATIM PARA O PORTUGUÊS

Latim clássico	Latim vulgar	Português	Exemplos
ā, ã	a	a	prātu > prado; páce > paz; āqua > água; āquila > água
ē	é (aberto)	é (aberto)	mēlle>mel; nēbulam > névoa
ē, ĩ	ê (fechado)	ê (fechado)	cēra> cera; pīra > péra
ī	i	i	fī lu > fio; rīvum > rio
ō	ó (aberto)	ó (aberto)	prōba > prova; rōtam > roda
ō, ū	ô (fechado)	ô (fechado)	amōre > amor; bōcca>boca
ū	u	u	pūro > puro; secūrum > seguro

Quadro 3: Quadro comparativo das vogais tônicas no latim clássico e vulgar

Fonte: Eduardo Guimarães (2005)

Consoante Ilari (2007), no português brasileiro o léxico aparece como resultado de um longo processo, no qual são destacados os grupos a que pertencem tais palavras: a) derivadas do latim vulgar; b) os empréstimos; c) palavras eruditas e; d) as criações vernáculas. O autor pactua das mesmas ideias que Guimarães (2005) sobre a influência das palavras de língua latina e acrescenta que o Latim vulgar ocorre semelhante às variações linguísticas do português brasileiro (PB), visto que o povo utilizava a língua sem a preocupação com o que era gramaticalmente correto. Na formação do português brasileiro, antes que fosse constituído como uma língua, a original já havia tido contato com as línguas germânicas, das quais foram adotadas palavras como: feltro, guerra, liso, morno, sopa, roupa, espeto,

trégua, dentre outras; também entrou em contato com o árabe, o que causou a entrada de novas palavras na língua, como: alface, algodão, almofada, almôndega, arroz, laranja, xadrez, xarope, limão, e outras. O contato com o espanhol remonta o português mais antigo, e isso ocorreu por volta de 1580 a 1640 quando Portugal estava sob o domínio espanhol. A língua foi enriquecida com palavras como: quadrilha, baunilha, pastilha, cordilheira e outras. A língua portuguesa, no Brasil, além da herança linguística dos séculos anteriores à colonização e de todos os povos que para o Brasil vieram a partir dela, também teve influência do italiano com a aquisição das palavras *gazeta*, *partitura*, *serenata*; mas também do francês com *sargento*, *romance*, *pistola*, *marechal*, dentre outras, que entraram como empréstimo para o enriquecimento do Português falado no Brasil.

Assim, Manzolillo (2014: 52) ressalta o caráter eufêmico da palavra “empréstimos” reiterando que essas palavras não voltam às suas origens. Por outro lado, traz à luz o fato de que, no futuro, os elementos acolhidos de outras línguas podem, por fim, ser esquecidos ou abandonados pelos falantes, mas “a devolução ao legítimo dono, contudo, é algo que jamais virá a ocorrer”.

Por fim, as palavras eruditas foram surgindo na língua a partir do desenvolvimento ocorrido pelos séculos. Essas são formas de empréstimos que podem ter influência de outros idiomas, assim como podem variar em diferentes áreas do conhecimento. Por exemplo, Ilari (2007) destaca a palavra *biodiversidade* que vem da necessidade de retratar a vida na fauna e flora. Além disso, as criações vernáculas podem estar relacionadas com as palavras eruditas, assim como constituem expressões que não possuem sentido literal, segundo a norma padrão, mas que ocorrem pela necessidade oriunda de um dado contexto social, como, por exemplo, as palavras *secar* (que pode significar dar azar), *presunto* (defundo), *égua* (pode significar surpresa, indignação, dúvida, xingamento) e as expressões “Não que não” (significa sim) e “te arreda” (significa pedir que ceda lugar, por meio do afastamento).

Dessa forma, entende-se a importância que a trajetória linguística significou para a formação do português brasileiro que, apesar do processo histórico excludente e etnocêntrico, formou uma língua cheia de

singularidades, encontrada de norte a sul do país, revelando as diferentes marcas de uma colonização que não ocorreu de modo uniforme, a partir do espírito colonizador das nações europeias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pautada por princípios naturais de mudança, a linguagem cumpre as exigências de seus objetivos, os falantes não só preservam a língua de seus antepassados como também são responsáveis pela sua evolução ao decorrer do tempo. É importante salientar como a Língua Portuguesa do Brasil, atualmente, se desprende das amarras de Portugal. Fazendo, portanto, a sua língua própria, com dialetos e variações. Em umas das entrevistas dadas por Marcos Bagno, o autor cita:

Muitas vezes quando nós, brasileiros, falamos sobre a necessidade de reconhecer o português brasileiro como uma língua autônoma e com um sistema linguístico próprio, ouvimos que isso é nacionalismo, maluquice ou desvario de “gente de esquerda”. Mas aqui eu trago a palavra de um especialista português que reconhece que, de fato, já existe uma “fratura” que separa as duas línguas. São línguas muito próximas, claro, aparentadas. Mas já com características muito evidentes que nos permitem, de fato, fazer uma descrição mais própria do português brasileiro — inclusive usando esse nome. (BAGNO, Marcos. 2015)

Diante disso, é perceptível a riqueza e diversidade da história da língua portuguesa, bem como a importância de se conhecer e analisar essa história para uma maior compreensão das origens, características e, mesmo, da estrutura da língua. Todo o processo histórico, de formação e consolidação, incluindo as influências externas que o idioma recebeu e a forma como ele se configurou num determinado lugar, dão um sentido ao porquê de uma língua, neste caso, o português, ser hoje da maneira como é.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. C. *História da Língua Portuguesa*. Paraíba: Editora Universitária UFPB, n. 1, 2011. Disponível em: [http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia\\_da\\_lingua\\_portuguesa\\_1360184313.pdf](http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf). Acesso em: 27 ago. 2019.
- BAGNO, M. *A língua de Eulália*: novela sociolinguística. 13ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2013.
- CAMARA JR, J. M. *Princípios de Linguística Geral*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.
- CASTILHO, A. T. A hora e a vez do português brasileiro. *Museu da Língua Portuguesa*: estação da luz, São Paulo, [2017]. Disponível em: <http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/A-hora-e-a-vez-do-portugues-brasileiro.pdf>. Acesso em: 9 set. 2019.
- COELHO, I. L. *Norma Linguística do Português no Brasil*. Florianópolis: UFSC, 2014. (p. 65-90).
- DUBOIS, J; *et al. Dicionário de Linguística*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2014.
- GUIMARÃES, E. A língua portuguesa no Brasil. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 24-28, abr./jun. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a15v57n2.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- ILARI, R; BASSO, R. *O português da gente*: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2007.
- MANZOLILLO, V. C. O. *Empréstimo Linguístico*: o que é, como e por que se faz. Cadernos do CNLF, V. XVIII, nº03 – Minicursos e Oficinas. Rio de Janeiro: CiFEPiL, 2014.
- MATTOS e SILVA, R. V: *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.
- PAGOTTO, E. G. Variedades do Português no Mundo e no Brasil. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 31-34, abr./jun. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a17v57n2.pdf>. Acesso em: 9 set. 2019.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais).

# DE OLHO NA LÍNGUA: UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO VERNÁCULA DO LÉXICO BRASILEIRO

Aline dos Anjos do Rosário  
Izadora Mariana Bragança Cruz

## INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que, ao longo dos tempos, tem-se observado uma constante discussão no que concerne o uso do português falado/escrito no Brasil (PB), em contrapartida ao realizado por países europeus (PE), o presente artigo apresenta resultados de um estudo bibliográfico sobre o léxico brasileiro a partir da sua formação vernácua, evidenciando, obviamente, o grande teor autônomo que o PB vem assumindo no decorrer da história, emancipado de um “paraíso linguístico” chamado Portugal.

O estudo surge por meio da problemática de que há, atualmente (e é, também, uma ideia pré-concebida historicamente) a equivocada concepção de que, em terras brasileiras, deturpa-se a língua lusitana, e por isso, o que é falado/escrito aqui é estigmatizado como “errado”, “feito” e “grotesco”. Esta ideologia, segundo Bagno (2004):

[...] menospreza as identidades individuais (afinal, falar errado é *ser* errado) e esmaga a autoestima dos cidadãos. Uma ideologia que provoca na gente uma profunda auto-aversão, um sentimento de desgosto por nosso próprio modo de falar, de pensar e, mais uma vez, de ser. (p. 09)

Assim, seguindo esta concepção, coube aos portugueses o mérito de escrever a língua de Camões, perfeita como seus versos minimamente metrificados, sem “erros” e fatores extralinguísticos que pudessem desvirtuar os falantes ideais.

Considerando isso, o presente texto propõe-se a afirmar que é de suma importância desmistificar tais juízos, com a justificativa de que a língua falada no Brasil é política, geográfica e socialmente distinta do português trazido em 1500, o que torna as alegações sobre erros e deturpações linguísticas totalmente equivocadas, já que o que é normatizado do outro lado do Atlântico não condiz com a realidade linguística brasileira. Inserem-se, então, neste contexto, questões fonológicas, morfológicas e sintáticas, que caracterizam o português da América, tornando-o, por excelência, único, próprio e vernáculo.

Para metodologia de estudo deste texto, utilizou-se a pesquisa de cunho bibliográfico, com a análise de textos teóricos, revistas, artigos circulantes na mídia digital para a sistematização dos conceitos abordados, além da análise qualitativa do léxico brasileiro, com ênfase no processo de formação vernácula.

Como aporte teórico, foram utilizados os postulados de Bagno (2004), com questionamentos sobre o que é português e o que é brasileiro, traçando a diferença entre os dois termos, não somente no âmbito linguístico, mas considerando aspectos sociais e políticos que os torna totalmente distintos; Coutinho (1976) que, em sua gramática histórica, descreve de forma clara e concisa o processo de formação do léxico português, enfatizando o processo histórico de formação; Guimarães (2005), que discute profundamente, o processo de chegada do português no Brasil; Terra e Nicola (2004) que tratam dos processos de formação de palavras, com uma abordagem contextual da língua e, por fim, Ilari (2011) que descreve, em seu livro “O português da gente”, o real fator que transfigura o português brasileiro como um idioma multilinguístico, com um olhar atento sobre a formação do léxico propriamente brasileiro e, ainda, discute acerca das variações linguísticas presentes nas regiões brasileiras.

Dessa forma, o artigo, além da introdução e considerações finais, está dividido em três seções: do lusitano ao português: uma perspectiva histórica, a concretização do vernáculo brasileiro e os processos de formação de palavras.

## 1. DO LUSITANO AO PORTUGUÊS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Quando se trata de Língua Portuguesa como idioma (e não somente como língua de Camões), o primeiro passo para um estudo, no que tange o léxico e outras áreas da língua, é a possibilidade de diferenciar (e, claro, separar), historicamente, o processo de formação linguística do *português/lusitano* e do *português/brasileiro*.

O português falado em Portugal, segundo Coutinho (1976), proveio do chamado latim vulgar - ramificação da língua latina, a qual era falada e difundida pelo povo (camponeses, soldados, etc.) - introduzido na Lusitânia (região situada ao Ocidente na Península Ibérica) por meio dos conquistadores romanos. O idioma, por essa razão, é denominado neolatino.

O processo histórico de conquista da nacionalidade portuguesa e, conseqüentemente, a autonomia linguística, ocorreu de forma longa e progressista. Houve, na região peninsular, um grande processo de invasões e conflitos por territórios, o que colocava os povos em contato, de forma constante, com outros falares, a partir, sobretudo, da chegada dos Romanos na região, no século II a. C.

No desenvolvimento e expansão na Península, segundo Guimarães (2005), houve também a difusão e moldagem da língua, tendo o latim (língua romana) entrado em contato com línguas já existentes na região. Posteriormente, com o latim já modificado pelas línguas germânicas, houve a comunhão linguística com povos muçulmanos e árabes, transformando o Latim, dando-lhe traços linguísticos distintos.

Após todo o processo de fusão linguística que o latim romano sofreu, observou-se, então, no final do século XIV/XVI, a Língua Portuguesa consolidando-se como idioma oficial da nação luso, tornando-se

uma língua específica europeia e, passando a expandir seu domínio linguístico, por meio dos descobrimentos marítimos. A esse respeito, Coutinho (1976:58) afirma:

A língua portuguesa, que servia, nessa época, de instrumento a uma culta e rica literatura, espalhou-se rapidamente pelas novas terras recém-descobertas, avassalando continentes e ilhas. Nenhum povo foi jamais tão longe através dos mares, como o lusitano, cujas naus percorriam os oceanos em todos os sentidos e cuja bandeira tremulava em todas as partes do mundo, porque em todas elas Portugal possuía colônias.

Com relação ao Português no Brasil, Guimarães (2005) discorre que o idioma chegou a terras americanas, justamente, por meio das expedições marítimas dos portugueses. O contato linguístico oficial que o Brasil teve com o português foi a partir do processo de colonização, em 1532, quando o idioma foi “transportado”, como mercadoria, e imposto pelos lusitanos. Por essa razão, não é de todo correto afirmar que o português brasileiro proveio do latim, mas de uma ramificação dele.

É de extrema relevância ressaltar que, para tornar-se como é conhecido hoje - português brasileiro -, não precisou dar início a um novo idioma propriamente dito. Havia, no território que, posteriormente, foi nomeado Brasil, um significativo número de povos indígenas, dentre estes o tupi, que, com sua simplicidade e cultura próprias, residiam num espaço e tempo definidos e, particularmente, desenvolvidos.

Com a chegada dos colonizadores, não tão somente, portugueses, mas holandeses, asiáticos, espanhóis e tantos outros, houve o “choque” com o já existente registro linguístico no território, o que, obviamente, causou o processo de hierarquização e imposição da língua lusitana sobre os povos indígenas que, como o lado “mais fraco da história”, acatou sem chance de negativas.

Didaticamente, Guimarães (2005) divide o processo de consolidação do português no Brasil em dois períodos, partindo desde o momento da chegada dos portugueses e saída dos holandeses no territó-

rio brasileiro, até a chegada da coroa portuguesa. No primeiro período, datado de 1500 até a saída dos holandeses, em 1654, houve contato dos portugueses e holandeses (língua de um país também colonizador) com o tupi, este último denominado como língua geral desenvolvida no Brasil. As línguas tupis eram as faladas pela maioria da população residente no território; o português, como língua colonizadora, era usada nos documentos oficiais e falada pelos administradores da colônia. O segundo período, datado de 1654 até a chegada da coroa portuguesa, no Rio de Janeiro, em 1808 foi o momento fundamental para o processo de colonização, já que a relação dos portugueses com os falantes das línguas gerais estreitou-se de forma acentuada.

Com a saída dos holandeses do território, Portugal, já livre como único detentor de um idioma de Estado, passa a tomar medidas diretas e indiretas que conduzem ao declínio das línguas gerais, em virtude, do impedimento da difusão das línguas gerais nas escolas e o processo de catequização dos índios que, ao contrário do que se acredita, foi muito mais uma imposição e demonização da cultura dos povos originários do que um ensinamento efetivo da fé. Além disso, esse período marca o registro de línguas africanas, por meio da vinda dos escravos, para o território colonizado. Estas medidas, juntamente com a entrada significativa de portugueses no Brasil, impulsionam o fato da língua portuguesa ser, não apenas a língua oficial de Portugal, mas o idioma mais falado no Brasil.

## 2. A CONCRETIZAÇÃO DO VERNÁCULO

O estudo do léxico português, sobretudo em se tratando do brasileiro, não é uma tarefa fácil. Na realidade, é um grande desafio, não somente para estudantes dos cursos de Letras que deveriam enfrentar, mas, também, para a população, que deveria acatar a proposição do desafio para ter um autoconhecimento da sua própria língua e valorização do que é cultural do seu país. Segundo Bagno (2004):

Estudar o brasileiro é dar voz à língua falada aqui, neste país chamado Brasil, 92 vezes maior que Portugal, habitado por uma população

quase 17 vezes mais numerosa. É perceber que todas as línguas mudam, que toda língua é um grande corpo em movimento, em formação e transformação, nunca definitivamente pronta. (p. 10)

Nesta perspectiva, seria possível esclarecer, de maneira científica, o mito de que somente o português (o residente de Portugal) realiza o idioma “corretamente”. Na verdade, o lançar de um olhar mais criterioso sobre a língua, mostra o quão ela é rica e que, em um curto período realizando-a, existem infinitas possibilidades de análise.

Para falar sobre o vernáculo linguístico, é importante ter em mente que este termo diz respeito ao que é próprio de um país, ou seja, é o processo que caracteriza algo, seja este uma música, um quadro ou a própria língua, como parte identitária de uma determinada região.

A partir do momento que é afirmado que o léxico brasileiro sofreu formação vernácula, é possível confirmar que, no país chamado Brasil, o português, em seus aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e morfológicos constitui um idioma somente deste lugar, isto é, que o brasileiro é um povo capaz de, ao longo do tempo, constituir/moldar um modo de falar que é muito mais que uma língua híbrida, mas que diz a sua identidade e papel social dentro de um meio.

Dessa forma, segundo Ilari (2011):

O léxico do português brasileiro aparece como resultado de um longo processo, no qual muitas palavras antigas se perdem ou só sobrevivem com novas funções e novos valores, ao mesmo tempo que novas palavras vão sendo constantemente criadas. (p. 134)

Assim, para que haja a constituição de um léxico, sobretudo o brasileiro, a língua (com seus constituintes) passa por processos de formação de palavras. Tratando-se da formação vernácula, esses processos são evidenciados a partir de “[...] palavras criadas no interior da própria língua com base em palavras preexistentes”. (Ilari, 2011, p. 134). Tais processos serão explicados a seguir.

### 3- PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Em português, segundo Terra e Nicola (2004), há a divisão didática de palavras, quando se trata dos processos de formação, em: primitivas, derivadas, simples e compostas. Sendo assim, palavras primitivas dizem respeito àquelas que não provêm de outra. No léxico brasileiro, as palavras de origem tupi, por exemplo, são consideradas primitivas, já que sua composição linguística não deriva de outra língua.

Já palavras derivadas, como o próprio nome já sugere, tratam-se de palavras que derivam de outras já existentes na língua, isto é, da palavra primitiva. Palavras simples são, segundo os autores, aquelas que apresentam apenas um radical, ou seja, são de apenas uma raiz linguística. Por fim, as palavras compostas são aquelas que têm, em sua formação, mais de um radical. Os principais processos de formação de palavras são os descritos no quadro a seguir:

**QUADRO 1**  
**PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS**

<p><b>Composição</b></p> <p>Processo no qual, para formar uma nova palavra, há a junção de dois ou mais radicais.</p>	<p><b>Justaposição</b></p>	<p>União de dois termos (palavras), sem que haja perda fonética, isto é, os radicais conservam as palavras originárias.</p> <p>Exemplos: Couve-flor; Beija-flor; Papel-moeda; salário-família; Passatempo</p>
	<p><b>Aglutinação</b></p>	<p>União íntima de dois radicais, de modo que haja perdas fonéticas no processo de formação.</p> <p>Exemplo: Aguardente (água + ardente); Planalto (plano + alto); Embora (em + boa + hora); Estouro (este + outro).</p>

<p><b>Derivação</b></p> <p>Processo pelo qual são obtidas palavras novas a partir da agregação de afixos.</p> <p>Há, nos processos de derivação das palavras a ocorrência de acréscimo de morfemas na palavra nova (derivada).</p> <p>Existem outros processos de derivação que caracterizam-se pela supressão ou inexistência de afixos. onomatopeia</p>	<p><b>Prefixação</b></p>	<p>A palavra recebe um prefixo (morfema acrescentado no início da palavra) na sua formação.</p> <p>Alguns exemplos utilizados no léxico brasileiro: <b>Auto</b>avaliar; <b>Desculpar</b>; <b>Infeliz</b>; <b>Injúria</b>; <b>Des</b>leal.</p>
	<p><b>Sufixação</b></p>	<p>A nova palavra é acrescida de um sufixo (morfema acrescentado no final da palavra).</p> <p>Exemplos: Feliz<b>mente</b>; Leald<b>ade</b>.</p> <p>Palavras com derivação de grau aumentativo ou diminutivo também são consideradas sufixais. Exemplos: Maninh<b>a</b>; Pared<b>ão</b>.</p>
	<p><b>Parassintética</b></p>	<p>A palavra formada é obtida pelo acréscimo de prefixos e sufixos de forma simultânea. Este processo ocorre, no português, geralmente com verbos que expressam sentimentos e/ou fenômenos da natureza.</p> <p>Exemplos: <b>Entardec</b>er; <b>Entristec</b>er; <b>Anoit</b>ecer</p>

	<b>Regressiva</b>	<p>Redução na palavra primitiva para formar outra. Ocorre, assim como a parassintética, de forma mais constante, com substantivos derivados de verbos. <b>Exemplos:</b></p> <p>Dispensar (Verbo) = Dispensa (Subst.)</p> <p>Caçar (Verbo) = Caça (Subst.)</p> <p>Castigar (Verbo) = Castigo (Subst.)</p> <p>Combater (Verbo) = Combate (Subst.)</p>
	<b>Regressiva conversão</b>	<p>Formação da palavra derivada por meio da mudança de classe gramatical da palavra primitiva. Não há mudança na forma da palavra, é observado apenas o processo de regramaticalização.</p> <p><b>Exemplos</b></p> <p>Jantar (subst.) deriva do verbo jantar</p> <p>Mulher aranha adjetivo aranha deriva de aranha (subst.)</p>
	<b>Abreviação</b>	<p>Redução da palavra ao máximo, até ao ponto de não prejudicar a compreensão desta. Ocorre, geralmente, por meio do processo de economia linguística observado ao longo da história das línguas.</p> <p><b>Exemplos</b></p> <p>Moto (motocicleta)</p> <p>Foto (fotografia)</p> <p>Pneu (pneumático)</p>

	<b>Onomatopeia</b>	Reprodução, de modo mais fiel, dos sons da língua. <b>Exemplos</b> tique-taque    ----    zunzum bi-bi            ----    miar cacarejar
--	--------------------	--

Fonte: Terra e Nicola (2004)

Há, além desses processos, o que Ilari (2005) denomina de “campos marginais do léxico”, que diz respeito à formação de nomes de lugares, pessoas e marcas, e que são de extrema importância para a formação do léxico brasileiro. Assim, segundo o autor: “[...] o português do Brasil tem sido grande importador de pronomes estrangeiros, um fenômeno para o qual devem ter contribuído fortemente a imigração, a Segunda Guerra Mundial, a influência do cinema e a mídia.” Assim, o português falado no Brasil tem, constantemente, “emprestado” palavras de outros países. Todavia, deve-se ressaltar que, ao importar um termo, o brasileiro tende “abrasileirá-lo”, de modo que, mesmo este sendo de origem estrangeira, passa a fazer parte do léxico brasileiro de forma integral.

Além disso, há, ainda, a tendência no léxico a utilizar frases conhecidas como idiomáticas, ou seja, na sua formação são empregadas várias formas regramaticalizadas. Alguns exemplos comuns no PB são: “chutar o balde”, “bater as botas”, “dar com o rabo na cera”, entre tantas outras que encantam e enriquecem ainda mais o léxico brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que foi exposto ao longo do artigo, deve-se ressaltar o quão importante é, atualmente, reafirmar uma língua e um léxico próprio do Brasil. Há, ao longo da história dos estudos do português brasileiro, a constante discussão de haver uma gramática (utilizando o termo como o conjunto de normas que regem o *uso* da língua) que se desprenda, de vez, das amarras linguísticas que o país ainda tem com Portugal.

Amarras essas que nos obrigam a seguir parâmetros que não condizem com a nossa realidade que descrevem um idioma falado há milhares de quilômetros daqui. Ensinar português (escrever e falar também) ainda é, segundo Bagno (2004):

[...] transmitir - consciente ou inconscientemente - uma ideologia linguística que prega a incompetência da grande maioria dos brasileiros em falar “a língua de Camões”, que acusa todos eles de contribuírem para a “ruína do idioma” (p. 09).

Deve-se, então, desmistificar o folclore linguístico que gira em torno do erro e firmar as pesquisas sobre um uso real do português, que é falado, vivido e presenciado na vida dos brasileiros. É, portanto, imprescindível que os pesquisadores do século XXI estejam dispostos a sair das zonas de conforto e passem a propor soluções reais para o estudo do léxico brasileiro nas escolas. Para que, assim, haja menos falantes da Língua Portuguesa e mais usuários da Língua Brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, G. S. A língua portuguesa e o nascimento do vernáculo brasileiro. *Revista ANCELA*. Paraná. v. 11. n. 2 p. 103-112 jul/dez, 2010.
- BAGNO, M. *Português ou Brasileiro?* Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1976.
- GUIMARÃES, E. A língua portuguesa no Brasil. *Ciência e cultura: línguas do Brasil*. São Paulo. v. 57. n. 2. Abr-Jun, 2005. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252005000200015&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252005000200015&script=sci_arttext). Acesso em: 10 dez. 2019.
- ILARI, R; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- TERRA, Ernani. NICOLA, José de. *Português de olho no mundo do trabalho*: volume único. São Paulo: Scipione, 2004.

## MEMÓRIAS DE UM PORTUGUÊS DE MAIS DE 400 ANOS NO PARÁ

Waldinett Nascimento Torres Pena

*As armas e padrões portugueses, postos em África e em  
Ásia, e em tantas mil ilhas fora da repartição das três  
partes da terra. Materiais Sam, e pode-as o tempo gastar  
peró nam gastará doutrina, costumes, linguagem, que os  
portugueses nestas terras leixarem.*

João de Barros em Diálogo em  
louvor da nossa linguagem, 1540.

### OS PRIMEIROS CAMINHOS DE UMA LÍNGUA

As línguas são estruturas surgidas de uma nascente primeva e potencializadas por esta - a inserção do próprio homem num determinado contexto social, histórico e geográfico. Dito isso, entende-se a necessidade de haver um posicionamento diacronista, sem a exclusão dos sincronismos, pois é importante que a língua seja vista como objeto mutável no tempo, no espaço e na sociedade, uma vez que, ao estudá-la, são percebidos estratos diacrônicos, de idades diferentes, harmonicamente dispostos a formar um elemento único e complexo que deve ser estudado como um fato social, cultural e histórico.

A língua, segundo William Dwight Whitney (1827-1894), é semelhante a um produto da vontade dos indivíduos, por isso é necessário o estudo do indivíduo no contexto de fala, tudo isso em consonância com a história do local, onde o indivíduo está inserido, para que seja possível

o entendimento do seu falar, daí a necessidade de recorrer à história da língua num viés diacrônico, uma vez que, com o apoio dela será possível decifrar a cultura e o modo de vida de um povo. É por meio do estudo histórico das línguas que pode ser observado o comportamento humano das diferentes comunidades pertinentes à cultura, vivência, práticas laborais e conhecimentos principalmente, orais, repassados às sucessivas gerações.

A língua, segundo William Dwight Whitney (1827-1894), resulta do querer dos indivíduos, que a adéquam conforme as circunstâncias. Assim, o léxico que compõe uma língua está preso a todo um processo de mudanças linguísticas ocorridas por vontade dos falantes, ainda que de maneira inconsciente. Tais mudanças ocorrem como se houvesse um acordo tácito entre os falantes, dessa forma, há de se entender que as modificações não são obra de um só indivíduo, mesmo por que não tem poder para isso; mas de uma comunidade inteira que transmite, preserva e repassa às gerações, por meio da linguagem, todo o arcabouço de uma língua, assim a perpetuando.

É interessante como nos atos de fala, não é visualizada a dimensão diacrônica da língua, o que direciona ao pensamento detalhado sobre quando e como o homem começou a falar o idioma hoje utilizado para se expressar de maneira oral e escrita, como surgiram as palavras e expressões utilizadas e como elas se fixaram nos falares do povo. Para tanto, é preciso, sim, voltar ao início de tudo: à história da Língua Portuguesa, não daquela falada em Portugal, mas da praticada pelos brasileiros, dentro e fora do Brasil, para depois falar na que é praticada no Estado do Pará.

Este artigo está estruturado, além da introdução e das considerações finais, em três tópicos, nos quais estão inscritos comentários sobre a língua portuguesa no Brasil. No primeiro é apresentado um histórico da língua portuguesa a partir da chegada dos portugueses no território brasileiro e a interação com línguas indígenas e africanas; no segundo são tecidos comentários sobre o Estado do Pará, sua história, povo, cultura e no último, a exemplificação dos falares paraenses que vêm se perpetuando pelos tempos, traduzindo o perfil de uma gente criativa e

orgulhosa de suas origens, mas também arraigada às tradições de mais de quatrocentos anos de história.

## 1. A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, permanecendo a partir de então, no território brasileiro, apesar do Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, entre Portugal e Espanha, ter definido o mundo extra europeu, com a demarcação de dois hemisférios de polo a polo, dando a Portugal o direito de posse sobre a faixa de terra onde se encontrava o Brasil, terras localizadas a leste da linha 370 léguas, traçadas a partir de Açores e Cabo Verde.

A proximidade das datas do Tratado e da “descoberta” leva a crer que Portugal, antes mesmo da expedição de Cabral, já tinha conhecimento das terras brasileiras, o que implica na suposição de que os portugueses teriam estado no território brasileiro bem antes do “descobrimento” e que, desde então, começaram a impor sua presença, ainda que de maneira discreta.

Chegando ao Brasil, os portugueses encontraram cerca de 2.000.000 de habitantes locais aos quais chamaram índios, em decorrência do engano de Colombo, que julgara ter encontrado as Índias, em suas viagens, em 1492. Desse modo a palavra designava, sem distinção, todo e qualquer grupo indígena. Essa denominação juntou-se a outras, pois os jesuítas os chamavam de Gentios; os colonizadores de inimigos ou contrários, quando se referiam a grupos de índios que não fossem seus aliados; os grupos escravocratas os chamavam de negros da terra ou negros brasis, para diferenciá-los dos negros africanos. No século XIX, a população nativa foi chamada de índios mansos, os controlados e índios bravos, os hostis.

Os colonizadores, para melhor identificar os nativos, classificaram-nos em Tupi ou Tupinambá, com a significação de povo do litoral, de línguas e costumes semelhantes e Tapuia, a todos os demais grupos

que não falavam a língua geral<sup>23</sup> e que pertenciam a outros troncos linguísticos.

Tais informações foram obtidas por meio do que foi conveniado a chamar de Literatura dos Viajantes e Cartas dos Jesuítas à Companhia de Jesus, contando sobre o andamento da catequese, de grande valia para a obtenção de dados e, conseqüentemente, conhecimento sobre a população nativa da época do descobrimento e da colonização. Dados que falam sobre o quantitativo humano, as línguas faladas, os hábitos e costumes dos nativos desta Terra.

Desde o descobrimento, a Língua Portuguesa foi se enraizando e se misturando aos falares dos nativos, cujas línguas foram desaparecendo paulatinamente, no entanto, deixando marcas de sua influência na língua do colonizador.

O Tupi-guarani, a primeira a ser usada como língua geral na colônia, paralelamente ao português, embora os jesuítas utilizassem ambos, acabaram difundindo-a por aonde iam até o ano de 1757, quando a Coroa proibiu o uso do Tupi-guarani, tornando o Português obrigatório nas comunicações. Em 1759, os jesuítas foram expulsos do território brasileiro e a Língua Portuguesa tornou-se o idioma oficial do Brasil.

Observando os povos que formaram a população do território brasileiro, chega-se à conclusão de que, embora o Português seja a Língua oficial do Brasil, os fatos direcionam para a plena certeza de que a Língua Portuguesa transplantada de Portugal para o Brasil foi sim, a falada pelo europeu, a qual não deve ter persistido muito tempo entre os habitantes daquela época, muito menos entre os que vieram depois, pois a língua é um organismo vivo que tende a mudanças vinculadas ao espaço geográfico, ao momento histórico da produção de fala, ao indivíduo que fala para um grupo com o qual se comunica, usando uma

---

<sup>23</sup> A língua geral foi falada no Brasil entre o final do século XVII e o início do século XX. Formou-se a partir da evolução histórica do tupi antigo. Dividia-se em dois ramos: a língua geral setentrional (também chamada língua geral amazônica) e a língua geral meridional (também chamada língua geral paulista). A língua geral setentrional deu origem no século XIX ao nheengatu, que ainda é falado atualmente no alto Rio Negro, na região fronteira entre Brasil, Venezuela e Colômbia.

linguagem que se consolida no uso e se perpetua pela oralidade, muito mais que pela escrita.

O Brasil é integrante da comunidade de Língua Portuguesa que fala Português, não como apenas um dos países de Língua Portuguesa, mas como o detentor maior de falantes deste idioma, pois congrega 80% dos falantes do idioma só dentro do Brasil, sem contar com os mais de dois milhões de brasileiros que moram fora da pátria, em países de mesmo idioma ou de idiomas diferentes, cujos habitantes locais se rendem à maneira como os brasileiros usam o idioma e o que fizeram da língua, outrora, imposta a eles.

Segundo dados do IBGE, no período de 1500 a 1700 não entraram no Brasil mais do que 100 mil imigrantes, dentre os quais estavam os primeiros portugueses, homens abastados que se fixaram em Pernambuco e na Bahia e, vieram para explorar a produção de cana de açúcar.

Ainda nesse período, Portugal iniciou a migração internacional forçada – o degredo, diminuindo o povoamento, em termos quantitativos. Calcula-se que os degredados, nos dois primeiros séculos de povoamento nas regiões centrais da colônia, chegaram a 20% da população e nas áreas periféricas, cerca de 80% de portugueses. Todos eram falantes do Português chamado Lusitano.

No mesmo período vieram cristãos novos, ou seja, portugueses de origem judaica, convertidos ao cristianismo, originários de Portugal, Marrocos, Espanha, França, Inglaterra, Holanda Alemã, Áustria, Polônia, Rússia, Hungria, Romênia, Egito, Turquia, dentre outros países, além de ciganos que fugiam à perseguição religiosa.

Entre os séculos XVI e XIX vieram para o Brasil, aproximadamente, quatro milhões de africanos trazidos pelo comércio negreiro, vindos de Moçambique, Congo e Angola, regiões conquistadas pelos portugueses ainda no século XV. De acordo com o IBGE “o equivalente a mais de um terço de todo o comércio negreiro”. Tal afirmação significa dizer que: havia mais africanos que portugueses em território brasileiro; os africanos constituíram o grupo que mais contribuiu para o povoamento do Brasil, seguidos dos portugueses. Esses últimos foram os responsáveis pela entrada dos negros do grupo étnico denominado

sudanês, oriundos da Nigéria, Guiné e Costa do Ouro, com línguas e costumes diferentes dos demais.

O português é falado no Brasil, em todo o território nacional, mas, cada região, cada Estado, cada município mostra aspectos peculiares, em virtude da história singular de cada localidade e dos indivíduos que a formaram. Assim chega-se aos diversos falares, encontrados no Estado do Pará e, para tanto, é preciso comentar sobre a história e dos habitantes deste Estado.

## 2. O PARÁ: a história do povo

O Pará é uma das 27 unidades federativas do Brasil, situado na Região Norte, é o segundo maior Estado do País em extensão territorial, cuja área é de 1 247 954, 666 km<sup>2</sup>, dividida em 144 municípios, que abrigam os seus 8,5 milhões de habitantes. O Estado é ainda subdividido em 21 regiões geográficas imediatas<sup>24</sup>, que por sua vez estão agrupadas em sete regiões geográficas intermediárias, segundo a divisão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vigente desde 2017m. Limita-se ao Norte com o estado do Amapá; a noroeste por Roraima; a oeste pelo Amazonas; ao Sul, por Mato Grosso; a Sudeste, pelo Tocantins; a leste, pelo Maranhão e ao extremo Norte, Pelo Suriname e Guiana.

Tradicionalmente, é considerado que origem da história do Pará date a partir de 1616, com o estabelecimento dos primeiros europeus, na fundação das terras de “Conquista do Pará”, pertencente à Capitania do Maranhão, subordinada ao “Governo do Norte”, valendo ressaltar que o território paraense, inicialmente, foi explorado pelo espanhol Francisco de Orellana, que partiu da foz do rio Amazonas e navegou pelo interior amazônico, descrevendo em cartas a paisagem e tecendo comentários sobre as possíveis riquezas locais, no intuito de chamar a atenção da coroa espanhola.

---

<sup>24</sup> As regiões geográficas intermediárias foram apresentadas em 2017, com a atualização da divisão regional do Brasil, e correspondem a uma revisão das antigas mesorregiões, que estavam em vigor desde a divisão de 1989. As regiões geográficas imediatas, por sua vez, substituíram as microrregiões. Na divisão vigente até 2017, os municípios do estado estavam distribuídos em 22 microrregiões e seis mesorregiões, segundo o IBGE.

Em 1621, o território torna-se Capitania do Grão-Pará, integrante do Estado do Maranhão, no século XVIII, passa a ser Estado do Grão-Pará e Maranhão. Em 1850 seu nome torna-se Província do Grão-Pará e Rio Negro, e em 1889, fica apenas como Estado do Pará.

A fundação de Belém, a 12 de janeiro de 1616, foi o primeiro passo do projeto português de conquista territorial, realizado num processo contínuo e permeado de tensão, pois a ocupação do território aconteceu a partir do massacre ou escravização dos indígenas e por guerras contra outros países europeus que também detinham grande faixa de terra na Amazônia.

Segundo o IBGE, há registro de tribos indígenas povoando a região, antes mesmo da chegada dos primeiros desbravadores, que tinham, por mister, a exploração de especiarias e das drogas do sertão tão conhecidas dos habitantes da terra. Assim começou a exploração do povo indígena e da fauna e flora locais, entretanto, mesmo com as tentativas recorrentes de exterminar os povos indígenas, seus hábitos e costumes, o espírito da floresta sobreviveu, haja vista que, em grande parte da cultura paraense existem marcas da influência indígena, robusta e consolidadas na identidade do paraense.

Pelo percurso diacrônico da História do Pará, observa-se que o paraense tem sua origem identitária num misto de hábitos e conhecimentos variados, legado de povos distintos, ou seja, o índio, o negro e o branco, falantes de idiomas diversos, os quais deixaram contribuições importantes que atravessam o tempo, colaborando para o enriquecimento da cultura local, tornando-a mais exuberante.

### 3. PARÁ: um reduto de arcaísmo

Ainda que o paraense resulte de uma mestiçagem histórica, o que melhor define o povo deste Estado são as palavras utilizadas pelos falantes suas expressões tão peculiares, que se mostram tão mestiças quanto o povo, ora permitindo a percepção da influência indígena, ora da africana, ora da portuguesa.

Quanto à portuguesa, as referências incidem nos falares do norte de Portugal, de onde vem o chiado do S, que mais parece um X em palavras como mastro em que se ouve /maxtru/ ou em palavras como mês em que se ouve / mex/; o uso do pronome de segunda pessoa pertinente aos verbos de mesma pessoa; a transformação do O final em U como fazem os lusitanos ao dizerem assombro em que se ouve /assombriu/, ou do E que se transforma em I como em /mininu/ ou surpreendentemente, desaparece pelo som do M, assim - /m'ninu/.

Nas itinerâncias da autora do artigo pelos diversos *campi* do interior do Estado, como professora da Universidade do Estado do Pará, ministrante das Disciplinas Latim, Grego e Português Diacrônico, dentre outras, foi possível manter contato com familiares de alunos que falavam um Português interessante de se ouvir. Os discentes, aos quais se faz referência, estudavam no campus de Santarém, embora oriundos de localidades adjacentes tais como Curuaí, Curuaí-Una, Jabuti, Jacaré, Ponta Cururu, Ilha Ararapichun entre outras.

A maioria desses discentes vivia com avós, pais e tios de certa idade e se expressavam tais quais seus familiares, daí ter sido fácil ouvir deles palavras ditas como em Portugal, sendo o mais impressionante ouvir palavras características de um falar Português bem antigo, do século XVI e até de séculos anteriores. Em algumas vezes, a enunciação das palavras, fluíam com as devidas evoluções ocorridas com o tempo; em outras vezes, tal como é lido os documentos daqueles séculos, palavras tais como coidar (cuidar), cuidadoso (cuidadoso), drento (dentro), caje (quase), creimado (queimado), benção (bênção), veo (veio) de riba (de arriba = de cima), derriba (derruba), botica (farmácia), mezinha (remédio caseiro), fea (feia), Ilharga (lado), nemigalha (nem um pouco) e o característico “mana/o” dos paraenses, dentre tantas outras palavras.

As palavras foram ditas em contextos frasais, derivados de “prosas”, regada a café com bolinhos de farinha d’água, conversas essas gravadas, a princípio, sem que os participantes soubessem, mas depois, ficavam cientes ao final das visitas e achavam engraçado o pedido de permissão para o devido uso das palavras pronunciadas por eles. Todas as frases passaram pelo *Softwares - Waver Surfer*, uma ferramenta aberta

para visualização e manipulação do som, a partir da qual foi possível listar as palavras e tratá-las adequadamente. Tais palavras foram elencadas, apresentadas nos contextos frasais em que ocorreram, para em seguida, mostrá-las em textos antigos, a fim de comprovar que o Pará é um reduto de arcaísmo.

Nos quadros abaixo estão inscritas algumas palavras retiradas de uma lista resultante de uma pesquisa sobre a identificação de traços de um Português de mais de 400 anos, nos falares paraenses, realizada em localidades próximas ao município de Santarém, no Estado do Pará, no ano de 2018.

QUADRO 01

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
<b>COIDAR</b> <b>CAJE</b> <b>VEO</b>	1- “Bora, essa uma, <b>coida!</b> que já tá <b>caje</b> na hora da janta.” 2- “É João, meu fiu, que <b>veo</b> de Breves pra vivê cum nox e agora é eli que <b>coida</b> das prantas daqui do quintar.” 3- “Esse cachorru <b>coida</b> que a gente é besta, se faz de lesu, mas se a gente não tá com os dox oio abertu, ele rouba a boia toda.”
	Observa-se que o verbo <b>Coidar</b> aparece nas três frases e que, em cada uma, tem sentido diferente, apressar-se em (1); tomar conta em (2), pensar em (3). As duas primeiras são realizações comuns entre os paraenses, inclusive os da capital; a terceira realização, incomum no meio urbano, entretanto, peculiar à linguagem dos interioranos mais antigos e de sua descendência.
	Pesquisando a palavra <b>Caje</b> , encontrou-se em Leodegário Amarante Azevedo Filho (1985) - Visualização de trechos - Mais edições, a seguinte informação: <b>Quasi</b> . Do lat. quasi. A forma <b>caje é arcaica, com redução do ditongo a vogal e palatalização do /z/. Grafia actual: quase</b>
	<b>Veio &gt; veio</b> - Da Ásia de João de Barros e de Diogo de Couto (1777) - “E daqui das ilhas, depois que <b>veo</b> , <b>ter a</b> efte Reyno, onde foi mui bem recebido, però que não <b>veio tão carregado de fazenda, quanto era a</b> eiperança no tempo que de cá partio. CAPITULO V. Como Affonso d’ Alboquerque ...” <b>Há de se notar que no trecho, podem-se ver as duas ocorrências, visto que, na época, ambas eram usadas de maneira oscilante.</b>

Fonte: Autora

QUADRO 02

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
<p><b>CUIDOSO</b> <b>ILARGA</b> <b>RIBA</b> <b>ARRIBA</b></p>	<p>“O que lhe digo é que meu mininu é muito <b>cuidoso</b> com a genti qui <b>já</b> tamu velhu. Mas quando <b>já que ele larga da</b> genti, qué <b>tá de</b> oio em <b>riba</b> de nóx. qué trazê nox na <b>ilharga</b> dele. Ele se esqueci qui <b>arriba</b> de nox <b>tá</b> Deux qui manda na genti.”</p>
<p>Antônio Geraldo da Cunha - 2019 - Ímostra, no dicionário etmológico da Língua Portuguesa, que o vocábulo. tem a mesma evolução semântica do anterior  cuidadosO cuy-XIV, coi-XV  <b>cuidoSO XVI</b>, coy-XIV Var. haplológica de cuidadoso  DEscuidADo XVI  DEscuidar XVI DEscuidISTA XX  DEscuido XVI. Dev. de descuidar. E&gt; cuidar — cuidadoso.</p>	
<p>Em “Chronicas dos reis de Portugal” - 1774 – Volume 2 – Página 387, foi encontrada a seguinte referência para <b>RIBA</b>: Lugares de <b>riba de Coa que ficarão a</b> el Rei de Portugal. 21. MEMoria da batalha do Salado <b>que</b> taa em hum marmore na See de Euora, 167. • Miranda tomada dos Catelhanos per engano. 243, 8 ... Moeteiro de Sam Dinis de Odiuellas. 75.</p>	
<p>E num trecho de fábula grega escrita em português do século XIII: o rato, a rã e o minhoto (trecho de um fabulário esópico anônimo)</p> <p>Conta-sse que huu rrato, andando sseu caminho pera emderençar sseus negoços, ueo <b>arriba</b> de hua augua, a quall ell nom podia passar. E estando assy <b>cuydoso</b> arriba da augua, <b>veo</b> a ell huua rraã e disse-lhe:</p> <p>- Sse te prouver, eu te ajudarey a passar esta augua.</p>	

Fonte: Autora

## QUADRO 03

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
<b>ILHARGA</b>	<p>1- “Tinha uma mulhé <b>pô</b> essas bandas, que disque era aparentada de índio, ela carregava u filhu fincado aqui na <b>ilharga</b> e se ia pra capoeira, trabalhava o que dava o dia, vortava pra donde ela morava, todus us diax, acredita, essauma, que ela nunquinha que disse palavra pra ninguei, mas quando já que um vivente podi dizê que ouviu a Vox dela! se calhá, acho até qui neim tinha Vox. “</p> <p>2- “...mas si ela num <b>põe reparo nem nu</b> qui <b>tá na ilharga</b> dela, vai pô nu qui <b>tá no</b> terrero? Malamá vai vê us ovu que as galinha punharo...”</p>
<p>Em Provas Da História Genealógica Da Casa Real Portuguesa: 1744 - página 213, lê-se: ¶ De quam afagado há debir dos que levar <b>á</b> tuá <b>ilharga. Fileira, em que for</b> não deve de hir mais afaftado, nem menos dos que levar à tua ilharga, que quanto lhe chegue com a maõ às maõs do que levar à tua ilharga; e desta maneira devem..”</p>	
<p>Em Michaelis On-line, foi encontrado o verbete: de <b>ilharga</b>: de esguelha, de lado, obliquamente. ETIMOLOGIA lat vulg *iliaricam.</p>	
<p>No Dicionario da lingua portuguesa: composto - Volume 2 - Página 135, António de Morais Silva - 1831 † mostra o verbete para <b>ILHARGA</b>, s. f. Lado do corpo huImano, dos - quadrís até aos hombros. § fig. Ilhargas: Lados, conselheiros, validos, pessoas, que andão junto de outrem. S. Rir até rebentar pelas ilhargas: hyperbole; rir muito §. Perseguir de dor de ilharga.</p>	
<p>No Vocabulario Portuguez E Latino: F - I - Volume 4 - Página 48, -1713 -†Majc. č. Hen. are, is. Neut. Plin. ILHAL. Ilhâl, liharga do animal, particularmente do cavallo. Latus, eris. Neut. Cic. Ilia, Neut. ? lur. Os Ilhaes. De »que refulta boa forma do ventre, &amp; de *Ilhaes. Galvão, Tratado da Gineta, pag. 6. .*</p>	

Fonte: Autora

QUADRO 04

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
<b>BOTICA</b>	1- “ Eu mandei o piquenu i lá na <b>botica</b> do seu Pedro comprá butazona e meracilina, butazona é pra botá na comida do Carlus, pra ele pará de bebê, já a meracilina é pra dá prus pintu, num sabe, pra elis num pegá gripi de pinto. (CIC) 2-“ A cumadri Zica levô o Ricardinho pra benzê, o m’ninu tara cum quebrantu, daí o benzedô fex a benziçãu e uma <b>mezinha</b> pra ele, fez uns chá e preparou um unguento qui eli fex cum mastrux e andiroba.” (CIC)
As atividades relacionadas à farmácia iniciaram no século X com a criação das boticas ou apotecas, como eram conhecidas na época. Naquele período, medico e farmacêutico configuravam uma só profissão. A partir do século X, foram criadas, na Espanha e na França, as primeiras boticas. O que, mais tarde, resultaria nas atuais farmácias. Naquela época, o boticário era o profissional responsável por conhecer e curar as doenças, para tanto precisava cumprir uma série de formalidades, dentre elas, ter local e equipamentos adequados para o atendimento de pessoas e para o preparo e acondicionamento de medicamentos	

Fonte: Autora

QUADRO 05

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
<b>MEZINHA</b>	Joaquim José Caetano Pereira e Sousa - <b>1825, em dicionário</b> etmológico, cita: Cirurgia, segundo a Etimologia Grega, quer dizer arte de curar com o socorro das mãos. Todos os que se... O Cirurgiaõ não póde ser Boticario, nem vender <b>mésinhas./mezinha</b> ... a obrigação de assestirem por turno aos doentes do Hospital. Decreto .

Fonte: Autora

QUADRO 06

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
<b>BENÇÃO</b>	“Agora essa piquena deu disso, entra nem procura maix a benção de ninguéi.” (CIC) Vai é rezar! Que tu precisa da benção de Deux. (CIC)
José Leite Vasconcellos - 1922, <b>fala de outras formas arcaicas paralelas AA palavra Bênção num texto galego, onde surgem as formas béés, beençõ, benção.</b>	

Fonte: Autora

QUADRO 06

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
<b>CREIMADO</b>	1- “Olha só pra essi piqueno, tá cum a pele toda <b>creimada</b> de sor, pareci um camarão.” (CIC) 2- “Mas quem vai comê essi peixe <b>creimado</b> dessi jeitu?”
Etimologia (origem de a palavra <b>cremar</b> ). Do latim cremare. Cremar é sinônimo de: queimar, incinerar.	
Nas ocorrências Creimado- creimar, percebe-se um i epentético, o que aproxima a pronuncia realizada com a da forma atual queimar. Verifica-se também, em Historiarvm Excerpta Et Fragmenta Qvae Svpersvnt Graece - Página 65, de Nicolaus Damascenus - 1804 - <b>no trecho a seguir - “... cum apud se reputaret, facinns indignum committere, se, qui regem nihilo olim inferiorem se ipso a Persis Porro COaCtllS Creimar Et. iam Persae rnulti confluebant, partim Croesi, partim sui regis gratia, quem id facinus • toi; IIÉgaai; ἄς ἔ3.”</b> , que a forma <b>creimar foi encontrada em textos em Latim, tornando-a mais antiga do que poderia parecer.</b>	

Fonte: Autora

QUADRO 07

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
<b>FEA</b>	1- “ As criança de hoji, Professora, naum teim maix rex-peitu pela genti maix velha, elas dix palavra <b>fea</b> , seim pensá duax veix.” (CIC) 2- “ Agora me dix, adianta tu mi olhá com cara <b>fea</b> ? (CIC) 3- “ Égua da mulhé <b>fea</b> ! É <b>fea</b> qui neim o câu chupandu manga! (CIC)
<p>Observe-se um trecho de a Canção da Ribeirinha, datada do século XII: A Ribeirinha (ou Cantiga de Guarvaya) Paio Soares Taveiroz</p> <p style="padding-left: 40px;">No mundo non me sei parelha ,                      mentre me for' como me vay,                      ca já moiro por vos - e ay!                      mia senhor7 branca e vermelha,                      queredes que vos retraya                      quando vus eu vi en sayal                      Mao dia me levantei,                      que vus enton non vi <b>fea</b>! [...]</p>	
<p>Ai, dona fea, foste-vos queixar de João Garcia de Guilhade</p> <p style="padding-left: 40px;">“Ai dona <b>fea</b>! Foste-vos queixar                      Que vos nunca louv'en meu trobar                      Mais ora quero fazer un cantar                      En que vos loarei toda via;                      E vedes como vos quero loar:                      Dona <b>fea</b>, velha e sandia!                      Ai dona <b>fea</b>! Se Deus mi pardon!                      E pois havedes tan gran coraçon                      Que vos eu loe en esta razon,                      Vos quero já loar toda via;                      E vedes qual será a loaçon:                      Dona <b>fea</b>, velha e sandia!                      Dona <b>fea</b>, nunca vos eu loei                      En meu trobar, pero muito trobei;                      Mais ora já en bom cantar farei                      En que vos loarei toda via;                      E direi-vos como vos loarei:                      Dona <b>fea</b>, velha e sandia!”</p> <p>Nota-se que a pronuncia utilizada pela informante é a mesma usada nas duas cantigas escritas entre o século XVII e XIV.</p>	

Fonte: Autora

## QUADRO 08

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
<b>MANA</b>	1-“ ah, minha ermana,( neste ponto, a fala foi mais lenta quase silábica) as coisa num tãu nada boa puraqui, é cada um qui mi veim cum cada quau , qui <b>só</b> vendu” (CIC)
A palavra <b>irmana</b> perde por aférese os dois fonemas iniciais, resultando na palavra <b>mana</b> ; expressão muito usada pelo povo paraense e surge, inesperadamente em meio a história dos falares dos interiores do Pará, como na ocorrência acima. É interessante também, para que se confirme o Pará ser um reduto de arcaísmos , que se leia o texto abaixo, atentando para o período no qual foi escrito, III - (N 3; B 1280; V 886) -Cancioneiro de MARTIN CODAX (meados do século XIII - início do XIV)	
<p>MIA <b>IRMANA</b> FREMOSA.</p> <p>Mia <b>irmana</b> fremosa.</p> <p>Mia irmana fremosa, treides comigo a la ygreia de Vigo, u e o mar salido. E miraremos las ondas.</p> <p>Mia irmana fremosa, treides de grado a la ygreia de Vigo, u e o mar levado. E miraremos las ondas.</p> <p>A la ygreia de Vigo, u e o mar salido,</p>	

Fonte: Autora

<b>PALAVRA NEMIGALHA</b>
<p>1- “ Discupa, professora, só teim café, cumeru tudo, deixaram nemigalha de pão”. (CIC)</p> <p><b>É preciso que se diga que ao dizer isso, a informante mostrou a vasilha contendo um pedaço bem pequeno de pão, dando a nemigalha o sentido de quase nada.</b></p>
<p>2- “ Avó :- Comeru toda a cumida ? Num deixar nada? Nadica? Nemigalha?Neta:- Nem migalha, vó!”</p> <p>Nesta ocorrência, percebem-se claramente as pronúncias diferenciadas e ao conversar com as duas, foi notar que tanto <b>Nemigalha</b> quanto <b>nem migalha</b> tinham o mesmo significado. Ambas as ocorrências significavam “nem um pouco”.</p>

No Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1930, página 194, Volume 9, pode-se ler o seguinte trecho : ” tirem huum homem de cativo de terra de mouros... faço voto ao moesteyro de Cety que o meu corpo seja hy soterrado hu quer que eu morra aaqueu mar... cc. maravidis de leoneses da moeda pequena... nemigala Er 1326 | “

Em A língua de Gil Vicente - Página 612, Paul Teyssier - 2005 - **↑refere-se ao termo da seguinte maneira: “Encontra-se em particular «não... nemigalha» (cf. migalha), «não... ponta» ou «ponto» e «não... gota». Ora a primeira destas fórmulas não era especificamente popular. Com efeito, nemigalha vê-se não só na boca de personagens rústicas ...”**

Em A formação histórica da língua Portuguesa - Página 227, 1958 - [Visualização de trechos, Francisco da Silveira Bueno escreve: “Nemigalha, coalescência de nem-migalha, encontramos frequentemente na mesma obra: “quando Lionel esto ouviu, nom quis tardar nemigalha; como hoje é abaixada e tornada a nemigalha a ca valeria; nom é verdade nemigalha, etc.”

Em Lições de filologia portuguesa, - Página 65, José Leite de Vasconcellos - 1926 - **↑Visualização de trechos – reporta-se à palavra, usando o seguinte trecho:”51 . arc . quequer = que quer : « qualquer ) . arc . nemigalha , namigalha , nem mingalha « nada ) = nem migalha 2 ; na língua chula antiga nemichalda ( apud Moraes , Dicc . ) . Cfr . galego mingachada . arc . alгорém ou alгоррém « alguma.**

Fonte: Autora

Estas palavras foram algumas retiradas de uma lista repleta de palavras antigas que já deveriam ter caído em desuso na Língua Portuguesa em vigor no Brasil, no entanto, mesmo com a evolução natural das palavras e o advento da tecnologia, trazendo um vocabulário novo para os falantes brasileiros, é interessante notar que, no Estado do Pará, há, ainda, nos interiores do Estado, uma situação contextual, na qual a juventude convive com pessoas antigas em idade e copiam deles, palavras e expressões, ditas arcaicas e, as expressam de modo natural, sem notar a menor diferença entre o que é falado entre família.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para muitos, as palavras enunciadas neste trabalho podem parecer apenas variações linguísticas, históricas e regionais em um mesmo país dotado de um único idioma oficial que sofre diversas alterações realizadas por seus falantes; no entanto, em se tratando do português falado no Pará, em determinados municípios, nos mais antigos em termos de fundação e de população idosa, é possível afirmar que coexistem falares com características inovadoras e falares de 400 anos ou mais, dentro do mesmo espaço, fazendo parte das comunicações cotidianas.

Esses diferentes falares ora são considerados como variações, ora como erros, incorrendo no preconceito linguístico que associa a língua ao *status*. O português falado em algumas cidades do interior do estado do Pará, por exemplo, pode receber o estigma pejorativo de incorreto ou inculto, mas essas diferenças enriquecem esse patrimônio cultural que é a língua portuguesa e, muitas vezes, o que parece variação é, na verdade, a conservação de um traço linguístico inusitado, por remontar a séculos passados.

Talvez isso se deva ao fato de a Região Norte ter ficado muito tempo distante do eixo sul-sudeste, cujo desenvolvimento ocorreu a passos largos. Antes de o Brasil tornar-se independente, o país era dividido em duas capitanias: a Província do Brasil e a Província do Grão Pará e Maranhão, dois territórios pertencentes à coroa portuguesa, entretanto a comunicação entre as duas capitanias era insignificante e o Pará se mantinha contato direto e irrestrito com Portugal.

É válido ressaltar que após a Independência, por ordem do Imperador Pedro I, o almirante John Grenfell desembarcou com sua frota em vários estados, forçando os que ainda não haviam aderido à Independência, a aceitar a separação entre o Brasil e a Coroa, porém a frota chegou só até a Bahia, pois não havia ordem para a frota chegar ao extremo norte, daí a adesão do Pará à Independência ter acontecido quase um ano depois do famoso Grito de D. Pedro I, às margens do Ipiranga, em 15 de agosto de 1823, depois de muita luta e mortes de paraenses.

Dessa forma, é bem provável que, pelo fato de o Pará ter ficado tanto tempo isolado do resto do País e em contato com a Coroa, os costumes e até mesmo a própria língua tenham ficados arraigados à tradição portuguesa, sem forças para se desprender do jugo e sem vontade para assim o fazer, daí palavras tão antigas permanecerem intactas nos falares de muitos paraenses, principalmente, os do interior do estado, perdendo o caráter simplesmente variacionista, para se enveredar pela diacronia do idioma e pela história de palavras de mais de 400 anos em solo paraense e de um povo tão tradicional que zela por seus costumes e por seu modo de falar tão peculiar.

## REFERÊNCIAS

BUENO, F. S. *Uma formação histórica da língua Portuguesa*. 2ª ed. Biblioteca Brasileira de Filologia. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica, 1958.

BLUTEAU, R. *Vocabulário Portuguez E Latino*. F - I, Vol. 4. Editora Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1713.

BRAGA, T. *Cancioneiro portuguez da Vaticana*. Edição crítica restituída sobre o texto diplomático de Halle, acompanhada de um glossário e de uma introdução sobre os trovadores e cancioneiros portugueses. Editora Imprensa Nacional. Lisboa, 1878.

CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Revista pela nova ortografia – Rio de Janeiro: Lexikon, 2019.

QUERIQUELLI, L. H. M. *Filologia Portuguesa*. UNIASSELVI, 2016.

LOPES, F. *Chronicas dos reis de Portugal* – Vol. 2 – Editora Lisboa: A. Alvarez, 1644.

SOUSA, J. J. C. P. E. *Esboço de hum dicionario juridico, theoretico, e practico*. Lisboa: Na Typographia Rollandiana, 1825.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Trad. de Celso de Cunha. 6ª ed. Portuguesa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994.

WHITNEY, W. D. Language and the Study of Language. In: SILVERSTEIN, M (Org). *Whitney on Language: selected writings of William Dwight Whitney*. Cambridge, Massachusetts & London: The MIT Press, 1971.

## SITES VISITADOS

books.google.com.br › books

[https://www.google.com/search?ei=qrr0XsmrPLSy5OUPhYOpAg&q=books+pdf&oeq=boo+pdf&gs\\_lcp=CgZwc3ktYWIQARgBMgYIABAHEB4yBggAEAcQHjIGCAAQBxAeMgYIABAHEB4yBggAEAcQHjIGCAAQBxAeMgYIADIGCAAQBxAeMgYIABAHEB4yBggAEAcQHjoECAAQRzoHCAAQsQMQQzoECAAQQ1Df1wVYyvAFYKaSBmgAcAF4AIABiwKIAcMOKgEDMi04mAEAoAEBqgEHZ3dzLXdp&client=psy-ab](https://www.google.com/search?ei=qrr0XsmrPLSy5OUPhYOpAg&q=books+pdf&oeq=boo+pdf&gs_lcp=CgZwc3ktYWIQARgBMgYIABAHEB4yBggAEAcQHjIGCAAQBxAeMgYIABAHEB4yBggAEAcQHjIGCAAQBxAeMgYIADIGCAAQBxAeMgYIABAHEB4yBggAEAcQHjoECAAQRzoHCAAQsQMQQzoECAAQQ1Df1wVYyvAFYKaSBmgAcAF4AIABiwKIAcMOKgEDMi04mAEAoAEBqgEHZ3dzLXdp&client=psy-ab). Acesso em: 14 set. 2019.

## Dicionário Online de Português;

[https://www.google.com/search?ei=U7joXrnlLNWi5OUP\\_aW9sAc&q=Dicio+Dicion%C3%A1rio+Online+de+Portugu%C3%AAs+pdf&oeq=Dicio+Dicion%C3%A1rio+Online+de+Portugu%C3%AAs+pdf&gs\\_lcp=CgZwc3ktYWIQAzoGCAAQBxAeOgIADoFCAAQsQNQuQRY7z5gkUxoAHAAeACAAYAEiAGbEZIBBzItNy41GYAQCGAQGgAQK-qAQdnd3Mtd2l6&client=psyab&ved=0ahUKEwj52u60qlbqAhVVEbk-GHf1SD3YQ4dUDCAw&uact=5](https://www.google.com/search?ei=U7joXrnlLNWi5OUP_aW9sAc&q=Dicio+Dicion%C3%A1rio+Online+de+Portugu%C3%AAs+pdf&oeq=Dicio+Dicion%C3%A1rio+Online+de+Portugu%C3%AAs+pdf&gs_lcp=CgZwc3ktYWIQAzoGCAAQBxAeOgIADoFCAAQsQNQuQRY7z5gkUxoAHAAeACAAYAEiAGbEZIBBzItNy41GYAQCGAQGgAQK-qAQdnd3Mtd2l6&client=psyab&ved=0ahUKEwj52u60qlbqAhVVEbk-GHf1SD3YQ4dUDCAw&uact=5). Acesso em: 14 set. 2019.

# UM CONVITE ÀS NUANCES DO PORTUGUES BRASILEIRO: DE LÍNGUA COLONIZADA À REPRESENTANTE DE UMA POTÊNCIA MUNDIAL EM TERMOS LINGUÍSTICOS

Izandra de Souza Varela  
Matheus da Costa Leitão

## INTRODUÇÃO

É indubitável as nuances das mudanças ocorridas no Português Brasileiro ao longo do seu processo de expansão, o qual, desde sua origem até os dias atuais, é permeado de variações que são perceptíveis e apresentadas, muitas vezes, como peculiaridades que fazem do PB, uma variedade linguística imensurável da língua portuguesa no contexto linguístico brasileiro.

Contudo, houve um tempo em que a língua portuguesa era imposta pelos portugueses, com fins de “harmonizar” as negociações coloniais e expandir não só a língua, mas também a cultura como forma de dominação e aculturação. Os planos, por outro lado, não seguiram conforme o planejado e, o português no solo brasileiro distanciou-se do português de Portugal, abrigando dialetos e empréstimos linguísticos das línguas africanas e indígenas.

Tal como cultura diversificada e revestida da miscigenação ocorrida no período colonial, a língua tomou rumo diferente de sua fonte originária, passando a ser entendida, como uma mistura dialética e linguística.

As ocorrências na evolução da língua materna e, consequentemente, no PB se constituem como um grande arsenal linguístico, muitas

vezes, pouco explorado, fato que justifica a elaboração deste trabalho, com a finalidade de transpor para o papel informes sobre a expansão da língua portuguesa, em específico do PB, refletida nas variações e empréstimos linguísticos. Para tal, é feita, a priori, uma tentativa em dar voz ao que há muito estava oculto e sendo pouco problematizado, com apoio das ideias de Mario A. Perini (2014), que, em seus estudos, aborda com apazia sobre a fala de um português do amanhã, o português que está sendo plantado hoje e será colhido no amanhã não tão distante.

Com tal intento, o artigo, além da introdução e considerações finais, está dividido em três tópicos intitulados de “Breve Histórico sobre as Origens do Português Brasileiro”, “Portunhol: expansão do Português Brasileiro na América Latina” e “Os desafios para internacionalização do PB e o ensino de português como língua estrangeira (PLE).”

## 1. Breve Histórico sobre as Origens do Português Brasileiro

Os portugueses, no solo brasileiro, envidaram esforços para que seus costumes e fé fossem adotados pelos nativos, bem como se fizeram presentes no âmbito linguístico. A língua portuguesa trazida para o Brasil tornou-se um mecanismo de poder utilizado pelos portugueses, para fazer transações comerciais e disseminar a fé católica, como evidenciado por Melo (1946):

Descoberto o Brasil, para cá trouxeram os portugueses sua língua românica. Esta a princípio encontrou um forte rival no tupi, que, até o século XVIII, chegou em certas regiões a ser mais falado que o português. Depois, este reagiu e recuperou terreno à língua local. Mas então se deu um fenômeno de capital importância na história das línguas: os indivíduos que tinham o tupi como língua materna abandonaram e adotaram o novo idioma. Naturalmente, não puderam dominar todo o mecanismo e todas as sutilezas deste: antes, aprenderam-no mal, desfigurando-o

com uma série de defeitos provenientes dos antigos hábitos linguísticos. (MELO,1946:17)

A língua, desse modo, é um artifício de poder, ideia corroborada por Foucault (2002):

Tornada realidade histórica espessa e consistente, a linguagem constitui o lugar das tradições, dos hábitos mudos do pensamento, do espírito obscuro dos povos; acumula uma memória fatal que não se reconhece nem mesmo como memória. Expressando seus pensamentos em palavras de que não são senhores, alojando-as em formas verbais cujas dimensões históricas lhes escapam, os homens, crendo que seus propósitos lhes obedecem, não sabem que são eles que se submetem às suas exigências (FOUCAULT, 2002:412).

Foucault evidencia o poder da linguagem sem dar conta, precisamente, da grandiosidade da parte essencial dela: a língua que compõe e viabiliza o conteúdo. Traduz sentidos e sentimentos e, talvez, esse tenha sido motivo suficiente para a língua portuguesa ter-se constituído de tanta diversidade, não se restringindo ao cenário europeu, mas abraçou também as outras línguas.

No contexto sociocultural do Brasil colônia, o exercício de poder entre um povo dominador e outro colonizado ocorreu pelo viés funcional da língua portuguesa. Inicialmente, foi imposta como um padrão normativo e absoluto; inevitavelmente, sendo modificada quando do contato com outras línguas como as de matriz africana, o espanhol e o tupi, essa última sendo a principal influência para a metamorfose da língua mãe, tanto que, segundo Melo (1946: 43) é responsável pelo desenvolvimento de cerca de 10,000 vocábulos, que se dividem entre a descrição das paisagens brasileiras, nomeação de sua fauna e flora, nomeação de cidades e estados, etc.

A motivação do português brasileiro como uma língua de natureza dinâmica e heterogênea ocorreu pela somatória do contato com

estrangeiros de diferentes partes do mundo, durante os períodos de imigração acontecidos entre os séculos XVI e XX envolvendo europeus e japoneses, das constantes mudanças de capitais, da influência das metrópoles e do desenvolvimento natural da língua.

## 2. O Portunhol: expansão do PB na América

Após sua estabilização no território nacional, ocupando um espaço de magnitude continental, o PB se solidifica como o “dialeto português” mais falado no mundo, com cerca de 190 milhões de falantes. Assim, PB evoluiu de uma língua colonizada para a posição de representante de uma influente potência mundial em termos linguísticos. A globalização tem sido um dos fenômenos que mais influencia e contribui para as modificações não só no PB como também, de outras línguas. Como exemplo, destacam-se os estrangeirismos oriundos da língua inglesa, que são cada vez mais frequentes e naturalizados, gerando um encontro intercultural que colabora para a adoção de novos termos e vocábulos inerentes aos avanços tecnológicos da sociedade pós-moderna.

Na América Latina, um exemplo claro da expansão do PB é o aumento da procura pelo ensino de língua portuguesa como língua estrangeira, apesar de ainda não ser comparável ao ensino de espanhol no Brasil. A ampliação significativa desse ensino é devido, principalmente, aos acordos do MERCOSUL, influente bloco econômico, no qual o Brasil é um dos principais membros.

O Portunhol nasce do contato entre vários estados do Brasil, fronteiriços com países como Venezuela, Uruguai, Bolívia e Argentina. Nessas regiões tão diferentes, o Portunhol apresenta particularidades diversificadas.

Segundo Perini (2001), há uma série de mitos que cercam a popularização do PB e as influências dos estrangeirismos, acompanhados de uma espécie de terror sobre o futuro da língua e da crença de que a mesma possa perder sua essência e nacionalidade, com a contaminação total pelo estrangeirismo inglês ou se metamorfoseando no hibridismo do Portunhol.

Perini (2001) postula que os empréstimos do Inglês são inevitáveis, visto que há palavras novas que não existem no PB, porém a utilização das mesmas não apresenta risco para o PB em longo prazo, pois todas essas palavras tendem a ser “aportuguesadas” e exemplifica com o termo *Ping-Pong*, hoje já comumente escrita como “Píngue-Pongue”. Sobre o Portunhol, garante que o contato entre as duas línguas não é intenso o suficiente para a popularização da língua vernácula, haja vista que o português e o espanhol além de estarem desempenhando muito bem suas funções em seus respectivos países, não exercem grandes influências uma na outra, mesmo porque seus contatos são restritos, quase totalmente, a suas fronteiras, o que não seria o suficiente para mudanças drásticas, gigantescas.

Perini (2001) ainda afirma que o PB certamente passará por inúmeras mudanças, tais como as citadas anteriormente, porém nenhuma das opções mencionadas é passível de ser constituir no futuro possível para a língua, a única previsão possível é que o PB estará cada vez mais distante do seu parente lusitano.

Essa língua vai mudar, como já mudou muito no passado, e pode ser que dentro de algum tempo se comece a chama-la “brasileiro”, considerando-a uma outra língua, diferente da de Portugal (...) É o que fatalmente acontece quando duas comunidades linguísticas se separam política, cultural e geograficamente. Foi o que aconteceu com o latim popular que se transformou nas atuais línguas românicas. (PERINI, 2001:23)

Autores como Oliveira (2009) já consideram o PB uma língua independente, que deve ser estudada de forma diferente do português europeu. De outro, a linguística enumera três análises e hipóteses que marcam a diferenciação do PB do PE, sendo elas (i) importantes processos da história do Brasil como crescimento demográfico, urbanização e ocupação de interiores; (ii) a complexidade linguística constituída da influência de línguas indígenas, africanas, europeias e asiáticas e (iii) a “deriva secular” dos processos de mudança das línguas indo-europeias.

### 3. Os desafios para internacionalização do PB e o ensino de PLE

A língua portuguesa é a sétima mais falada do mundo de acordo com Ethnologue (LEWIS, 2009)<sup>25</sup> e segundo Oliveira (2013) é “uma das línguas de mais rápido crescimento nesse momento histórico”, consequência direta da globalização e das demandas do mercado de trabalho que exigem, no mínimo, o bilinguismo em seus currículos. Com a ascensão do Brasil como potência mundial e do povo brasileiro como um dos maiores turistas consumidores, a fluência em português se torna um bom diferencial para aqueles que buscam se destacar.

É baseado nessa necessidade de solidificar a popularidade no Brasil que o ensino do português como língua estrangeira (PLE) teve um crescimento significativo nos últimos anos, além da América Latina. Porém, essa prática de ensino ainda enfrenta muitos problemas internos e desafios de aprendizagem para estrangeiros, pois segundo Serrani (2005) “o conhecimento linguístico não é o único objetivo do ensino de língua”, para o ensino efetivo do aluno, a inserção do mesmo no contexto cultural da língua é essencial para um entendimento completo. Tal situação se mostra ainda mais pertinente com o português brasileiro, conhecido por suas inúmeras variações, conjugações de verbos e sintaxe que podem ser problemáticas até para seus falantes nativos.

Em uma pesquisa Reddit<sup>26</sup>, na rede social internacional de fóruns, Reddit, são encontradas inserções de estrangeiros buscando esclarecer dúvidas sobre o português. É perceptível que grande parte das dúvidas se concentra no campo lexical da língua, fato justificado em virtude do PB apresentar inúmeras variações e expressões que são compreendidas apenas por pessoas imersas no contexto de falantes, cuja explicação

<sup>25</sup> Ethnologue é o volume de referência abrangente que cataloga todas as línguas vivas conhecidas no mundo hoje. Projeto de pesquisa ativo há mais de cinquenta anos, o qual milhares de linguistas e outros pesquisadores em todo o mundo confiam e contribuíram para o Etnólogo. É amplamente considerado como a lista mais abrangente de informações de seu tipo, com edições publicadas, aproximadamente, a cada quatro anos.

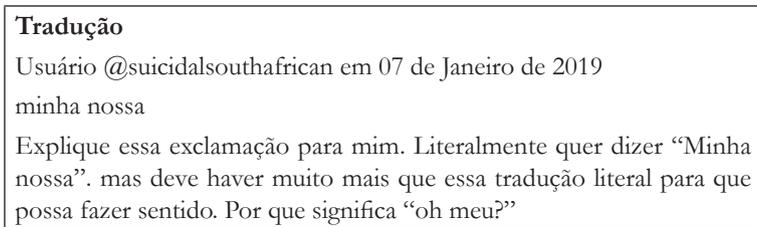
<sup>26</sup> Reunião de milhares de comunidades, de conversas sem fim e conexão humana autêntica.

para quem está fora desse contexto não é tão simples quanto parece. Seguem, a título de exemplificação alguns casos.

Figura 1



Fonte: Reddit



Fonte: :: Reddit

Figura 2



Fonte: Reddit

**Tradução**

Usuário @u/b00ty\_water em 13 de Junho de 2019:

“tamo juntos”

Uma breve pesquisa no Google diz que isso significa “Eu amo você também”

Porém, meio que sugere “você pode contar comigo” ou coisa parecida... O que significa?”

Fonte: :: Reddit

**Figura 3**

Fonte: Reddit

Usuário @u/lalalakaixin em 01 de Setembro de 2019:

“Vamos e Vamos embora

Qual é a diferença entre “vamos” e “vamos embora”? O que significa “embora” aqui?

Fonte: Reddit

A comunidade no Reddit recebe dezenas de dúvidas todos os dias de estrangeiros buscando respostas, sendo a maioria em relação a expressões inerentes à variação linguística, porém o que dificulta a língua é o que mais fascina aqueles que a estão aprendendo. Cabe ao professor de PLE aprender a inserir os alunos nesse contexto brasileiro e instruí-los, ao máximo, sobre sua natureza dinâmica para uma aprendizagem concreta dos estudantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve discurso sobre os recentes estudos do português brasileiro e sua recepção pelos estrangeiros revela o dinamismo da língua materna e os desafios que a mesma enfrenta para sua popularização no resto do mundo e o dilema dos professores de PLE, cabendo a estes utilizar, a seu favor, as dificuldades do PB para a instrução de estudantes estrangeiros.

Pode-se compreender, sob a ótica expansionista, que o PB está assentado nas variações e empréstimos linguísticos, evidenciados na diversidade da língua tão semelhante à essência do povo brasileiro. Tal configuração se mostra mais expressiva, quando se conhece e entende as origens do PB desde a chegada dos portugueses em território brasileiro até sua expansão nos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2002.
- MELO, G. C. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Agir, 1946.
- OLIVEIRA, M. S. D. *Análise Sintática do Português Falado no Brasil*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.
- PERINI, M. A. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- SILVA, S. D. J. *Análise e exploração de marcadores discursivos no ensino de português-língua estrangeira (PLE) no Brasil*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- VANDRESEN, P. A expansão do português na América Latina. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, n° 39, p. 185-195, 2009.

## O LÉXICO DO PORTUGUES BRASILEIRO: TERMOS ERUDITOS E EMPRÉSTIMOS

Ana Beatriz Torres Correa  
Luana da Silva Coelho

### INTRODUÇÃO

A língua portuguesa, sendo filha do Latim, possui relação estreita com esta língua. Deriva dela em pontos essenciais de sua gramática e na maior parte de seu vocabulário. Perceber o belíssimo parentesco entre as duas línguas ou pelo menos ser capaz de vislumbrar as transformações e a similaridade entre a língua mãe e o português atual, são atributos que todo falante deveria ter para entender e conhecer melhor a própria língua. Porém, sabe-se, que por inúmeras razões sociais, econômicas, políticas e educacionais, isso é muito difícil.

Os estudos sobre a língua latina criam meios para a compreensão das relações que as palavras portuguesas mantêm entre si, tanto as populares quanto as doutas, visto que a formação da língua popular foi governada por lei diversa das que presidiram a formação da língua literária. Assim dizia Barreto (1949): “Não pode dizer que sabe português quem não aprendeu dois dedos de latim, língua mãe, e umas migalhas das línguas irmãs”. Entretanto, depois de tantos estudos linguísticos e sociolinguísticos, foi estabelecido que falantes nativos nunca erram sua própria língua e a dominam.

Elementos de extrema importância para compreender a constituição do léxico do português brasileiro são os empréstimos agregados à língua, primeiramente, por meio do português de Portugal, e após a Independência, por meio das afiliações (principalmente) de teor industrial com outros países.

Os estudos sobre os empréstimos são de suma importância para a compreensão do passado e do presente de uma língua, pois abarcam toda a história social e política, que depreendem diversas nuances e fazem perceber o motivo da utilização de determinado item do vocabulário, ao invés de outro, bem como diz Ilari & Basso (2011:141), que o estudo dos empréstimos “é um dos capítulos mais fascinantes da história de qualquer língua”, pois traz consigo informes sobre as condições de transmissão, modo de assimilação e das reações dos falantes da língua que os assimilam.

O deslumbramento da cultura clássica, instigado pelo movimento humanístico da segunda metade do século XV, possibilitou o surgimento das primeiras gramáticas da língua portuguesa, a criação de uma elite de eruditos, cujas obras foram escritas em latim. Os escritores portugueses debruçaram-se sobre os modelos clássicos, a fim de atribuir nobreza, musicalidade, pompa, dignidade às suas obras e introduziram incontáveis números de latinismos em nossa língua, aportuguesando as formas importadas e reinventando formas arcaicas. Silveira (1960) faz uma síntese desses latinismos, dentre os quais são destacados os lexicais, considerados como termos eruditos ou literários. Nota-se, portanto, que os termos eruditos, um dos objetos desse estudo, entraram no vocabulário brasileiro, primeiramente, a partir da literatura.

Já os empréstimos linguísticos, desde muito tempo, sempre estiveram presentes na construção de um léxico. A língua portuguesa, inicialmente, recebeu empréstimos diretos das regiões com as quais Portugal se relacionava e após a Independência, o Brasil captou importações linguísticas dos países com que fazia negócio, havendo uma quebra nas escolhas linguísticas entre a língua portuguesa de Portugal e a brasileira. Para exemplificar é possível dizer que, enquanto Portugal prefere manter resistência à aquisição de empréstimos e utilizar a formação vernácula, o Brasil mostra grande receptividade, principalmente, com os empréstimos da língua inglesa, considerando a proximidade existente com a relação industrial, mantida desde o século XX.

Aliado a isso, surgem reflexões dentro do espaço acadêmico sobre a importância dos estudos de termos latinos e empréstimos para

as análises contemporâneas do português brasileiro, o que induz o surgimento do seguinte questionamento: qual a relevância dos termos eruditos originados do Latim e dos empréstimos constituintes do léxico do português brasileiro para os estudos da Língua Portuguesa?

Assim, levantar termos eruditos e empréstimos linguísticos como constituintes do léxico do português brasileiro para evidenciar a relevância deles para o português brasileiro se constituiu como objetivo do trabalho, o que provocou a reflexão sobre como o estudo destes termos pode auxiliar as pesquisas acadêmicas de cunho sociolinguístico, voltadas para a temática e a percepção acerca da importância que os empréstimos têm para construção do léxico do português brasileiro. Nesta perspectiva, o foco de estudo foram os termos eruditos herdados dos modelos latinos os empréstimos linguísticos, em prol da compreensão da língua portuguesa.

Para tanto, foi considerado que uma língua, no caso a língua portuguesa, no processo de construção do seu léxico, dentre outros fatores, foi fortemente influenciada pelos termos eruditos e os empréstimos linguísticos, o que determina um retroagir no tempo, ou seja, o estabelecimento da ligação entre passado e presente, a fim de melhor compreensão sobre o tema.

A revisão bibliográfica realizada correspondeu à coleta de materiais já elaborados e discutidos anteriormente em diversas formas, como livros, artigos e periódicos de caráter científico, que abordassem a temática do trabalho, com base na premissa de Gil (2008:50), sobre a principal vantagem desse tipo de pesquisa residir no fato de possibilitar ao investigador uma amplitude maior do assunto pesquisado e na relevância indicada por Lakatos & Marconi (2003: 182) traduzida pelo contato direto do pesquisador com a literatura existente sobre o assunto determinado. Com tal perspectiva foram focalizados os trabalhos de Silveira (1960), Pereira (2011) e Spina (2008) como suporte teórico para a questão dos termos eruditos; e Coutinho (1976) e Ilari & Basso (2011) para a dos empréstimos.

O artigo contempla, em sua estruturação, além da introdução e considerações, dois tópicos. O primeiro aborda questões sobre os termos eruditos, latinismos presentes no português brasileiro e no segundo

estão inseridos informes sobre os empréstimos importados pela língua portuguesa para o seu vocabulário, conseqüentemente, herança para o português brasileiro.

## 1. TERMOS ERUDITOS

Silveira (1960) considera a diversidade de termos latinos introduzidos na língua portuguesa, tanto que os classifica e categoriza em:

latinismos gráficos, complicando a escrita mais singela dos primeiros tempos; fonéticos, aproximando formas populares, muito alteradas, das formas clássicas conhecidas; morfológicos; com a doação de sufixos, prefixos e radicais da língua da mãe; sintáticos, com a transportação para o vernáculo de construções latinas são usadas em português, e, finalmente, léxicos, constituídos pela introdução de muitos vocábulos denominados eruditos ou literários. (SILVEIRA, 1960:105).

Pereira (2011) ressalta a importância da Língua Latina e de seu estudo para a compreensão da língua enquanto falante:

Como é que um espírito de todo estranho ao latim pode ver, de outra maneira que não seja por uma associação instável, que petrificar se relaciona com pedra, alterar com outro, lácteo com leite, capilar com cabelo, eclesiástico com igreja, maternal com mãe, ocular com olho? (2011:116).

Silveira (1960) categorizou os latinismos e Spina (2011) preocupou-se com as causas da entrada em massa dos vocábulos da cultura latina no português e reverencia os leitores com diversos exemplos de termos latinos:

empréstimos tomados ao latim, que começaram a incorporar-se na língua desde o século XV, são muito explicáveis pela formação já comentada dos autores da época. [...] Entre

os muitos latinismos recebidos do período clássico, mais ou menos frequentes em autores do século XIX, citamos: acerbo, acúleo, agro, álaçre, algente, álgido, aprisco, atro, estulto, facúndia, falerno, fero, flébil, hílare, híspido, lúbrico, lugente... (SPINA, 2011:441).

Como dito anteriormente, tempos atrás, era comum os escritores fazerem empréstimos da língua latina para que suas obras adquirissem mais “*status*” linguístico e, naturalmente, social. Dessa forma, inúmeros latinismos foram incorporados à raiz da língua portuguesa, constituindo-a e fazendo parte de sua história. No poema abaixo, de autoria de Narcisa Amália, poeta que se aproximava da geração condoreira do romantismo, nota-se o uso frequente de termos vindo do latim.

Tenho saudade dos formosos lares  
 Onde passei minha feliz infância;  
 Dos vales de dulcíssima fragrância,  
 Da fresca sombra dos gentis palmares.  
 Minha **plaga** querida! Inda me lembro  
 Quando através das névoas do ocidente  
 O sol nos acenava adeus **languente**  
 Nas balsâmicas tardes de Setembro;  
 Lançava-me correndo na avenida  
 Que a laranjeira enchia de perfumes!  
 Como escutava trêmula os queixumes  
 Das auras na lagoa adormecida!  
 Eu era de meu pai, pobre poeta,  
 O astro que o porvir lhe iluminava;  
 De minha mãe, que louca me adorava,  
 Era na vida a rosa predileta!...  
 Mas...  
 ... tudo se acabou. A trilha **olente**  
 Não mais percorrerei desses caminhos...  
 Não mais verei os míseros anjinhos  
 Que aqueciam na minha mão **algente!**  
 [...]

Abrem-me n alma as dores da saudade  
Um sulco de profundas agonias...  
Morreram-me pra sempre as alegrias...  
Só me resta um consolo... a eternidade! (AMÁLIA, 2017:38-39).

Tal recorrência é utilizada em versos de vários outros escritores e escritoras, tal como em Gonçalves Dias:

Hei de ser mais feliz porque mo cobre [meu corpo]  
Pomposo Mausoléu, em vez de pedra  
Sem nome, em vez do túmulo de **céspedes**  
Que se ergue junto à estrada, e ao viandante  
Ao que ali passa, uma oração suplica? (1851, p. 219).

Na segunda metade do século XIX e no início do século XX, os poetas parnasianos, conhecidos por sua preocupação com a forma, linguagem e polidez, também se renderam aos latinismos, como é o caso de Oliveira (1978) no poema “Afrodite”:

Móvel, festivo, **trépido**, arrolando,  
À clara voz, talvez da turba iriada  
De sereias de cauda prateada,  
Que vão com o vento os carmes concertando,

O mar, — turquesa enorme, iluminada,  
Era, ao clamor das águas, murmurando,  
Como um bosque pagão de deuses, quando  
Rompeu no Oriente o **pálio** da alvorada.

As estrelas clarearam repentinas,  
E logo as vagas são no verde plano  
Tocadas de ouro e irradiações divinas;

O oceano estremece, abrem-se as brumas,  
E ela aparece nua, à flor de oceano,  
Coroadada de um círculo de espumas. (p. 78-79).

É possível apresentar vários exemplos, encher páginas e páginas com autores que, quando não usavam o latim direto em seus poemas, faziam empréstimos para enobrecer sua escrita, como Pereira (2011) ratifica o emprego das palavras latinas:

constituíam o vocabulário popular. Mas, com o progresso da civilização, tendo-se tornado insuficientes para a cabal expressão do pensamento, e para acudir-lhes as falhas, os literatos recorreram diretamente ao dicionário latino, procurando os termos requeridos pela necessidade, ou que lhes pareciam convenientes à beleza e propriedade de expressão. (2011:115).

Além da riqueza vocabular latina trazida pela literatura, a influência da língua mãe é presente nos sufixos, prefixos, radicais e estruturas morfológicas, sintáticas e fonéticas, fato que torna quase impossível a realização de pesquisas sobre a língua sem conhecer o latim e sua influência.

No âmbito acadêmico, os estudantes da área de letras precisam ser proficientes produtores e receptores de textos em sua língua materna, como também falantes proficientes nas diversas situações comunicativas e sensíveis às questões teóricas que envolvem as formas e usos das linguagens humanas. Para tal precisam reconhecer a historicidade de sua língua, as suas origens, pois, como bem diz Pereira (2011), “A língua assim vista sem latim é vista por fora; e por isso é que o latim serve de caminho muito reto e muito breve para o estudo do português.” (p. 116).

## 2. EMPRÉSTIMOS

Os empréstimos são fatores naturais em qualquer formação lexical de uma língua, que tem enriquecido os vocabulários, algo visto desde as épocas mais antigas. Como Ilari & Basso (2011) enunciam, “o próprio latim vulgar já havia assimilado e difundido palavras de outras línguas (por exemplo, o grego *parabolé*, que deu origem a palavra a palavra [...])” (p. 137).

Essa característica na formação do léxico do português brasileiro pode ser observada desde os povos que passaram pela Península Ibérica, influenciando o português de Portugal e, conseqüentemente, o português do Brasil, fato corroborado por Coutinho (1976) nas palavras:

Antes e depois dos romanos, outros povos estiveram na Península Ibérica, onde deixaram vestígios de sua permanência no vocabulário. As palavras de procedências várias, que nos foram transmitidas pelos romanos, como as ibéricas, célticas, germânicas, etc., foram primeiro alatinadas. (1976:189)

Os empréstimos para a língua portuguesa podem ser separados em três grupos: o primeiro constituído pelos elementos pré-romanos (ibéricos e celtas); em segundo formado pelos germanismos e arabismos trazidos pelos conquistadores da Península nos primeiros séculos da Idade Média e o terceiro abrangendo os elementos provenientes das línguas modernas europeias e extra europeias.

Como empréstimos de influência ibérica estão inclusos *baía, balsa, barro, bezerro, bizarro, cama, esquerdo, garra, lousa, sapo*; dos celtas existem *bico, cabana, caminho, camisa, carpinteiro, carro, cerveja, gato, gordo*. Coutinho (1976) afirma que, determinados empréstimos célticos são muito antigos, “pois penetraram no latim quando os romanos entraram em luta com os gauleses na alta Itália (século IV a.C).” (p. 189), outros já aparecem de forma recente, datando a conquista da Península Ibérica ou da Gália.

Dentre os empréstimos da língua fenícia são contabilizados *mapa, mata, malba, saco*. Ressalta-se que esta língua esteve em contato com os idiomas peninsulares apenas duas vezes, segundo Coutinho (1976, p. 190), a primeira com a chegada dos navegadores e a segunda, com os cartagineses, falantes do dialeto púnico. Da língua hebraica, vieram os empréstimos pelo latim, por meio da Sagrada Escritura, como *aleluia, amém, éden, páscoa, querubim, sábado*, além de antroponímias religiosas, tais como *Abraão, Ester, Ismael, Israel, Isaac, Gabriel, Judite, João, Joaquim, Rute*.

No léxico português há um grande número de empréstimos advindos da língua grega, acrescidos ao latim pela via popular e a literária, na época em que, segundo Coutinho (1976:190) os romanos mantiveram,

no solo itálico, relações com os colonos gregos ou no momento da anexação da própria Grécia a Roma. Assim, dos empréstimos mais antigos há palavras como *bolsa, cara, corda, calma, chato, caixa, espada, governar, órfão*. Da influência do cristianismo, veio *anjo, apóstolo, bispo, bíblia, clérigo, crisma, diabo, esmola, igreja, parábola, paróquia*. Como neologismos técnicos ou científicos vieram as palavras *fonema, macrocéfalo, microscópio, megalomania, protozoário, telepatia, telefone, xenofobia*. Por fim, possui antroponímias como *Alexandre, André, Basílio, Eugénio, Felipe, Jorge, Timóteo, Teodoro*.

Constituintes do segundo grupo são os empréstimos germânicos, que segundo Coutinho (1976:191), não há precisão de data para a inserção deles no latim, sendo apenas passível afirmar enunciar que “as mais antigas, resultantes do contacto dos soldados romanos com os germanos nas fronteiras, figuram já nos escritores latinos com forma alatinada” Já Ilari & Basso (2011) enunciam que “[...] entre os séculos V e VII, os falares românicos usados ao norte do rio Douro receberam [empréstimos] das línguas germânicas faladas pelos suevos e pelos visigodos” (ILARI; BASSO, 2011:137).

Como empréstimos germânicos mais antigos existem palavras como *harpa, sabão, bando*. A partir das invasões germânicas (século V) outras palavras foram agregadas como *agasalho, albergue, banco, banho, brasa, fralda, ganso, grupo, guerra, guia, roupa, sopa* e também, adjetivos e verbos como *branco, fresco, liso, morno, rico, espiar, estampar, tirar*. Dentre as antroponímias aparecem *Adolfo, Afonso, Álvaro, Frederico, Raimundo, Rodrigo*, também houve o empréstimo dos nomes dos pontos cardeais (*norte, sul, leste e oeste*). Além disso, é interessante ressaltar uma importante característica fonética das palavras germânicas para o português, ou seja, a transformação do *w* em *g*, tais como *werra* > guerra; *wardon* > guardar; *wÍlan* > guiar; *waidanjan* > ganhar; *Wilhelm* > Guilherme.

No âmbito **árabe**, o empréstimo não foi muito intenso, havendo palavras que, na verdade, não eram de origem árabe, tanto que para Coutinho (1976, p. 192) “[...] sendo o árabe uma língua semítica, diferia muito das faladas pelos povos indo-europeus, o que tornou impossível maior infiltração nos outros domínios do idioma.” Mas, um importante

elemento de identificação das palavras árabes é o artigo invariável *al*, visto em *arroz* (*al-rub*), *azeite* (*al-zait*), *azeitona* (*al-zaitun*), *açougue* (*al-çauc*).

Os empréstimos árabes estão concentrados em termos relacionados a plantas, frutas, flores e substâncias aromáticas, como *algodão*, *alcrim*, *alface*, *alfazema*, *açafrão*, *alcachofra*; instrumentos da lavoura ou musicais, utensílios, armas, como *tambor*, *alicate*, *algema*, *gaita* e alimentos e bebidas, tais como **álcool**, **almôndega**, **xarope**. Ainda de procedência árabe há *alarde*, *algararra*, *álgebra*, *azulejo*, *alvará* e a interjeição *oxalá*, advinda da expressão *in + sha + Allah*, que significa “se Deus quiser”.

A partir do século XVI, os empréstimos, em maioria, foram de procedência europeia, outras de fonte asiática, que segundo Coutinho (1976: 194) ocorreram devido “os descobrimentos marítimos que colocam Portugal num plano de grande evidência na Europa e com as relações internacionais que põem o português em contacto direto com outras línguas”. Houve empréstimos do Sânscrito como **açúcar**, **gengibre**, **sândalo**; do Hindustani, pijama, xampu; do Chinês, chá, caulim; do Japonês, quimono, samurai do Persa, azul, bazar, berinjela, caravana; do Malaiala, charuto, corja, jaca, manga.

Agora adentrando nas línguas modernas europeias, segundo Ilari & Basso (2011) o francês foi a língua românica, que mais influenciou o léxico português, com empréstimos advindos da guerra, como *plantão*, *sargento*, *marechal*, *pistola*, *fuzilada*; da cultura filosófica e literária, como *romance* e *enciclopédia*; da tecnologia, como *compasso*, *engrenagem*, *placa* e galicismos fraseológicos, como *chefe-de-obra*, *perder a cabeça*, *a olho nu*, *mal-entendido*. Além de outros empréstimos como *abajur*, *ancestral*, *apartamento*, *atelier*, *avalanche*, *avenida*, *banal*, *bicicleta*, *bijuteria*, *buquê*, *cabine*, *chance*, *constatar*, *crachá*, *creche*, *deboche*, *detalhe*, *elite*, *emoção*, *envelope*, *evoluir*.

Sobre os empréstimos ingleses, principalmente nos dias atuais, é possível afirmar que a influência inglesa foi uma das maiores, patentificando o enunciado por Ilari & Basso (2011), ou seja, que desde o século XIX com a vinda da família real portuguesa ao Brasil e, posteriormente, a independência, Portugal deixou ser o meio de ligação para a inserção dos empréstimos no português brasileiro, tornando-se o Brasil grande filiado de indústrias inglesas, com companhias como *São Paulo Railway*,

*Great Western of Brazil Railway* e *Light and Power*. Tal aproximação foi intensificada no decorrer do século XX, com a instauração cada vez mais forte, dos valores da industrialização e globalização. Com isso, os empréstimos ingleses referem-se especialmente à indústria, viação, náutica, bebidas, arte culinária, exercícios físicos, jogos, etc., com termos como *bar, basquetebol, clube, dólar, escoteiro, esporte, futebol, iate, júri, lanche, panfleto, piquenique, recital, repórter, revólver, sanduíche, teste, túnel, uísque*.

Os empréstimos do italiano, em geral, vieram da arte musical, pictórica, ou teatral, como *caricatura, cenário, concerto, dueto, maestro, madrigal, ópera, piano, soprano, tenor, violino*. Além de palavras como *alarme, alerta, artesão, balcão, banquete, boletim, capricho, esquadrão, fiasco, galera, grotesco, macarrão, mortadela, palhaço, pastel, pedestal, piloto, porcelana, risoto, salame, salsicha*.

No espanhol, língua de maior afinidade com o português, o que motiva certa dificuldade de separar vocábulos de fonte espanhola dos portugueses legítimos, segundo Ilari & Basso (2011:137), os empréstimos “[...] foram uma fonte importante de empréstimos desde o português antigo, e a influência castelhana marcou profundamente o português entre 1580 e 1640, quando Portugal esteve sob o domínio espanhol”. Assim, **é possível** citar vocábulos como *amistoso, apetrecho, botija, cavalheiro, façanha, frente, galã, hediondo, lagartixa, mochila, neblina, rebelde, trecho, vislumbrar*.

Algo que marca a principal diferença entre o português brasileiro para o de Portugal, foram os empréstimos advindos das línguas indígenas e africanas. Como diz Coutinho (1976:194), “no Brasil, para onde a língua foi trazida pelos colonizadores, o vocábulo primitivo enriqueceu-se bastante com o concurso que lhe trouxeram os dialetos indígenas e africanos”. Já Ilari & Basso (2011:138), discorrendo sobre o multilinguismo do Brasil-Colônia e os empréstimos indígenas, afirmam que estes “representam todas as grandes famílias que existiram no passado no território brasileiro, mas há um predomínio acentuado de vozes de origem tupi”.

Assim, no que tocante aos empréstimos indígenas, os mesmos estão divididos em quatro segmentos: fauna (*minboca, surubim, surucucu*), flora (*mandioca, aipim, macaxeira*), alimentação (*mingau, tapioca, amendoim*) e habitação (*maloca, oca*). Para demonstrar a importação africana, encerra-se esse tópico com um trecho do poema de Jorge de Lima, “Benedito

Calunga”, que escrito à luz do modernismo brasileiro, cujo autor procurou trazer o linguajar que constituiu o português brasileiro, mas que muitas vezes é deixado de lado.

### Benedito Calunga

[...]

Benedito Calunga

pertence ao banzo

que o libertou

pertence ao banzo

que o amuxilou

que o alforriou

para sempre

em Xangô

Hum-Hum (Jorge de Lima - Os poemas negros)

---

**calunga:** entidade sobrenatural que se manifesta como força da natureza, principalmente ligada ao mar.

**banzo:** sentimento de profunda apatia causada pela desculturação, que levava os escravos ao suicídio.

**amuxilou:** chicotear; da palavra *amuxã*, aquele que brande o chicote (*ixã*)

**Xangô:** orixá ioruba; culto afro-brasileiro ioruba; local onde se realiza tal culto

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a história da própria língua é conhecer mais da história do próprio povo, suas raízes, no caso do Brasil, uma história de dominação, colonialidade e submissão.

Assim, os termos eruditos introduzidos na língua portuguesa por séculos e séculos, continuam sendo usados hoje em dia no português

brasileiro, na maioria das vezes, empregados ainda, com o objetivo atribuir pompa, nobreza ao discurso.

Em 2015, era comum ligar a televisão e assistir o discurso tucano cheio de mesóclises e latinismos com o objetivo de enaltecer o próprio discurso. Existem, também, professores que, devido à intimidade com textos literários cheios de latinismos, acabam absorvendo o modelo vocabular e “elevando” o nível da fala.

Os empréstimos, desde a Península Ibérica, traçaram a história de Portugal e, posteriormente, a história linguística brasileira, possuindo elementos gregos, árabes, germânicos, asiáticos, franceses, ingleses, dentre tantos outros. Reconhecer e compreender esses empréstimos motiva o questionamento sobre o motivo de, na versão final dos livros teóricos sobre a história da língua portuguesa, os empréstimos indígenas e africanos, bases do léxico do português brasileiro, serem deixados de lado ou em seções de menor importância.

O fato é que, tanto os termos eruditos quanto os empréstimos estão na constituição do português brasileiro, na literatura e nos discursos, com os mais diversos objetivos, tanto que, empreender um estudo da língua portuguesa sem dar a devida atenção a esses elementos linguísticos é ter como resultado uma pesquisa incompleta, cheia de lacunas.

Os latinismos e empréstimos incorporados ao português de Portugal chegaram até ao solo brasileiro, influenciando os falantes, porém, houve a opção de enfatizar esses termos dentro do português do Brasil, como forma de subversão à ordem e alinhamento, em virtude da língua imposta no passado, ter se tornado a língua do país, sujeita às transformações que melhor correspondem às necessidades de seus falantes. Os termos eruditos, os empréstimos, as variações, as normas gramaticais traduzem a beleza da língua, porque eles expõem os “brasis” que constituem este país, em termos de seus aspectos históricos, políticos, sociais e ideológicos. Para finalizar o presente trabalho, são enunciados alguns versos do texto “Língua” de Caetano Veloso, não para simples contemplação, mas para uma reflexão mais aprofundada sobre os constituintes da língua falada pelo povo brasileiro.

Língua

Caetano Veloso

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de

Luís de Camões

Gosto de ser e de estar

E quero me dedicar a criar confusões de prosódias

E uma profusão de paródias

[...]

E deixe os Portugais morrerem à míngua

Minha pátria é minha língua

Fala Mangureira! Fala!

Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó

O que quer

O que pode esta língua?

## REFERÊNCIAS

COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1976.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de Pesquisa Social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ILARI, R; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª ed. São Paulo: 2003.

OLIVEIRA, A. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Núcleo Ed. da UERJ. V. 1. p. 78-79, 1978.

PEREIRA, A. P. Língua Latina e Português Erudito. *Revista de Letras da Universidade Federal do Ceará*. Vol. 1. Fortaleza. 2011.

SILVEIRA, S. *Lições de Português*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.

SPINA, S. *História da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ática, 2011.

# A SINCRONIA, DIACRONIA E HISTÓRIA NA EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Elisa Maria Pinheiro de Souza  
Jaqueline de Andrade Reis

## 1. IDEIAS PRELIMINARES

O processo evolutivo da língua pode ser traduzido por um caminho de transformações provocadas pela interação dos falantes no ato comunicativo. Esse processo é lento e gradativo, o que concorre para o surgimento de diversos estados da língua em diferentes momentos de sua história, passíveis de serem estudados em prol do conhecimento e compreensão de sua estrutura, via análises diacrônicas, que são perpassadas pelo entendimento de mudança como indicativo de processo evolutivo.

A língua é um sistema de signos partilhado por uma comunidade de falantes, os quais, de acordo com suas necessidades, realizam adaptações às circunstâncias de uso, aos vários contextos e situações, oportunizando novos usos e possibilidades. Sua dinamicidade advém das transformações que ocorrem tanto no espaço quanto no tempo, em virtude de vários fatores oriundos do meio social. Seu funcionamento envolve a articulação de vários aspectos, ou seja, a relação entre os sons (fonologia), a estruturação de palavras (morfologia), a organização das palavras em frases (sintaxe) e o significado das palavras (semântica).

Línguas se extinguem ou vivenciam os ares do desaparecimento, mas aquelas que são fixadas no registro escrito, principal fator de conservação linguística, conseguem estabilidade e possibilidade de difusão

e alcançam níveis de gramatização<sup>27</sup>, via dois instrumentos linguísticos, ou seja, a gramática e o dicionário.

Corroborando com o fato de que a dinamicidade da língua é traduzida pelas constantes transformações advindas de interações e dos intercâmbios, a literatura circulante sobre a temática enuncia sobre mobilidade das línguas no decorrer do tempo, seja por variação ou por mudança dentro da comunidade linguística. Surgem assim dois conceitos distintos – sincronia e diacronia - ou seja, respectivamente, o estudo os fenômenos da língua via recorte inerente a uma determinada fase/época e o estudo da língua, com foco nas mudanças ocorridas no decorrer do tempo. Com eles surgem os processos de modificação e transformação, geralmente, vivenciados pelas línguas, durante o processo evolutivo. As mudanças linguísticas são de caráter diacrônico, sendo dessa forma, objeto de estudo da linguística histórica, também denominada de linguística diacrônica, que aborda o desenvolvimento histórico de uma língua, em termos do surgimento, influências na estrutura e uso, mudanças sofridas ao longo do tempo e as variações linguísticas com ocorrência no âmbito sincrônico, constituindo-se objeto de análise da sociolinguística, dentre outras disciplinas.

Com tais conceitos, emerge a gramaticalização<sup>28</sup>, compreendida na área de Linguística como um fenômeno linguístico pelo qual, palavras de valor lexical (itens lexicais) podem transformar-se em palavras de valor gramatical, ou seja, um “processo de criação das formas gramaticais”. (FORTUNATO, s/d, p.8).

Assim na busca de dados que pudessem retratar o processo evolutivo da língua, nos âmbitos sincrônico e diacrônico, foram revisitados resultados de estudos pertinentes à temática, tendo por foco autores que abordam as ideias de Saussure, os princípios da Linguística Histórica, a gramatização e a gramaticalização, tendo como aporte teórico.

---

<sup>27</sup> O processo de gramatização constitui a oficialização dos registros linguísticos escritos padronizados, cujos níveis permitem a formalização das estruturas, juntamente com os sistemas e subsistemas da língua.

<sup>28</sup> *Processo de formação de elementos linguísticos, mais precisamente, das formas gramaticais*

Com a proposição de apresentar os resultados dessa revisitação, o trabalho, além das considerações finais, está estruturado em quatro tópicos. O primeiro configura-se nesta introdução, com o delineamento contextual do estudo; o segundo, com desdobramentos, aborda questões inerentes às ideias de Saussure, apresenta comentários gerais sobre o ‘*status*’ da linguística histórica no panorama dos estudos linguísticos contemporâneos no Brasil e o terceiro e o quarto apresentam resultados da breve revisão bibliográfica realizada sobre gramatização e gramaticalização. Seguem-se a estes as referências.

## 2. INFERÊNCIAS TEÓRICAS

Nesse tópico, são explicitados informes sobre questões inerentes às ideias de Saussure, aos estudos históricos da língua com base no pressuposto de que é um objeto variável no tempo, no espaço e na sociedade e à gramatização enquanto processo de preservação da linguagem e à gramaticalização como processo no qual uma palavra passa a ser utilizada como vocábulo gramatical ou como afixo, no curso evolutivo da língua.

### 2.1. As contribuições de Saussure e a Diacronia

São muitas as contribuições de Saussure à Linguística, dentre elas as dicotomias: língua e fala, sintagma e paradigma, sincronia e diacronia, significante e significado. Rompendo com a tradição nos estudos linguísticos<sup>29</sup> que vigorava na época, priorizou a descrição de um sistema, com valores definidos com base na dinâmica própria, sem vínculos com a sua evolução. Sua definição de língua como um sistema de valores puros, estáveis e homogêneos, sem considerar a sucessividade dos fenômenos linguísticos e a interferência exterior em seus termos, justifica a primazia do estudo sincrônico sobre o diacrônico, tanto que para ele, “tudo quanto seja sincrônico na língua, não o é senão pela fala (*parole*). É na fala que se acha o germe de todas as modificações”. (Saussure, 2012:18)

<sup>29</sup> Visão histórica dos neogramáticos.

Inúmeras correntes linguísticas de base estruturalistas acataram tal concepção, como o estruturalismo de Chomsky, com a gramática gerativa, traduzida por um sistema invariante representado pela competência<sup>30</sup> e pelo desempenho<sup>31</sup>. Mas, alguns axiomas estruturalistas foram ignorados pela corrente sociolinguística de Labov, com a demonstração de que a variação linguística encontrada na fala é estruturada e determinada, às vezes, por fatores externos à língua, o que motivou a rejeição do caráter assistemático da fala, homogeneidade da língua e a sincronia estática. Tal contexto deixou perceptível que sincronia e diacronia possuem a mesma natureza, muitas vezes requeridas para o entendimento de determinados fenômenos linguísticos.

Muitos estudiosos como Bakhtin, Coseriu e Labov criticaram os pressupostos teóricos da Saussure, em específico, as dicotomias língua/fala e diacronia/sincronia, tanto que no concernente ao processo histórico de evolução da língua, defendido por Coseriu e Labov é desfeita a dicotomia saussuriana no aspecto estrutural. Vale ressaltar que a língua fazendo parte de um contexto social, ela veicula e perpetua os valores sociais, como também é influenciada por ele, e pode influenciá-lo. Assim, superar as dicotomias de Saussure implica em considerar o aspecto linguístico e também, a relação entre língua e sociedade.

Outro aspecto a considerar é a normatização da língua ocorrida via criação de normas específicas da gramática e de padrões de uso, os quais são determinados pelas condições históricas do contexto associadas à função de dominação. Dessa forma é estabelecido o padrão culto, o qual se não for seguido, significa falar diferente, incorrer no erro.

## 2.2. A Linguística Histórica do Português no Brasil

Os estudos históricos da língua ficaram à margem até o final da década de 80, situação modificada com os trabalhos de Fernando Tarallo (1984) e Rosa Virgínia Mattos e Silva (1988), os quais abordam

---

<sup>30</sup> Conjunto de normas internalizadas pelos falantes que permitem a emissão, compreensão e julgamento de enunciados da língua.

<sup>31</sup> Uso efetivo da língua, sujeito a influências externas.

o ressurgimento da Linguística Histórica no panorama dos estudos linguísticos no Brasil.

Os estudos históricos vivenciaram a desvalorização, em virtude da supremacia da língua falada sobre a escrita, em termos de estudos, e da recorrência dos estudos sincrônicos para o desenvolvimento dos estudos da linguagem. Nesse contexto, os estudos diacrônicos eram concebidos como uma reação aos estudos historicistas do final do século passado, predominantes no Brasil e, talvez, a única possibilidade de encarar a língua.

No âmbito dos estudos históricos, é preciso ir além do registro de fatos linguísticos pertinentes à épocas passadas, descrevê-los como parte de um sistema linguístico e explicá-los sob a luz de uma teoria. Tempos atrás, fatos não enquadrados no âmbito dos estudos sincrônicos e com caráter histórico era tratado no âmbito da filologia<sup>32</sup>.

Saussure, em seus estudos, postulou a preponderância da língua falada e da sincronia sobre, respectivamente, a escrita e a diacronia como também discutiu a não percepção do falante sobre o aspecto diacrônico da língua e, conseqüentemente, a mudança linguística. Tais ideias foram criticadas por vários estudiosos, com base no fato do aspecto diacrônico das línguas ser passível de análise estrutural tanto quanto o sincrônico.

Muitos estudiosos da linguagem têm concebido a língua como um objeto estático, fato que inviabiliza a percepção da mutabilidade das línguas. No âmbito da diacronia, embora não haja a exclusão dos postulados nas gramáticas de sincronias passadas, a língua é vista como diz Cohen (2015): “camadas diacrônicas que se harmonizam num todo, mas que têm ‘idades’ diferentes”.

O falante pode não perceber a dimensão diacrônica, o que não implica em declinar os estudos diacrônicos, pelo contrário todo fenômeno linguístico de ser observado em suas “entrelinhas”, ou seja, os seus aspectos que estão explícitos e aqueles que se situam na condição de implícitos, no caso, as mudanças ocorridas, no decorrer do tempo.

<sup>32</sup> Estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, com foco na história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas.

Informações históricas estão inscritas nos dicionários etimológicos, as quais podem esclarecer, o porquê de certas palavras, aparentemente semelhantes, possuírem ‘idades’ diferentes.

As linhas de ação da linguística histórica buscam subsídios em outras áreas da linguística, ou seja, adentram nos campos de estudo da etimologia, filologia e linguística diacrônica. Por tal razão, torna-se difícil o estabelecimento de uma definição para ela.

Para Faraco (2005:13), a linguística histórica tem por foco o estudo das “mudanças que ocorrem nas línguas humanas à medida que o tempo passa, atividade específica dos estudiosos da linguística histórica”. São mudanças de cunho fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático e lexical, de caráter lento, gradual e regular, elucidadas por leis fonéticas, por analogia e pelo encaixamento estrutural e social.

Basseto (2001) corrobora com Faraco (2005) em termos da definição de filologia como área da ciência cujo objeto estudo é o texto e seu contexto de produção no âmbito linguístico, histórico, político e social de produção, tendo por base a perspectiva sincrônica.

Atualmente, após o surgimento de inúmeras correntes do pensamento linguístico e a superação do exagero do estruturalismo, a linguística histórica ressurge no panorama linguístico, com o aceite da mudança linguística.

### 3. O Processo de Gramatização

A gramatização pode ser traduzida por um saber metalinguístico, que se constitui na oficialização de registros linguísticos escritos padronizados, que conduzem à descrição de uma língua. Seus processos viabilizam o surgimento da língua portuguesa com o estatuto de língua transnacional<sup>33</sup>. Auroux (1992) conceituou a gramatização como um processo de instrumentalização de uma língua, viabilizada pelas gramáticas, dicionários, vocabulários, livros didáticos, instrumentos linguísticos

---

<sup>33</sup> Língua falada em diferentes países, como a portuguesa falada em Portugal, Brasil, Angola e outros.

modificadores dos espaços comunicativos e também, o estabelecimento da relação entre o falante e a língua.

O estudo dos processos de gramatização das línguas e de seus efeitos, no âmbito da produção de conhecimento científico e da construção de um imaginário de língua nacional é objeto de estudo de um novo campo de saber, caracterizado pela percepção do domínio dos fenômenos linguísticos enquanto espaço de produção de tecnologias com mutabilidade radical em relação ao homem e suas formas de vivência. Resultados de pesquisas indicam a vinculação deles aos processos discursivos da língua e a produção de efeitos, como a construção de um imaginário de língua nacional e seus atributos de unidade, uniformidade e universalidade.

Nessa perspectiva, o estudo da trajetória da língua no processo de gramatização fomenta a compreensão dos processos construtivos de cidadania dos indivíduos, regulamentada pela relação estabelecida com a língua do meio social. Assim, instrumentos linguísticos e instituições inerentes à produção e circulação da língua são investigados em busca da constituição e legitimação de *status* de autoria do cidadão em relação à língua e contatos estabelecidos com outras línguas em seu percurso histórico e nos espaços de enunciação.

Para Guimarães (2004), os estudos do português no Brasil possibilitam a periodização do processo de gramatização brasileira do Português, de forma cronológica, com base no surgimento dos instrumentos e acontecimentos linguísticos. O autor propôs o estabelecimento de quatro períodos para tal processo.

Para primeiro período estabelece como data inicial o ano de 1500, estendendo-se até o início da segunda metade do século XIX, caracteriza-se pela inexistência de estudos sobre o sistema linguístico realizados no Brasil e os debates iniciais brasileiros e lusitanos, com foco na inadequação de construções apontadas por escritores e gramáticos portugueses; o segundo, estabelecido no início da segunda metade do século XIX até os finais da década de 30, caracterizado pelos estudos iniciais sobre o português do Brasil, pelo surgimento das primeiras gramáticas produzidas no Brasil e pelos debates com tema voltado para as diferenças existentes entre o português do Brasil e o de Portugal; a

criação dos Cursos de Letras no Brasil marca o início do terceiro período que se entende até 1962 com a deliberação do Conselho Federal de Educação (CFE) para a obrigatoriedade inclusão de Linguística enquanto elemento curricular integrante dos Cursos de Letras no Brasil; o quarto período abrangendo os meados da década de 60 do século XX até hoje.

O trajeto da periodização que inicia com a ausência de estudos sobre produção nacional de saber metalinguístico e se alonga até a institucionalização dele, deixa claro a relação entre a produção de conhecimento e de instrumentos linguísticos e os movimentos históricos, políticos e culturais do Brasil. Vale ressaltar a existência de diferenças estruturais entre o Português de Portugal e do Brasil, bem como o fato de que o perfil da gramática brasileira tem sido marcado pela tradição portuguesa. Mattoso Câmara (1976) argumenta sobre a existência de tais diferenças com base no fato de serem dois sistemas linguísticos com evoluções próprias, mesmo os dois povos, apresentando ligações no âmbito social, político e cultural.

A luta pela afirmação da brasilidade da linguagem iniciou no século XIX, caracterizadas por abordagens de caráter literário ou político em detrimento à questão propriamente linguística. Inclusos nessa fase estão José de Alencar, primeiro escritor brasileiro a inscrever como *dialeto* o português falado no Brasil e José Bonifácio, mantendo a relação entre língua e política, reivindicou o uso de neologismos pelos brasileiros com base no status de independente do Brasil. Na verdade, são anos de discussões sobre a língua portuguesa em oposição à modalidade brasileira, que ainda persistem no momento atual.

#### 4. O Processo de Gramaticalização

A teoria da gramaticalização surgiu no contexto da linguística funcional<sup>34</sup>, na década de 70, momento em que as transformações diacrônicas reassumiram seu papel no âmbito da sintaxe, patentificando

---

<sup>34</sup> A linguística funcional considera os estudos sobre a linguagem como um conjunto de situações comunicativas que correspondem no qual ocorre um processo linguístico. Esse conjunto de situações comunicativas corresponde aos interlocutores, às condições de produção e à dinâmica do ato comunicativo, enfim.

a mobilidade da língua e a gramaticalização como um processo diacrônico ou sincrônico. A gramaticalização é um processo de mudança linguística, dentre os vários existentes, devido a mobilidade da língua e frequente renovação do sistema linguístico. A concepção de que o discurso motiva a existência das transformações corrobora com a ideia de que elas emergem do âmbito do discurso em direção à gramática.

Gonçalves *et al* (2007), atribui a Meilet o uso do termo pela primeira vez, embora no século X já existissem noções de gramaticalização, referindo-se ao processo de uma palavra autônoma passar a ter uma função gramatical.

A concepção de língua como um sistema heterogêneo e mutável, indica a existência de modificações motivadas por variados processos e é ratificada por Neves (1997) ao considerar a gramaticalização como um processo dinâmico, histórico e unidirecional, que focaliza a mudança de “uma unidade menos gramatical para uma com maior gramaticalidade”, tendo como consequências: o caráter regularizador, índice maior de previsibilidade e uma sujeição maior do falante às regras do sistema.

Martelotta (2011) define a gramaticalização como:

Um processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. (MARTELOTTA, p. 92, 2011)

A língua está em constante renovação e a gramaticalização responde por certas mudanças no sistema linguístico, tanto que, o falante, impelido por necessidades comunicativas, conforma a gramática da língua que utiliza.

Castilho (2010) estabelece relação entre gramática e gramaticalização, concebendo a primeira como sistema linguístico constituído por estruturas cristalizadas ou em processo de cristalização disposto em subsistemas, traduzidos pela fonologia, morfologia e sintaxe e a segunda, como conjunto de processos que propicia às palavras a posse

de novas propriedades, no âmbito da sintaxe, morfológico, fonológico e semântico, podendo haver, em certos casos, o desaparecimento da palavra. O autor ainda afirma que a gramaticalização existe, no âmbito do funcionalismo, de cunho sincrônico e diacrônico, em detrimento da existência de uma gramática pronta e estável.

O processo de gramaticalização, segundo Gonçalves *et al* (2007) tem na unidirecionalidade o seu princípio fundamental, traduzido pela transformação dos elementos representacionais em gramaticais. Enuncia também que pode ser vista, tanto sob as perspectivas sincrônica e diacrônica e, que apresenta como mecanismos: a metáfora como aproximação de domínios cognitivos diferentes via transferência conceitual e a metonímia como reinterpretação de modo contínuo sob a influência da pragmática.

Para a identificação do grau de gramaticalização dos itens existem duas propostas, a de Lehmann e a de Hopper. A primeira focaliza a determinação do grau de autonomia das formas em estágios avançados de gramaticalização e a segunda focaliza formas em estágios iniciais.

Lehmann (1995[1982] *apud* Gonçalves *et al*, 2007) define a gramaticalização como processo transformador de lexemas em formativos gramaticais e formativos gramaticais em mais gramaticais, enunciando que ela ocorre no plano sincrônico e propondo seis parâmetros, em termos da aferição do grau de autonomia dos itens. São eles: integridade (tamanho substancial de um signo, segundo sua carga semântica e fonológica); paradigmaticidade (forma de relação entre um item e os demais de um mesmo paradigma); variabilidade paradigmática (obrigatoriedade de uso dos itens dentro do universo do paradigma); escopo (extensão da relação do item com a construção na qual se insere); conexidade (grau de coesão ou dependência de um item com outro); variabilidade sintagmática (liberdade de movimentação de um item na construção da qual faz parte).

Para Hopper (1991, *apud* GONÇALVES *et al*, 2007), a gramática de uma língua é sempre emergente, devido o surgimento frequente de novas funções, valores e usos para formas já existentes, possibilitando o reconhecimento dos graus de gramaticalização apresentados pela forma

que assume nova função. O autor Hopper defende um conjunto de parâmetros diferentes dos de Lehmann. São eles: estratificação (geração de novos itens que coexistem com as formas antigas, desempenhando a mesma função); divergência (manutenção de uma forma fonte como item autônomo e com propriedades originais, passível de nova transformação); especialização (estreitamento das opções de codificação de determinada função); persistência (traços semânticos que são compartilhados pela forma-fonte e a forma-alvo) e descategorização (perda de categorialidade e autonomia discursiva).

O caráter gradual da gramaticalização é acentuado pelos princípios que conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, sem considerar se tais elementos são pertencentes ou não a gramática, não discriminando mudanças resultantes em gramaticalização ou não.

No âmbito da linguística histórica, a gramaticalização busca identificar as origens e mudanças que envolvem morfemas gramaticais. Dessa forma, contribui para pesquisas de cunho etimológico e histórico das palavras, apesar da gramaticalização também ocorrer no plano sincrônico, com o entendimento de fenômeno morfossintático discursivo, questão ratificada por inúmeros exemplos indicados por diferentes autores.

Hopper & Traugott (1993) enunciam que:

perspectiva diacrônica (ou histórica) investiga as fontes das formas gramaticais e os tipos de caminhos de mudança que os afetam. A partir dessa perspectiva, a gramaticalização é conhecida como um conjunto de mudanças linguísticas através das quais um item lexical, em certos usos, torna-se mais gramatical. A perspectiva sincrônica, por sua vez, vê a gramaticalização como primariamente um fenômeno sintático, discursivo-pragmático, a ser estudado do ponto de vista de modelos fluidos de uso linguístico. HOPPER & TRAUOGOTT, (1993, *apud* ROSÁRIO, p. 39, 2014).

Com tal contexto, é possível inferir que a gramaticalização é um processo que pode ocorrer tanto no âmbito sincrônico como também no diacrônico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As línguas são sistemas vivos, sujeitos a variações. Falantes e ouvintes de uma língua possuem uma criatividade linguística, a qual é acessada em momentos em que precisam superar as necessidades de expressão, em termos de novas ideias.

O objetivo do estudo foi o de revisitar a questão dos estudos diacrônicos em Língua Portuguesa. A busca de dados, via uma breve revisão bibliográfica sobre o assunto, abrangeu as ideias saussurianas, a história linguística do Português no Brasil, a gramatização e a gramaticalização, em virtude de estarem vinculadas à temática.

Saussure, marco dos estudos linguísticos científicos modernos, contribuiu com suas ideias e as famosas dicotomias para o desenvolvimento dos estudos históricos e diacrônicos das línguas; a linguística histórica ou linguística diacrônica, como também é denominada, ocupa um lugar de destaque no estudo da evolução diacrônica das línguas, pois estuda o desenvolvimento histórico delas, envolvendo surgimento, influências e mudanças sofridas; a gramatização por ser o processo condutor da descrição de uma língua, norteadas pela gramática e dicionário, pilares do saber metalinguístico e a gramaticalização por estudar as mudanças linguísticas.

Esse revisitar sobre os estudos diacrônicos em Língua Portuguesa, possibilitou a pressuposição de que existe interação e interdependência entre sincronia e diacronia, requerendo em certos estudos da língua, uma abordagem pancrônica, ou seja, a combinação do enfoque sincrônico com o diacrônico.

Os estudos sobre as mudanças linguísticas, muitas vezes, envolvem questões pertinentes ao âmbito sincrônico, mas, por outro lado, abrangem também aspectos vinculados à área diacrônica. Essa conjugação de informes sincrônicos e diacrônicos caracteriza a abordagem pancrônica,

a qual viabiliza a descrição dos fatos, com maior densidade e explicações mais amplas acerca de questões sob investigação.

## REFERÊNCIAS

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

CARVALHO, C. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do Português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COHEN, M. A. A. M. A pesquisa diacrônica em língua portuguesa. *Anais da Semana de Estudos de Língua Portuguesa*. S.l.], v. 2, n. 1, p. 11-16, mar. 2015. ISSN 2447-052X. Disponível em: S.l.], v. 2, n. 1, p. 11-16, mar. 2015. ISSN 2447-052X. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais\\_lingua\\_portuguesa/article/view/8040](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_lingua_portuguesa/article/view/8040)>. Acesso em: 18 de maio. 2020.

COSERIU, E. *Sincronia, dicronia e história*. Rio de Janeiro: Presença, EDUSP, 1979.

FARACO, C. A. (org). *Estrangeirismos – Guerras em torno da língua*. 3ª ed. Sao Paulo: Parábola Editorial, 2004.

FORTUNATO, I. V. *Gramaticalização e lexicalização das lexias complexas no português arcaico*. Universidade Federal da Bahia – FAPESB. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_456.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_456.pdf)>. Acesso em: 15 abril. 2020.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C; CASSEB-GALVÃO, V. C. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Descrição do Português: lingüística histórica e historiografia lingüistic*. Série Trilhas lingüísticas Laboratório Editorial / FCL, 2002.

GUIMARÃES, E; ORLANDI, E. P. (orgs). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996. (História das ideias lingüísticas).

\_\_\_\_\_. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papirus, 2004.

MARTELOTTA, M. E; VOTRE, S. J; CESÁRIO, M. M (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança Linguística: Uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MATTOSO, C. J. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, MEC, 1976.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, p.130-148, 1912.

. MATTOS e SILVA, R. V. *Fluxo e Refluxo: uma retrospectiva da lingüística histórica no Brasil*. D.E.L.T.A., 4 (1): 85-113, 1988.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROSÁRIO, I. C; OLIVEIRA, M. R. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2014.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

TARALLO, F. *Tempos Linguísticos – Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

## A SINTAXE DO PORTUGUES BRASILEIRO

Alfredo Lima

Jaciane Lima

### INTRODUÇÃO

Desde a adoção da língua portuguesa como língua oficial do Brasil, várias discussões têm sido realizadas acerca do desprezo dispensado aos resultados do contato com línguas nativas já faladas no território pelos indígenas e, mais adiante, com as línguas africanas, embora tais resultados sejam relevantes para o estudo da formação da língua portuguesa falada no Brasil, como também, para que o fomento das distinções entre o português Europeu e o português Brasileiro, nos aspectos semânticos, morfológicos, sintáticos e lexicais.

O presente artigo tem por objetivo destacar as características do português brasileiro, em contraponto com a gramática normativa do português de Portugal, haja vista que ambos os países fazem uso do mesmo idioma, porém com características diferentes em muitos aspectos linguísticos, como por exemplo, os usos dos pronomes em que o português do Brasil (PB) insere características de anáforas ligadas para retomadas de sujeito.

Como embasamento para a análise do tema pesquisado, foi utilizada uma abordagem gerativista, cuja concepção é de que cada falante tem conhecimento abstrato de sua língua materna, com escopo teórico centrado em Bechara, Pagotto. Para termos uma contribuição da sociolinguística variacionista nos estudos de sintaxe do português contemporâneo especificamente no Brasil.

Este trabalho está distribuído em duas seções maiores, para que se possa entender, primeiramente, a existência das variantes da língua

portuguesa falada no Brasil, doravante PB, e a falada em Portugal, PP. Destacando, na primeira parte, as contribuições de línguas de contato na constituição do PB. No segundo tópico intitulado *A Sintaxe pela perspectiva dos lingüistas* que trata dos aspectos sintáticos, sobretudo com a estruturação SVO adotada pela língua portuguesa. Por fim, uma análise sobre a topicalização oracionais da língua portuguesa brasileira e em que se difere da língua portuguesa europeia.

## A SINTAXE DO PB VERSUS SINTAXE DO PP

O português é a língua oficial de oito países, espalhada por todos os continentes. Estando entre as dez línguas mais faladas no mundo. Por conta de vários fatores (geográficos, social etc.) a língua portuguesa não é uma entidade homogênea.

Para Bechara (2009) a língua portuguesa é uma língua histórica e:

[...] está constituída de várias “línguas” mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata “do português”, quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*. (BECHARA, 2009, p. 50)

De modo que motivações políticas e culturais promovem uma diversidade da língua portuguesa, propiciando variedades regionais entre os falantes do português. A exemplo, tem-se o português do Brasil, que se diferencia do português de Portugal visto que a aplicabilidade da língua está em suas formas, conteúdos e procedimentos.

O Brasil é o país com o maior número de falantes de língua portuguesa, no entanto, difere do português falado em Portugal. Do período da consolidação do idioma até o presente, tem-se verificado mudanças sistemáticas observadas por meio de estudos do fenômeno do contato linguístico do Português com as línguas indígenas e, posteriormente, com as línguas faladas pelos africanos trazidos para cá como escravos.

Segundo Pagotto, algumas características do português do Brasil são distribuídas em todo território brasileiro.

Dentre os fatos que mais impressiona no português do Brasil, temos que ele se caracteriza de norte a sul, por um conjunto de características comuns. A tão propalada unidade linguística no Brasil é, assim, mais interessante não quando se tomam os dialetos populares das diversas regiões. É claro que há diferenças regionais entre os vários dialetos brasileiros, mas chama a atenção que em todo o Brasil os diversos dialetos populares oponham ao português erudito segundo um mesmo conjunto de traços na morfologia e na sintaxe. É claro que se torna irresistível perguntar como esta unidade se teria dado historicamente. (Pagotto. 2007. p.469)

A estas características regionais brasileiras em que Pagotto se refere, destacam-se as variedades de dialetos existentes em território brasileiro com marcações de fala nos aspectos sociais, geográficos, econômicos, entre outros.

O objeto da sintaxe é estudar os padrões estruturais vigentes em cada língua, relacionando os termos da oração e sua aplicação no discurso. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* divide a sintaxe em: a) de regência, de concordância e de colocação.

Para tanto, neste comparativo, nos valeremos da abordagem gerativista que concebe cada falante como elemento detentor do conhecimento abstrato de sua língua materna, desenvolvido na primeira infância, denominado por *competência linguística*, que se fará distinta em lugares geograficamente afastados.

Sabe-se que a gramática do Português de Portugal faz uso de alguns aspectos sintáticos que divergem do português do Brasil, sobretudo em um estudo gerativista em que tais propriedades geram contrastes em um único idioma e em suas duas grandes variantes. Não há, no português europeu, um estudo mais aprofundado das variantes faladas, principalmente nas formas regionais. As diferenças entre as duas variantes

começaram a ser comparadas em meados do século XIX, em que foram percebidas distinções gramaticais nos escritos literários e principalmente na gramática falada do português do Brasil. Fernando Tarallo discutiu que, na passagem do século XIX para o século XX, ocorrem grandes mudanças quantitativas no Brasil.

[...] essas mudanças já vinham ocorrendo há muito, no entanto, é somente no período acima mencionado que diversas circunstâncias sociais permitem o aflorar de uma gramática brasileira diferenciada da gramática do português europeu. (Tarallo. 1993)

Algumas especificidades de cada variação (PB/ português do Brasil e PP/ português de Portugal) são evidenciadas pelo uso dos pronomes pessoais no Brasil. Em algumas regiões, são utilizados “você” e “tu” como pronomes de segunda pessoa do singular e “a gente” como marcação de “nós”, primeira pessoa do plural.

Já em Portugal esses mesmos pronomes são oficialmente aceitos de forma ampla, em oposição ao Brasil onde há essa variação entre o pronome a ser utilizado em segunda pessoa. Ainda sobre o uso de pronomes, o PP não aceita colocação do pronome oblíquo em início de frase como atestado em PB, evidência marcada tanto na oralidade quanto na escrita, pois, no Brasil, a tendência é ter a escrita igual à fala; já em Portugal, tanto a escrita quanto à fala atestam para o uso da gramática normativa.

O uso de preposições também é distinto nas variações estudadas no presente trabalho, assim como o uso do gerúndio, dados os exemplos abaixo que melhor elucidam essas questões mencionadas acima:

*Estou fazendo o trabalho.* (PB)

*Estou a fazer o trabalho.* (PP)

É possível inferir que, no Brasil, o uso do gerúndio é contemplado com quase cem por cento de aceitação pelos falantes, sobretudo no ato de fala; na escrita, há uma adaptação ao modelo europeu previsto na gramática tradicional.

Para dar conta dessas questões do PB em relação ao PP, a Teoria da Gramática, com escopo do gerativismo, investiga tais ocorrências a fim de distingui-las, pois, cada vez mais, há um distanciamento em níveis fonéticos, lexicais, morfológicos e sintático-semântico. O PB vem assumindo um caráter linguístico de tópicos, tanto que, para Eunice Pontes (1987) o brasileiro produz tópicos em sua fala de modo a fazer retomadas anafóricas e usar os pronomes na posição de sujeito, tais diferenças percebidas no campo discursivo entre as duas variedades do português.

Desta forma, reconhecer divergências nas variantes de um único idioma, e os impactos em todo funcionamento morfológico, sintático e semântico na expressão dos seus falantes são essenciais para o reconhecimento de sistema linguístico autônomo que atende às variações internas de sua comunidade nativa.

## 1. A SINTAXE PELA PERSPECTIVA DOS LINGUISTAS

A sintaxe é a parte da gramática que estuda a disposição das palavras nas frases e das frases nos discursos e da relação lógica entre as possíveis combinações para que um significado possa ser transmitido. A Língua Portuguesa apresenta sintaxe elaborada, mediante um padrão linguístico oriundo de características marcantes, da mesma forma, segundo Marcos Bagno, o Português brasileiro apresenta, também, características peculiares, dentre as quais se destacam:

- + É uma língua que organiza a sua sintaxe na ordem S+V+C.
- + É uma língua predominantemente analítica, por isso mesmo, é uma língua cujas construções sintagmáticas prevalecem sobre as paradigmáticas.
- + É uma língua em que a expressão do sujeito tende, cada vez mais, a se tornar obrigatória.
- + É uma língua que o objeto nulo é forma preferencial de retomada anafórica.

+ É uma língua na qual as construções de tópicos são frequentes, refletindo a preponderância do sujeito pleno e do objeto e do objeto nulo.

Por fim, é uma língua em que, assim como qualquer outra língua viva no mundo, o processo de gramaticalização jamais se interrompe, trazendo à tona hoje, a gramática de amanhã.

As línguas do mundo são classificadas entre outras coisas, pela ordem dos constituintes na sentença. De acordo com esse critério, eis algumas posições em que sujeito verbo e complemento surgem:

SCV	André café toma
SVC	André toma café
VSC	Toma André café
VCS	Toma café André
CVS	Café toma André
CSV	Café André toma

A ordem SVC juntas correspondem cerca de 75% das línguas do mundo. Isso indicaria que essas ordens seriam as mais naturais, devido a mecanismos cognitivos que operam no processamento da língua em nossos cérebros.

No campo da anáfora, que tem a ação de trazer de novo, repetir, levar para trás, etc. É empregada para indicar a propriedade que as palavras têm de remeter a algo que já foi indicado anteriormente dentro do texto. As palavras que melhor exemplificam essa propriedade são precisamente os mostrativos como: ele/ o / lhe / esse / aquele / isso / aquilo etc.

## Exemplos

- Me dê seu endereço residencial, preciso dele para te enviar o DVD.
- Não se pode confiar no Everaldo, quando é que você vai aceitar isso?
- Filhos.... melhor não tê-los!

Esses exemplos deixam evidente a inconveniência de se continuar a dizer que pronome substitui o nome. Afinal, no primeiro, o termo retomado é um sintagma nominal completo com determinante (seu), núcleo (endereço) e complementador (residencial).

Muito se escuta falar que pronome não é uma classe gramatical, e sim uma função. No referente ao português brasileiro, os pronomes não constituem uma classe de palavras, mas uma função que palavras de diversas classes podem exercer, a função de retomada anafórica. Outra razão para tratar os pronomes como uma função é o fato de que muitas palavras, tradicionalmente, chamadas de “pronomes” não só compreendem a retomada anafórica, mas também funcionam como determinantes. Por exemplo, os demonstrativos podem ser dêiticos – esse livro aí –, caso em que funcionam como determinantes.

A opção por um novo conceito de pronome é devido a uma adesão explícita às análises decisivas feitas pelo linguista francês Émile Benveniste<sup>35</sup> (1902-1976), em dois ensaios fundamentais sobre a “Estrutura das relações de pessoa no verbo” e “A natureza dos Pronomes”, ele critica o hábito de considerar os pronomes como “formando uma mesma classe formal e funcional”. Charles Sanders Peirce<sup>36</sup>, chegou a afirmar que os chamados “pronomes pessoais” deviam ser considerados como índices, termo considerado e empregado por ele para definir um signo que aponta para seu objeto, num tempo e espaço definido, por tanto:

“**eu, aqui e agora**”, são termos indêxicos porque sua denotação cabe aquele que o usa, e tem por objetivo salientar que o uso de um indêxico é como o uso do dedo indicador para assinalar um objeto. Se em vez de apontar com o dedo indicador se diz “isto”, indica-se aquilo para o que se aponta indêxicamente. (Ferrater Mora, 2001, II: 1.479)

No que tange aos sujeitos e objetos nulos, Bagno demonstra sempre fazendo um comparativo com outras línguas românicas, como no quadro abaixo:

<sup>35</sup> Um dos nomes mais importantes das ciências da linguagem no séc. XX.

<sup>36</sup> Um dos maiores pensadores dos séc. XIX - XX.

## Verbo cantar

<i>Latim</i>	<i>Sardo</i>	<i>Romeno</i>	<i>Italiano</i>	<i>Occitano</i>	<i>Catalão</i>	<i>Galego</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Portugues</i>
Canto	Canto	cânt	Canto	canti	canto	canto	canto	Canto
Cantas	cantas	cântisi	Canti	cantas	cantes	cantas	cantas	Cantas

Fonte: Marcos Bagno (2012)

O quadro permite observar além da estreita semelhança entre as línguas, uma característica do Latim e das línguas derivadas dele: a possibilidade de omitir o sujeito de verbo, graças às desinências, isto é, às terminações dos verbos que já explicitam o sujeito.

Outra característica própria do português brasileiro que também o afasta das demais línguas românicas é a anáfora da anáfora zero, ocorrida quando o elemento a ser recuperado, anaforicamente, é um objeto direto de não- pessoa.

A gramática tradicional só reconhece uma estratégia de retomada anafórica de objeto direto de não-pessoa, quando ocorrida com os clí-ticos o, a, os, as. Ora, a gramática do português brasileiro é muito mais complexa do que isso, tanto que é encontrada, na realidade lingüística, a seguinte situação:

- Procurei o gato pela rua toda, mas não **o** encontrei em lugar nenhum.
- Procurei o gato pela rua toda, mas não encontrei **ele** em lugar nenhum.
- Procurei o gato pela rua toda, mas não encontrei \* em lugar nenhum.
- Procurei o gato pela rua toda, mas não encontrei **o gato** em lugar nenhum.

Todas as quatro variações existem no português brasileiro atual. No entanto, qualquer falante da língua sabe que existe uma drástica diferença na frequência do uso de cada uma delas. Para cada ocorrência é dado um nome específico.

- a. Clítico (pronomes oblíquos)
- b. Ele-OD (objeto direto)
- c. Pronome nulo (anáfora zero)
- d. SN (sintagma Nominal).

A topicalização é a operação linguística por meio da qual um elemento da frase é deslocado para a posição inicial, assumindo a posição de tópico e o restante o comentário.

A ordem SVC é uma das características mais recorrentes no português brasileiro e pode ser produzida segundo uma linha reta que se desloca da esquerda para a direita, como mostra o exemplo abaixo.

### Alfredo adora o Recife.

Vale ressaltar que na cultura brasileira (ocidental), a representação gráfica da produção verbal é realizada na direção da esquerda para a direita, tanto que o material impresso (livros, jornais, revista) é lido, com a virada das páginas da direita para esquerda, de modo que a leitura dos textos seja efetivada da esquerda para direita. Em muitas culturas, caso do japonês, hebraico e árabe, a escrita é produzida da direita para a esquerda e o material impresso, para ser lido, é aberto da esquerda para a direita.

O exemplo acima está escrito na chamada ordem direta, ordem neutra (não marcada) na língua materna, ou seja, não ocorre ênfase de nenhum de seus constituintes. Os mesmos constituintes dispostos de outra maneira - O Recife o Alfredo adora - a ordem torna-se CSV e, por isso não é possível representar o enunciado com a linha reta utilizada no exemplo anterior. Afinal, se o objeto direto sofreu o chamado de deslocamento à esquerda, a representação adequada deveria ser outra. Quando um constituinte da sentença sofre esse deslocamento à esquerda, é dito que ele foi topicalizado, isto é, se transformou em tópico (no tema, no assunto), para o qual o falante quer chamar a atenção, enfatizar, pôr em destaque.

As construções de tópicos são extremamente comuns na língua materna e em muitas outras. Uma diferença notada entre o português

brasileiro e outras línguas mais conhecidas é que diferente delas, o “buraco” deixado pelo objeto direto após o verbo, não é preenchido com um pronome anafórico, como o esperado em português (clássico) - Ex: O Recife, o Alfredo adora-o

Além do objeto direto, outros constituintes da sentença, podem ser deslocados à esquerda nos exemplos a seguir:

- **Todo santo dia** a Lourdes tem vindo aqui em casa. [adjunto adverbial]
- **Para a Eunice**, você já telefonou? [objeto indireto]
- **Daquelas brigas diárias**, minha mãe não tem nenhuma saudade [complemento nominal]
- **Tão feliz** a noiva parecia quando saiu da igreja [predicativo]
- **Por todos** vocês sempre foram muito admirados [agente da passiva]
- **De laranja** eu pedi o bolo de fubá [adjunto adnominal]
- **O prefeito** com esses atrasos todos na obra está furioso [sujeito]

O foco triplo sintaxe – semântica – pragmática permite uma melhor compreensão do que ocorre no processamento da língua e na produção dos enunciados linguísticos. Os três mais importantes papéis sintáticos – sujeito, objeto direto, objeto indireto, tanto que, são tradicionalmente estudados do ponto de vista da sintaxe, podem ser analisados sob outro ponto de vista:

**SINTAXE** - *sujeito* - *objeto direto* - *objeto indireto*

**SEMÂNTICA** - *agente* - *paciente* - *beneficiário*

Na análise sintática tradicional, o termo agente só é empregado no estudo do processo de passivização, no qual, o agente da voz ativa torna-se paciente da voz passiva: Pedro pagou a conta / A conta foi paga por Pedro.

No entanto, o que de fato determina as propriedades semânticas do sujeito não é simplesmente a voz verbal, mas a propriedade semântica do próprio verbo envolvido. Por exemplo, em **Pedro apanhou de**

**André**, o sujeito Pedro é quem sofre a ação do verbo apanhar, embora a sentença não esteja na voz passiva.

É por isso que a poderosa e certa intuição linguística dos falantes rejeita certas construções previstas pela gramática tradicional, visto que elas se chocam duramente com a realidade dos fatos, realidade que é o reino dos significados e sentidos filtrados pela semântica. Assim, na chamada voz passiva sintética ou voz passiva pronominal (que, de fato, não existe no português brasileiro), todos os verbos envolvidos são sempre aqueles que exigem dos seus sujeitos-agentes o traço semântico [+ humano], embora na chamada “passiva sintética”, a gramática tradicional atribua o papel de sujeito a elementos que não podem exercer o papel de agentes dos verbos implicados.

É isso que conduz a não efetivar a bizarra “concordância” que a gramática tradicional exige entre um sujeito e o verbo, uma vez que o “sujeito” carece de traços semânticos [+ humano]. É impossível convencer alguém de que em “*vende-se ovos*” o sujeito é *ovos* e, por isso o verbo deveria estar no plural: ***Vendem-se ovos***. Mesmo uma criança pequena sabe que o verbo ***vender*** só pode ser praticado por um ser humano ou por uma entidade humanizada (empresa, instituição, órgão público etc.) e que ovos não têm capacidade nenhuma de vender o que quer que seja, muito menos de vender a si mesmos.

No que se refere ao campo da pragmática é preciso também considerar que todo uso de uma língua está, incontestavelmente, mergulhado numa cultura. Por mais objetivo e neutro que um texto possa parecer, o simples fato de estar escrito ou ser falado numa dada língua implica um contexto cultural que, se não for conhecido, impede a boa interpretação de seus significados e sentidos.

Muitos usos da linguagem como na publicidade, no humor, nas letras de música, nas piadas etc. se valem explicitamente dos conteúdos culturais transportados pelas palavras. Daí a fundamental importância de uma abordagem discursiva, nunca a meramente sintática, de todo enunciado linguístico.

## CONCLUSÃO

O Português brasileiro atual, bem como as outras línguas existentes, é dotado de características específicas no campo da fonética, morfologia, sintaxe e semântica, que se constituem como resultados de uma ampla evolução.

A língua trazida pelos portugueses foi, aos poucos, se misturando à Língua Geral ou Nheengatu, língua criada pelos portugueses entre os Séculos XVI e XVII, a partir dos mais de 50 idiomas, dialetos e variantes do tronco Tupi-guarani utilizados pelos nativos do Brasil. O fato de as línguas faladas pelos nativos pertencerem a o mesmo tronco linguístico possibilitou a criação de uma Língua Geral que descartava variações dialetais e usava a gramática da Língua Portuguesa como referência, além de ter sido ampliada com termos das línguas portuguesa e espanhola.

O Nheengatu foi amplamente utilizado para a comunicação entre colonos portugueses, indígenas e escravos até o século XVIII, quando a coroa portuguesa proibiu o seu uso.

Pode-se observar, então, que o português no Brasil recebeu muito das línguas nativas, haja vista que o contato entre os povos força modificações e influências mútuas nas línguas, por isso, é verbalizado que o português brasileiro não será idêntico ao de Portugal, visto serem, ambos, organismos vivos que estão sempre em constante transformação o que, conseqüentemente, induzirá, em cada região, a apresentação de especificidades decorrentes das origens e influências recebidas ao longo do processo de transformação e evolução.

Para estudar o português brasileiro, assim-bem como outras línguas, é preciso definir se o estudo será realizado com uma abordagem sincrônica ou diacrônica, para que, desse modo, seja estabelecido qual rumo a ser dado ao estudo, o qual visará a análise do processo de transformação da língua. O português brasileiro representa a forma de como a língua usada dentro de um contexto informal e social, pois, segundo Willian Labov, a língua é uma forma de comportamento social, tanto que, crianças mantidas em isolamento não usam a língua, ela é usada por

seres humanos num determinado contexto social, para a comunicação de necessidades, ideias e emoções entre eles.

O português brasileiro atual também é resultado de um processo evolutivo; definido por ser uma língua marcada pela ordem sujeito, verbo e complemento; possuidor de característica analítica presente em sua estrutura; dotado, principalmente, de construções sintagmáticas, da frequência da figura do sujeito, recorrência das construções de tópicos; e processo de gramaticalização trazendo à tona a formação da gramática de amanhã.

Vale ressaltar que não é tarefa fácil assumir os conhecimentos desse vernáculo geral, a existência de uma real norma urbana cultural, radicalmente distinta da norma-padrão clássica, ideal, prescritiva e totalmente desvinculada dos usos autênticos do uso do português brasileiro atual.

Por fim, é necessário enunciar que nenhuma língua é superior a outra e, no que tange às variações da língua, o raciocínio a ser seguido, deve ser o mesmo. As variações motivam a compreensão de que o português brasileiro atual e a gramática normativa, cada uma a sua maneira, apresentam suas complexidades, belezas e riquezas que precisam ser conhecidas e estudadas.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: parábola editorial, 2012.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Editora parábola, 2008.

PAGOTTO, E. G. Crioulo sim, crioulo não. Descrição, história e aquisição do português brasileiro. In: CASTILHO, A. T; TORRES MORAES, M. A; CYRINO, S. M. L; LOPES, R.E.V, p.461-482. Campinas, São Paulo: Pontes/FAPESP, 2007.

# UM ESTUDO SOBRE O USO DAS VARIÁÇÕES DIATÓPICA E DIASTRÁTICA EM QUESTÕES DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

Gabrielle Borges de Oliveira  
Luiza Garcia Corrêa

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, cujo tema incide na diversidade linguística do português brasileiro, especificamente, nas variações diatópica e diastrática, tem como justificativa a busca pela compreensão do uso delas em questões do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, bem pela sua adequação ao enunciado pelos PCNs. Com tal compreensão, é possível afirmar que o ENEM - principal exame avaliativo dos conhecimentos dos estudantes brasileiros, vem ao longo dos anos superando-se em termos das formas de abordagem das diferentes temáticas obrigatórias do Ensino Médio no país. Portanto, devido à relevância desse exame no território nacional, buscou-se a concretização do objetivo traçado, via a análise das questões sobre a variação linguística presente nas provas em diferentes anos.

Sabe-se que o estudo da variação linguística, especificamente, a do tipo diatópica e diastrática influencia diretamente no ensino da língua materna desenvolvido nas escolas e na propagação do preconceito linguístico por parte dos falantes. Sem o conhecimento sobre os diferentes contextos de uso da língua, propaga-se a discriminação, a exclusão social e a marginalização de expressões linguísticas representativas de uma comunidade, da identidade de um povo. Por isso, é imprescindível estudar e reconhecer que a adequação é um modo de romper com o uso da forma padrão da língua, com fins de conscientizar os alunos

sobre as circunstâncias do processo chamado comunicação e, acima de tudo, fomentar que outras modalidades marginalizadas possam ser reconhecidas e conviver de forma harmoniosa com a norma padrão.

Nesse sentido, foram utilizadas questões do ENEM para, primeiramente, compreender como o tema variação linguística é abordado nesse exame, para depois analisar a forma como tais questões trabalham as duas variações escolhidas – diatópica e diastrática – e por fim, verificar se elas estão adequadas segundo as proposições inscritas nos PCNs. Assim, no primeiro momento, apresentam-se considerações acerca da variação linguística; posteriormente, reflexões sobre as variações diatópica e diastrática subsidiadas pelo aporte de diferentes autores; em seguida, é apresentada a trajetória do trabalho, bem como são descritas as análises das questões do ENEM dos anos de 2013, 2016 e 2017 e 2018; e por fim, as considerações finais.

## 1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A sociolinguística refere-se a um ramo da linguística que se fixou por volta de 1964, a partir dos estudos de grandes autores como Schleicher, Saussure, Meillet, Bakhtin e Jakobson, precursores em pesquisas sobre os aspectos da língua em âmbito social, tendo como objeto de estudo a diversidade linguística. Corroborando com a definição de MUSSALIM & BENTES (2001:55) de que “a linguagem é, sem dúvida, a expressão mais característica de um comportamento social, sendo, por isso, impossível de separá-la de suas funções sócio-interacionais” é possível dizer que a vertente sociolinguística surgiu com o intuito de buscar o entendimento da evolução da linguagem de forma a encaixá-la no contexto social do falante.

Dessa maneira, há fatores sociais que se relacionam ao estudo da língua no qual Bright (apud Fonseca, 1974) definem como:

- a. a identidade social do falante – relacionada aos dialetos das diferentes classes sociais;
- b. a identidade social do ouvinte;
- c. o contexto social ao qual o falante/ouvinte está inserido e

- d. o julgamento social ocorrido como consequência do comportamento linguístico do falante/ouvinte.

Com tal perspectiva, o objeto de estudo da sociolinguística é a língua falada em seu contexto social de uso, ou seja, em sua comunidade linguística. A partir disso, afirma-se que existem também variações e variantes linguísticas que colaboram para que o funcionamento heterogêneo da língua flua, como continuidades históricas que evoluem ao longo do tempo, de forma diacrônica.

Já no plano sincrônico, Mussalim & Bentes (2001) afirmam que:

[...] as variações observadas nas línguas são relacionáveis a fatores diversos: dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexo diferentes falam distintamente. [...] Os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias a sua região, a sua classe social etc. De uma perspectiva geral, podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática) (MUSSALIM & BENTES, 2001, p. 34).

Assim, as formas linguísticas em variação são frequentes em todas as comunidades linguísticas, como afirma Tarallo (2005) justamente pela língua atuar como fato social e estar imersa em constantes mudanças, como um legítimo sistema vivo, mutável. É, nessa perspectiva, que se tem buscado, nos últimos trinta anos, a valorização das variações linguísticas como instrumento de ensino-aprendizagem do português brasileiro, como ferramenta de ensino da língua materna. Para que, desse modo, a variação padrão não seja substituída, mas que seja enfatizada e dada atenção, nas aulas de Língua Portuguesa, às diversas variações marginalizadas socialmente e que detém um menor espaço nas grandes mídias.

## 2. A VARIAÇÃO DIATÓPICA E A DIASTRÁTICA

A variação diatópica, também conhecida como variação geográfica ou regional, implica na variação de acordo com os fatores geográficos e

no acatamento de influência das diferentes variantes linguísticas atuantes em diversas regiões, dentro de um mesmo país ou até mesmo em diferentes países, como é o caso do português brasileiro e do português de outras regiões como do continente europeu, do africano e do asiático. Sabe-se que a variação atua como “um fenômeno que não se pode coibir, pois é inerente à linguagem humana. Seria, portanto, impossível estabelecer um único padrão para toda essa gama de possíveis variações no uso linguístico” (FRANÇA, 2016, p. 36).

Desse modo, as mudanças que ocorrem devido à interação entre os indivíduos são subdivididas, segundo Mussalim & Bentes (2001), entre: as variantes geográficas e as variantes socioculturais, em função do fator da identidade social de quem emite a mensagem. A partir disso, portanto, infere-se “por variação diatópica (do grego *dia* = através de; *topos* = lugar) o entendimento das diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países” (ILARI & BASSO, 2007, p. 157, grifos do autor). Assim, por exemplo, no Brasil existiu um dinamismo acelerado, principalmente, em relação a história das migrações no país, influenciadas por fatores históricos, sociais e políticos, que datam desde a colonização pelos portugueses até a chegada da mão-de-obra africana, passando pelo que já existia nesse território, como as línguas tupi-guaranis.

Todo o amálgama de culturas que migraram de forma interna, entre estados e municípios, e externas, entre diversos países, que se instalaram no Brasil, refletiram em:

[...] variedades linguísticas de procedências diferentes, entre as quais acabam se criando diferenças de *status* e prestígio. [...] nem sempre é fácil separar o que é diatópico do que é diastrático [...] como regra geral, os traços tipicamente regionais aparecem com mais nitidez nas falas mais informais, as mesmas que permitem o uso de variedades não-padrão. Em contextos mais formais, os falantes tendem a seguir uma norma que pode ultrapassar o estritamente regional [...] (ILARI & BASSO, 2007, p. 161-163, grifo do autor).

Existem exemplos recorrentes sobre a variação diatópica que merecem ser lembrados, entre eles: o dialeto caipira, presente em regiões interioranas dos estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais; o dialeto gaúcho; o dialeto baiano e, até mesmo, o dialeto “papachibé” dos paraenses. Cabe destaque ao dialeto caipira, modo de falar que reflete, principalmente, a pronúncia de palavras que apresentam a queda do ‘r’ final, como em: “começá” ao invés de “começar” ou “vortá” no lugar de “voltar”, usados informalmente nas capitais dos estados citados. Em seguida, tem-se o dialeto gaúcho ou “gausca” marcado, por exemplo, pelas “diferentes realizações do /R/ (o <r> de *carro*): apical múltipla na região Sul (*churrasco*, *espeto corrido* e *chimarrão* na voz dos gaúchos)” (ILARI & BASSO, 2007, p. 167, grifos do autor); no dialeto baiano tem-se, por exemplo, a “[...] ‘entonação descendente’: <sei não> pronunciado comum ‘contorno descendente longo’ (ILARI BASSO, 2007, p. 168). Já o dialeto “papachibé”, representado pelos nortistas da região amazônica, tem-se palavras no léxico como “mina”, “pitiú” e “jito” que significam, respectivamente, “muito”, “cheiro forte” e “pequeno”.

Outros exemplos também citados como variação diatópica no processo de aprendizagem se relacionam com o léxico utilizado nas diferentes regiões do país – Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul –, mas que possuem o mesmo significado, como por exemplo: a) aipim / macaxeira / mandioca; b) abóbora / jerimum / moranga; c) sacolé / dindim / geladinho / chopp. Dentre tantos exemplos, sabe-se da importância de instrumentalizar os conhecimentos das variedades linguísticas para o alunado, como uma forma de abrir o leque de opções da língua falada em seus diferentes contextos. É, dessa forma, que a competência linguística do falante será testada, não somente dando aquilo que ele sabe, mas possibilitando um novo olhar sob as circunstâncias de interação que permeiam o seu contexto social, convivendo com o padrão e o não-padrão da língua materna.

Nesse panorama, apesar de na academia haver o reconhecimento da importância enveredar pela sociolinguística de fato, no ensino básico e médio a concepção de uma língua considerada heterogênea ainda não permeia todos os campos do processo de ensino e aprendizagem. Nas aulas de Língua Portuguesa, os ensinamentos devem abordar uma perspectiva inovadora de ensino de língua que, segundo Antunes (2007),

“amplie em [...] alunos, a competência na fala e na escrita”, utilizando como ferramenta a variação linguística, porque, desse modo, haverá maior possibilidade de capacitar o aluno para os diferentes contextos e circunstâncias de uso de uma língua, medindo e ponderando, de maneira lógica, a forma ou registro mais contundente, para ser usado em cada situação, seja ela formal ou informal.

Dessa forma, é imprescindível a inserção do estudo da variação linguística no âmbito da competência comunicativa do discente, por intermédio das diferentes modalidades de uso da língua, com a exploração das diferentes funções que compõem a natureza de uma língua como a norma, o registro/a escrita e a diversidade de gêneros e tipos textuais.

A língua, enquanto objeto de estudo científico, não possui uma construção homogênea entre os seus falantes e a prova desse fato está justamente na existência de variações linguísticas. Para Alkmim (2001, p. 27), a língua é organizada em unidades distintas, hierarquizadas, ou seja, apesar de ter um caráter heterogêneo, a língua apresenta variações que ainda são estigmatizadas socialmente, a exemplo da variação do tipo Diastrática ou Social.

Para melhor compreensão sobre o papel e a relevância social da variação Diastrática, é necessário entender, primeiramente, o que ela é e as características e fatores que a constituem. Para Ilari & Basso (2007, p. 175), o fenômeno da variação social está ligado às diferenças entre o português falado pela população mais escolarizada e a menos escolarizada, do português “certo” e do dito como “errado”. Indo mais a fundo, Alkmim apresenta quatro fatores que contribuem para essas divergências e descreve esse tipo de variação linguística:

Relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Nesse sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social (MUSSALIM & BENTES, 2001, p. 35).

O fator mais importante, no referente às diferenças do português falado entre pessoas com graus diferentes de escolaridade e, consequentemente, o centro dos outros três, é o da “classe social” destacado na concepção de Alkmim (2001) sobre variação diastrática. Tal aspecto é interessante de ser ressaltado, pois norteia tanto a identidade dos falantes quanto a organização sociocultural em que os mesmos estão inseridos, além de ser o principal motivo para a realização do chamado preconceito linguístico.

Em sua obra intitulada *Preconceito Linguístico: O que é, como se faz*, Bagno (1999) apresenta oito mitos sobre a língua portuguesa e o quarto deles chamado de “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, retrata o estigma social entre os falantes do português padrão, dito “certo/ culto” e os falantes do português não padrão visto como “errado/ inculto”. Sobre essa discriminação Bagno (1999, p. 40), afirma:

[...] Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. [...] Um exemplo. Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L em R nos encontros consonantais como em *Crandia, chicrete, praca, broco, pranta* é tremendamente estigmatizada e às vezes é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim (BAGNO, 1999, p. 40).

Como dito por Bagno (1999), se alguma manifestação linguística foge do normativo e tradicional, automaticamente, é vista como inferior. Sabe-se ainda, que a maioria desses desvios são realizados por pessoas que não têm acesso a uma educação de qualidade, em decorrência de possuírem um poder aquisitivo baixo ou por não terem sequer a oportunidade de adentrar ao mundo dos estudos; ao contrário dos falantes de alto poder aquisitivo. Assim, ainda sobre a questão da desigualdade social entre falantes, Hudson *apud* Aragão (2010, p. 39), explicita que:

A desigualdade linguística pode ser vista não apenas como uma causa (naturalmente, ao lado de muitos outros fatores) da desigualdade social, mas também como uma consequência, porque a língua é um dos mais importantes fatores mediante os quais a desigualdade se perpetua de geração a geração (ARAGÃO, 2010, p. 39).

Outro estigma social que a variação diastrática sofre, refere-se à sua relação com outro tipo de variação, a diatópica ou regional, principalmente quando associada a região do Nordeste do país, conforme expõe Aragão (2010, p. 39):

As variações diatópicas ou regionais, especialmente as nordestinas, têm sido bastante utilizadas em novelas e programas humorísticos da televisão, porém, sempre com um sentido conotativo e pejorativo, com exageros que levam esses falares ao ridículo, face à variante padrão ou aos falares do Rio de Janeiro e São Paulo. A esse falar regional junta-se sempre a variante social demarcadora de pessoas incultas, de sócio-econômico-cultural menos favorecido ou, ainda, de “novos ricos”, que ascenderam socialmente, sem que essa ascensão tenha se dado, também, no nível cultural (ARAGÃO, 2010, p. 39).

Mediante o que foi exposto, é possível afirmar a existência de uma forte ligação entre a variação diatópica e a diastrática, visto que, por trás do âmbito social, há também o regional, que configura a identidade do falante, sua organização sociocultural, influenciando diretamente no modo de falar de cada indivíduo, seja por meio de sotaques ou dialetos (regionais ou de um grupo específico).

Outro fator que merece destaque é o quarto ponto destacado por Mussalim & Bentes (2001): a situação e contexto social. Em linhas gerais, ele engloba as questões da formalidade e informalidade da língua que um mesmo falante pode exercer; como por exemplo, o clássico contexto de uma reunião de trabalho, em que o indivíduo deve se portar com

polidez e usar a língua de forma culta e, o contexto de uma reunião de bar com os amigos com o uso de uma linguagem menos polida.

Tal ponto é importante de ser mencionado, pois assim como o fator “classe social” é importante, o contexto social também o é, por ser uma forma de reconhecimento do grupo social no qual o falante está inserido, pode ser percebido via oralidade e escrita, visto que engloba questões da informalidade e da formalidade. No exemplo dado acima, o falante sabia reconhecer as duas situações a que estava exposto e isso possibilitou a utilização correta da língua; entretanto, como já foi expresso anteriormente, nem todos os falantes da língua portuguesa do Brasil sabem reconhecer os momentos ideais para cada tipo de linguagem, o que gera também um estigma social.

Não menos importante, tem ainda os fatores de idade e de sexo. O primeiro, diretamente relacionado às diferenças de linguagem entre gerações, com o uso de um léxico particular presente em gírias como “crush/ contato”, utilizada por falantes mais jovens e “paixonite” por pessoas mais velhas, para expressar a mesma ideia de alguém estar a fim de outro. É notável ainda nesse exemplo, a preferência que as gerações mais novas têm por estrangeirismos e por gírias para o ato comunicativo. Ao lado do fator idade, há o fator sexo, o qual incide na diferença de fala entre homens e mulheres, seja pelo uso de gírias, diminutivos ou alongamento de vogais, a exemplo de “bonitinho”, pela parte feminina.

Amplamente discutida no ambiente acadêmico, a fim de evitar a perpetuação do preconceito linguístico, o estudo da variação diastrática, continua sendo realizado de forma lenta e sem muita profundidade, principalmente nos anos iniciais. Lemle (1978, p. 60) chama a atenção para o ensino das variações de maneira homogênea para uma melhor compreensão da língua, a partir de duas etapas: “a primeira, teórica, é a compreensão dos fatores que determinam a variação dentro de uma mesma língua; a segunda, é o conhecimento dos fatores específicos dessa variação na área em que o professor atua.”, ou seja, para um melhor estudo, não somente da variação de cunho social mas, também das outras, é necessário o entendimento de suas ocorrências na língua e a devida adequação no contexto em que o aluno e os professores estejam inseridos.

Comparando o ensino dos anos iniciais de educação com o do ensino médio, é notado um tratamento melhor para esta variação, visto que é um assunto bastante comum nas questões de língua portuguesa nos processos seletivos. A exemplo, o ENEM que, no decorrer dos anos, trouxe diversas questões abordando esse tipo de variação.

### 3. A TRAJETÓRIA DO TRABALHO

#### a. PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso foi o de uma pesquisa explicativa, buscando explicações sobre os fatores determinantes do estudo da importância das variações linguísticas e as suas contribuições presentes em diversas questões de provas do Enem, objeto empírico em questão. Antônio Gil (2002, p. 42), afirma que a pesquisa de cunho explicativo “tem como preocupação central identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos”.

Dessa forma, o método utilizado para a análise das questões do Enem ocorreu sob um viés bibliográfico, pois, para Koch (2011, p. 122), esse método de pesquisa volta-se

- a) para ampliar o grau de conhecimento em determinada área, capacitando o investigador a compreender ou delimitar melhor um problema de pesquisa;
- b) para dominar o conhecimento disponível e utilizá-lo como base ou fundamentação na construção de um modo teórico explicativo de um problema, isto é, como instrumento auxiliar para a construção e fundamentação de hipóteses.

Assim, o artigo apresenta a análise questões do Enem dos anos de 2013, 2016, 2017 e 2018, com base nos estudos sociolinguísticos de Ilari & Basso (2007), Mussalim & Bentes (2001), Aragão (2010), no que diz respeito às questões da sociolinguística e das variações linguísticas, além de Fonseca (1974) e Tarallo (2005) para tratar da variação

linguística, assim como Antunes (2007) e França (2016) para abordar a variação diatópica e, por fim, Bagno (1999), Lemle (1978) e no que diz respeito a variação diastrática. A partir da utilização desses teóricos foram buscados resultados qualitativos.

## b. ANÁLISE DAS QUESTÕES DO ENEM

Para a análise, primeiramente, foram utilizadas duas questões do ENEM do ano de 2016. A título de ilustração, segue abaixo a questão aplicada, extraída do site do Enem/Inep (2016, LC – 2º dia, caderno 5 – Amarelo, p. 7):

### QUESTÃO 102

PINHÃO *sai ao mesmo tempo que BENONA entra.*

BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA: Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO: Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA: Isso são coisas passadas.

EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

SUASSUNA, A. O santo e a porca. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013 (fragmento).

Nesse texto teatral, o emprego das expressões "o peste" e "cachorro da molest'a" contribui para

- A** marcar a classe social das personagens.
- B** caracterizar usos linguísticos de uma região.
- C** enfatizar a relação familiar entre as personagens.
- D** sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
- E** demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

Imagem 1: Questão da prova do ENEM de 2016.

A questão evidencia a presença de variações linguísticas de uma determinada região. O texto é um excerto de peça do escritor Ariano Suassuna, autor nordestino, e pelo uso das expressões, “o peste” e “cachorro da molest’á”, é solicitada a identificação do que elas representam no contexto geral. Sabe-se que as expressões regionais representam uma parcela da cultura de um local, especificamente, o Nordeste que possui um dialeto bastante rico de expressões comunicativas e de regionalismos marcando uma linguagem que favorece a diferenciação dos falantes dessa região brasileira em relação à outras regiões. A identidade cultural dos nordestinos, assim, é marcada por uma variedade linguística que ao ser falada é capaz de definir de onde o indivíduo origina-se, seja pelo sotaque marcado pelo comportamento de certas consoantes como /t/ e /d/ (antes de i), seja pelo uso de expressões como “cabra da peste” ou “arretado”.

Desse modo, a proposta da questão é que o aluno possa identificar por meio dessas expressões a variação diatópica como forma de verificar os usos linguísticos de uma região do Brasil, por meio de uma peça teatral, a fim de reconhecer a atitude linguística e a sociolinguística dessas localidades. Nesse aspecto, também pode-se perceber a variação diatópica em outra questão do ENEM de 2017 (LC – 1º dia, caderno 1 – Azul, p. 8):

## QUESTÃO 15

Sítio Gerimum  
Este é o meu lugar [...]  
Meu Gerimum é com g  
Você pode ter estranhado  
Gerimum em abundância  
Aqui era plantado  
E com a letra g  
Meu lugar foi registrado.

OLIVEIRA, H. D. *Lingua Portuguesa*, n. 88, fev. 2013 (fragmento).

Nos versos de um menino de 12 anos, o emprego da palavra "Gerimum" grafada com a letra "g" tem por objetivo

- A** valorizar usos informais caracterizadores da norma nacional.
- B** confirmar o uso da norma-padrão em contexto da linguagem poética.
- C** enfatizar um processo recorrente na transformação da língua portuguesa.
- D** registrar a diversidade étnica e linguística presente no território brasileiro.
- E** reafirmar discursivamente a forte relação do falante com seu lugar de origem.

---

LC - 1º dia | Caderno 1 - AZUL - Página 8

Imagem 2: Questão da prova do ENEM de 2017.

A questão citada mostra as diferenças linguísticas que existem no Brasil, a palavra “gerimum” utilizada no texto refere-se à afirmação discursiva do autor com o seu lugar de origem que pode ser grafado com a letra g. Contudo, a questão também mostra essa relação de palavras com o mesmo significado, mas que são grafadas de forma diferente, podendo ser como citado anteriormente nessa pesquisa: moranga/ jerimum/ abóbora.

Dessa forma, assim como a mesma palavra pode aparecer com grafias diferentes dentro de um mesmo país, cabe ressaltar a importância de se conhecer as variedades linguísticas presentes dentro do sistema linguístico do Brasil; logo, a relação que o autor possui com a palavra escrita com a letra g também abre um leque de possibilidades, significados e relações da língua com o indivíduo.

A seguir, serão analisadas duas questões que foram aplicadas nas edições do ENEM dos anos de 2013 e de 2018. A primeira questão para análise corresponde a 106 do caderno amarelo, sendo aplicada no ano de 2013 e foi extraída do site do Enem/ Inep (2013, LC – 2º dia, caderno 5 – Amarelo, p. 9):

**QUESTÃO 106**

**Até quando?**

Não adianta olhar pro céu  
Com muita fé e pouca luta  
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer  
E muita greve, você pode, você deve, pode crer  
Não adianta olhar pro chão  
Virar a cara pra não ver  
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus  
Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!

GABRIEL, O PENSADOR. *Seja você mesmo (mas não seja sempre o mesmo)*.  
Rio de Janeiro: Sony Music, 2001 (fragmento).

As escolhas linguísticas feitas pelo autor conferem ao texto

A caráter atual, pelo uso de linguagem própria da internet.

B cunho apelativo, pela predominância de imagens metafóricas.

C tom de diálogo, pela recorrência de gírias.

D espontaneidade, pelo uso da linguagem coloquial.

E originalidade, pela concisão da linguagem.

LC - 2º dia | Caderno 5 - AMARELO - Página 9

Imagem 3: Questão da prova do Enem de 2013.

Contendo um trecho da música “Até quando?” do rapper carioca Gabriel, O pensador; o objetivo dessa questão era evidenciar o uso do

português na modalidade coloquial, representado na canção por meio de gírias como “se liga aí” e “pode crer”, além das escolhas linguísticas de expressões como “pra” e “pro”, que denotam caráter de espontaneidade e que aproximam-se da linguagem falada no dia a dia dos indivíduos.

A proposta dessa questão é fazer com que os alunos percebam a dinamicidade da língua e a importância da variação de cunho social, visto que essa composição mescla a linguagem do tipo formal com a informal, e que apesar do compositor da canção ser um indivíduo com formação, ele faz o uso de gírias e expressões “erradas” que fogem ao que a norma padrão e desmitifica o mito apresentado por Bagno (1999): “As pessoas sem instrução falam tudo errado”.

É possível através dessa questão, que o aluno possa refletir sobre a utilização da variação social através da primeira competência e habilidade do tópico “Contextualização Sociocultural”, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - PCNEM (2000, p. 14) na área de linguagens, o qual pede ao alunado: “considerar a linguagem e suas manifestações como fontes de legitimação de condutas sociais [...] como forma de expressão de sentidos, emoções e experiências do ser humano na vida social”. Assim, percebendo as diferentes condutas e contextos sociais, o aluno perceberá a importância de respeitar o uso da linguagem, seja no sentido informal, formal, ou ainda, na mescla das duas, conforme a canção apresentada.

A segunda questão a ser analisada, corresponde no caderno do Enem ao número 31 e foi aplicada na edição de 2018 e foi extraída do site Enem/ Inep (2018, LC – 1º dia, caderno 2– Amarelo, p. 14):

**QUESTÃO 31**

**“Acuenda o Pajubá”: conheça o “dialeto secreto” utilizado por gays e travestis**

*Com origem no iorubá, linguagem foi adotada por travestis e ganhou a comunidade*

“Nhai, amapô! Não faça a loka e pague meu acuê, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!” Entendeu as palavras dessa frase? Se sim, é porque você manja alguma coisa de pajubá, o “dialeto secreto” dos gays e travestis.

Adepto do uso das expressões, mesmo nos ambientes mais formais, um advogado afirma: “É claro que eu não vou falar durante uma audiência ou numa reunião, mas na firma, com meus colegas de trabalho, eu falo de ‘acuê’ o tempo inteiro”, brinca. “A gente tem que ter cuidado de falar outras palavras porque hoje o pessoal já entende, né? Tá na internet, tem até dicionário...”, comenta.

O dicionário a que ele se refere é o *Aurélia*, a *dicionária da língua afiada*, lançado no ano de 2006 e escrito pelo jornalista Angelo Vip e por Fred Libi. Na obra, há mais de 1 300 verbetes revelando o significado das palavras do pajubá.

Não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas sabe-se que há claramente uma relação entre o pajubá e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial.

Disponível em: [www.msclimax.com.br](http://www.msclimax.com.br). Acesso em: 4 abr. 2017 (adaptado).

Da perspectiva do usuário, o pajubá ganha *status* de dialeto, caracterizando-se como elemento de patrimônio linguístico, especialmente por

- A ter mais de mil palavras conhecidas.
- B ter palavras diferentes de uma linguagem secreta.
- C ser consolidado por objetos formais de registro.
- D ser utilizado por advogados em situações formais.
- E ser comum em conversas no ambiente de trabalho.

Imagem 4: Questão da prova do Enem de 2018.

Trazendo à tona, não somente para os vestibulandos como também à sociedade como um todo, o objetivo dessa questão era evidenciar a existência de um dialeto pertencente à comunidade LGBTQ+, que por ser um tipo de linguagem relacionada a um grupo marginalizado socialmente e ir além do padrão normativo, também é alvo de preconceito linguístico e social.

Ao observar o texto base da questão, notam-se algumas expressões típicas do dialeto Pajubá, como “ amapô”, “picumã” e “acuê”, além de algumas gírias como “ Nhai” e “loka”.É interessante notar que, apesar de ser pertencente ao Pajubá, a expressão “loka”, é frequentemente uti-

lizada não só pela comunidade LGBTQ+, como também por mulheres não pertencentes a esse grupo, mostrando dessa forma, como o fator do sexo é importante dentro do estudo da variação social.

A proposição dessa questão era fazer com que o estudante interpretasse o texto sobre o Pajubá e refletisse sobre os aspectos que o tornam um dialeto e o faz ser um elemento de patrimônio linguístico. A importância e o induzir à reflexão da questão estão ligados, diretamente, a uma das competências e habilidades existentes no tópico “contextualização sociocultural” dos PCNs de Língua Portuguesa no Ensino Médio (2000, p. 14), o qual diz que é necessário: “respeitar e preservar as manifestações utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização [...]”. Dessa forma, a questão é relevante, pois promove a conscientização perante um dialeto e um grupo, estigmatizados socialmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o advento da Sociolinguística, aspectos da língua tais como as variações linguísticas, ganharam um lugar de destaque, nos estudos acadêmicos, visto que, anteriormente, o estudo da língua era pautado na explicitação da normatividade padrão, que dialogava com a modalidade de português (europeu) e que pouco se parecia com a língua falada pelos brasileiros. Tal estudo, era voltado para os mitos de unidade, homogeneidade e superioridade linguísticas; o primeiro, durante muitas décadas foi concebido como uma “verdade universal” por diversos linguistas tais como Serafim da Silva Neto; o segundo era inerente às línguas indígenas e africanas, consideradas como inferiores à língua portuguesa..

Hoje, o português falado no Brasil pauta-se na heterogeneidade, pois segundo Costa (2018) “o português brasileiro apresenta um alto grau de variabilidade e de diversidade devido à grande extensão territorial e às grandes diferenças de status socioeconômico”. Tal afirmação, de certa forma, é corroborada por Bagno (1999, p. 16), que já havia sinalizado essa questão quando a relaciona com o fenômeno do preconceito linguístico, ao dizer que: “São essas graves diferenças de status social

que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo lingüístico com os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro”. Logo, com o reconhecimento desses fatores e graças aos estudos sociolinguísticos, há o reconhecimento do português brasileiro como uma variante da língua portuguesa.

Dessa forma, atualmente, o português brasileiro é amplamente discutido nos cursos de graduação em Letras e de formação de professores, como também em aulas de língua portuguesa para falantes não nativos, pois há uma semelhança entre ele e as variantes existentes em outros idiomas, como o francês e o italiano, graças as suas origens latinas, fato que motiva a receptividade dessa variante, de forma positiva na atualidade, em contraponto com o que era visto anteriormente.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T. M. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ARAGÃO, M. S. S. Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil. In: *Revista Graphos*. João Pessoa, Vol. 12, N. 2, Dez/2010. Disponível em: <https://www.google.com/search?q>. Acesso em 14 dez. 2019.
- BAGNO, M. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação. ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. Disponível em: << <https://enem.inep.gov.br/>>>. Acesso em 14. dez. 2019.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais- Língua-gens, Códigos e suas Tecnologias*, Brasília: MEC, 2000. Disponível em: << <https://enem.inep.gov.br/>>>. Acesso em 14. dez. 2019.
- BRIGHT, W. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. S. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística: parte 2. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

COSTA, L. S. F. *Variação linguística do português brasileiro: sociolinguística, variação e teoria*. In: << [https:// glotopolitica.com/ 2018/07/20/ variação- linguística- do-portugues brasileiro- sociolinguística-variação- e- teoria/>>. Acesso em 14. dez. 2019.](https://glotopolitica.com/2018/07/20/variação-linguística-do-portugues-brasileiro-sociolinguística-variação-e-teoria/)

FRANÇA, A. I. *A linguística no século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem*. São Paulo: Contexto, 2016.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

ILARI, R; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCHE, J. C. *Fundamentos de metodologia científica*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: 69-94, p. 60, abr./set. 1978.

TARALLO, F. *A pesquisa sócio-linguística*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

## OS METAPLASMOS NA FALA DE IDOSOS DE SANTA MARIA DO PARÁ

Dina Sodré de Lima  
Thais Ramos da Costa

### INTRODUÇÃO

O processo de linguagem é inerente ao ser humano devido à necessidade de efetivar comunicação com seus semelhantes. Uma das maneiras para concretizar a comunicação ocorre por meio da fala, a qual, por sua vez, é a realização da língua. Saussure resume a língua a um sistema de signos, permeado de processos históricos que influenciam suas transformações, tanto que, a língua evolui em diferentes épocas e sociedades.

Para Faraco (2005), a língua é um mecanismo vivo e, por isso, está sempre a evoluir. As mudanças adentram nesse sistema por meio da fala, já que a escrita é mais conservadora e, também, porque o homem, ao falar de forma involuntária, permite a ocorrência de alterações na pronúncia das palavras. Assim, o indivíduo contribui para tal fato, sem ao menos ter consciência, uma vez que, como afirma o autor, o ser humano fala de acordo com as particularidades da sociedade em que vive.

Nesse sentido, o português por ser uma língua, também, passou e passa por constantes transformações que surgem a partir do âmbito sincrônico, cuja somatória resulta na evolução diacrônica, como tal afirma Faraco (2005). O autor, também, ressalta que as mudanças ocorrem de forma lenta, ao ponto de viabilizar a coexistência de duas maneiras de pronunciar uma dada palavra até que uma sobressaia à outra.

Uma língua sofre vários tipos de modificações dentre os quais, os de cunho fonético e fonológico. Os metaplasmos, foco do estudo

realizado, podem ocorrer na fala e serem reproduzidos na escrita, entretanto, no estudo foi contemplada a ocorrência desse fenômeno, apenas na fala, haja vista que as mudanças adentram com mais facilidade em uma língua por meio dela.

Partindo do pressuposto de que os metaplasmos são transformações fonéticas, o estudo abordou os metaplasmos mais frequentes nos falares dos idosos de Santa Maria do Pará. O interesse pela temática surgiu durante o desenvolvimento da disciplina “Português Diacrônico”, que proporcionou a compreensão sobre a evolução da Língua Portuguesa por meio dos metaplasmos, fazendo surgir questionamentos sobre as mudanças metaplásticas mais frequentes nos falares dos idosos, residentes na cidade de Santa Maria do Pará.

A partir da curiosidade em estudar o falar peculiar dos idosos dessa localidade, o estudo objetivou a análise das causas da frequência dos metaplasmos nos falares dos idosos santamarienses e, para tal, com o apoio das narrativas dos idosos, os metaplasmos foram identificados e selecionados, bem como foi classificada a frequência deles.

A relevância do estudo incide no resgate de uma herança linguística, ou seja, uma linguagem arcaica contida nas falas desses idosos. Nessa perspectiva, o desenvolvimento do estudo justificou-se pela relevância social e científica, pois possibilitará a compreensão das influências dos aspectos extralinguísticos sobre os aspectos intralinguísticos, ou seja, das transformações fonéticas fonológicas sofridas pelas palavras, que modificam as estruturas e as pronúncias. Além disso, o estudo faz-se importante, pela ausência de estudos sobre a temática envolvendo os falares dos habitantes do município, como também seus resultados poderão contribuir para novos estudos na região.

Assim, os resultados do estudo poderão servir como suporte para os professores de Língua Portuguesa do ensino regular, cujos alunos possuem o perfil de indagadores, observadores e, muitas vezes, críticos com relação às diferentes pronúncias que uma palavra pode apresentar e, também pelo fato de não conhecerem a origem da maioria dessas palavras, acabam por considerá-las “erradas”, sem saber que antes, a pronúncia delas era de tal forma. Desse modo, esse estudo poderá ampliar

o conhecimento dos docentes e, no momento em que vivenciarem situações que abordem a temática em pauta, possam orientar os alunos de forma mais adequada, fomentando discussões sobre as influências do contexto social na fala do indivíduo, bem como as oriundas dos fatores pertinentes a idade, escolaridade, sexo etc., os quais são fundamentais para explicar o porquê das falas diversificadas, confirmando o que afirma Cezário e Votre (2009), sobre o fato de que a língua, no campo da sociolinguística, não pode ser estudada de forma autônoma, mas entrelaçada ao seu contexto de produção.

O artigo, além da introdução e considerações finais, está esquematizado em quatro seções. A primeira, sob o título de Percurso histórico da Língua Portuguesa, aborda a origem da Língua Portuguesa, desde o Latim até sua implantação no Brasil; a segunda seção discorre sobre os metaplasmos enquanto modificações fonéticas da língua portuguesa, abordando questões sobre Fonética e Fonologia, Leis Fonéticas e, metaplasmos; na terceira seção apresenta o percurso metodológico do estudo, e na quarta seção estão inseridos os resultados e sua análise.

## 1. PERCURSO HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A língua, também, pode fazer referência ao idioma utilizado por um povo para que haja comunicação entre si. A formação das diversas línguas existentes no mundo é explicada por várias vertentes, que consideram diversos contextos. Uma delas é encontrada no âmbito religioso, presente na Bíblia (Gênesis, 11:1-9): os humanos, em busca de chegar ao céu, decidiram construir uma torre conhecida por Torre de Babel, Deus desce para ver a torre e, como forma de punição, faz surgir uma diversidade de línguas, causando um desentendimento entre eles, pois um não entendia a linguagem do outro e a construção da torre não seria executada.

O Latim surgido na região do Lácio, em meados do século VII a.C., é uma língua que muito contribuiu para a formação de várias línguas, a exemplo, a língua portuguesa (LP), cuja formação esteve muito

interligada com os fatos históricos acontecidos na Península Ibérica. O Latim, inicialmente, era falado pelos pastores e agricultores da região, mas foi levado para outras regiões até tornar-se a língua nacional do Império Romano e, mais tarde, tornar-se língua oficial em alguns países.

O Latim era dividido em clássico (Urbanus) falado pela elite e utilizado na escrita literária, sendo caracterizada pela boa elaboração, enquanto que o latim vulgar (Vulgaris) era utilizado pelas pessoas menos escolarizadas e pelos soldados. Este último, por ser uma língua oral, era mais suscetível a sofrer mudanças oriundas dos fatores extralinguísticos como delimitação geográfica, influências estrangeiras e nível cultural dos falantes, ficando, assim, com características distantes do latim clássico.

O Latim “como uma língua viva estava sujeita a constantes modificações” (WILLIAMS, 1961, p. 15) e, dessa forma, a modalidade Vulgar, também, sofreu transformações no decorrer de sua história, pois era imposto pelos soldados romanos aos povos vencidos, durante as conquistas de terras, e entrava em contato com outras línguas. Foi assim que ele deu origem à Língua Portuguesa.

À medida que o Latim entrou em contato com outros dialetos surge o galego-português, que, também, teve contato com outros dialetos resultando nas diferenças do português e do galego. Com a Independência de Portugal, a língua portuguesa passou a ser a língua oficial do país; enquanto o galego, o da Galiza. Williams (1961), afirma que os primeiros documentos escritos em português surgiram a partir do final do século XII e início do século XIII, marcando o início do português arcaico, sendo a *Notícia de Torto e o Testamento de D. Afonso II* os documentos mais antigos escritos na língua.

Segundo Teyssier (2001), os portugueses começam suas navegações marítimas no século XIV e à medida que os anos passam, a grande potência (Portugal) descobre novos territórios, tanto que no final do século XV, Vasco da Gama chega à Índia e, logo depois, Pedro Alvares Cabral chega ao Brasil “por engano”.

Desse modo, é possível afirmar que a língua portuguesa chegou aos outros continentes por meio das navegações marítimas e foi imposta pela colonização portuguesa pela ambição de domínio territorial. Assim,

a língua assume a condição de instrumento de poder, pois é por meio dela que Portugal consegue impor seu domínio. Segundo Cunha e Cintra (2008), a língua portuguesa é considerada a língua oficial nos seguintes países: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, e Timor Leste.

Segundo Teyssier (2001), Pedro Álvares Cabral chega ao litoral brasileiro em 1500, entretanto a colonização desse território só inicia de fato em 1532. É importante salientar que nesse período, os habitantes que povoavam a colônia eram os índios, que falavam várias línguas indígenas, com destaque para a tupi, considerada na época como a língua geral.

É válido ressaltar que no decorrer da colonização, os portugueses, o índio e o negro (este último trazido para o Brasil como mão de obra escrava) foram fundamentais para a formação da população brasileira e contribuíram para a formação de uma língua portuguesa com aspectos linguísticos diferenciados do português europeu.

Para Meillet (1926, p. 17 *apud* FARACO 2005, p. 65), a língua, por ser uma instituição social pode sofrer mudanças linguísticas que são acarretadas por meio de mudanças sociais, ou seja, as transformações em uma língua são acompanhadas pelas mudanças de uma sociedade. Isto torna evidente que no trajeto histórico da língua portuguesa, em diferentes épocas e sociedades, ela sofreu transformações como qualquer outro ser vivo.

Uma dessas transformações pelas quais a língua passou e ainda passa é a fonética, ocorrida por meio dos metaplasmos, com resultados que permanecem estáticos na fala por certo tempo, mudando de acordo com as necessidades linguísticas dos falantes.

## 2. METAPLASMOS: MODIFICAÇÕES FONÉTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

A linguagem é tão antiga quanto a língua, sendo esta última o objeto de estudo da Linguística, ciência que investiga, cientificamente, o funcionamento da linguagem verbal humana e surge a partir do momento em que o homem busca refletir sobre o surgimento e funcionamento da

linguagem. Ferdinand Saussure, considerado o precursor da Linguística, define a linguagem como algo individual (fala) e social (língua), ou seja, a fala é caracterizada como individual por ser algo próprio de cada pessoa, enquanto a língua é considerada social por ser um conjunto de signos formados pela junção do significante e do significado, ou seja, da imagem acústica e do sentido e utilizados por falantes de um determinado idioma, sendo o significante uma imagem acústica psíquica e o significado uma representação, logo, são inseparáveis, tanto que, ao pronunciar a palavra “mar”, automaticamente, o indivíduo projeta em sua mente uma imagem acústica e, em seguida, traz um conceito que possui sobre mar.

A linguagem é a maneira utilizada pelo indivíduo para expressar e compreender informações por meio do sistema de signos, sendo considerada por Saussure como “multiforme e heteróclita”<sup>37</sup>, capaz de ser manifestada em diferentes línguas e podendo ser reinventada segundo à realidade do indivíduo, haja vista que a língua e a fala se complementam para realização da linguagem.

Cabe salientar, que segundo Faraco (2005), a fala é importante para a evolução da língua, pois é momentânea e individual, ou seja, o indivíduo pode estar sempre inovando nas formas de expressão de acordo com as suas necessidades.

Ferdinand Saussure, dessa maneira, voltou seus estudos para um instrumento linguístico interno, separando a língua dos fatores externos, considerando-a como autônoma e homogênea. Mas, com o aprimoramento dos estudos sobre a língua, ficou patente que ela, por ser o instrumento da comunicação humana, sofre constantes transformações, estando longe de ser algo pronto e acabado. A partir disto, nasce a Sociolinguística com o objetivo de estudar o que Saussure “deixou de lado”, a fala.

A Sociolinguística, ciência surgida na década de 60, nos Estados Unidos, sob a tutela principal de William Labov, é a vertente linguística que se preocupa com o uso real da língua e com a relação entre a

---

<sup>37</sup> Multiforme e heteróclita – pela abrangência de vários domínios: físico, fisiológico, psíquico além do domínio individual e social.

estrutura linguística e os fatores que influenciam a fala, tais como os sociais e culturais. Naturalmente, considera a língua como um fator social, histórico e cultural, de caráter heterogêneo, cujo estudo requer considerar o seu contexto de produção.

Antes de Labov, no início do século XX, destaca-se o francês Meillet que definia a língua como um *fato social*. Coelho (2010) ressalta que esse estudioso afirmava que a variação ocorre devido mudanças na sociedade, ou seja, para ele a variação linguística estava interligada a fatores sociais. Enquanto Saussure deixou de lado os fatores internos e externos da língua, Meillet associou tais fatores para explicar as mudanças sociais na língua.

Segundo Cesário e Votre (2009), as mudanças ocorridas na fala são os objetos de estudo dos linguistas envolvidos com esses fenômenos, para explicitar a ocorrência da fala em determinada comunidade e quais fatores linguísticos e extralinguísticos a influenciam. Portanto, a Sociolinguística analisa a língua no seu uso real, como de fato ela funciona e não como deveria ser.

Coelho (2010) destaca que Labov critica as abordagens estruturalista e gerativista, pelo fato de deixarem à margem dos estudos linguísticos os elementos externos da língua, para tanto, o teórico trabalha a estrutura e a evolução da linguagem dentro do contexto social de fala. Com tal perspectiva, é possível afirmar que a corrente sociolinguística preocupa-se com a relação entre língua e sociedade, que segundo ele não podem ser estudadas separadamente, descrevendo e analisando diferentes falas produzidas por diferentes indivíduos, em diversas situações de usos, considerando faixa etária, sexo, origem, escolaridade, classe econômica etc.

Labov caracterizou, segundo suas ideias sociolinguísticas, a língua como instrumento social, considerando as mudanças linguísticas nos atos comunicativos, pois, independente do contexto em que o indivíduo está inserido, o mesmo utilizará mecanismos linguísticos diferentes para se expressar.

A Fonética e a Fonologia são ciências relacionadas, que se completam por ter o mesmo objeto de estudo, o fonema. Analisam o objeto

de estudo de diferentes ângulos, ou seja, a Fonética preocupa-se com a realização do som na fala e a Fonologia com a função do fonema na língua.

Sabendo que a língua está em constante evolução e que essas mudanças estão sujeitas a acontecer em qualquer parte da estrutura da língua destacando-se, principalmente, os aspectos fonéticos e fonológicos Faraco (2005), em seus estudos na linguística histórica, difere a mudança fonética da fonológica afirmando que:

[...] a mudança fonética – que, em princípio, consiste apenas numa alteração da pronúncia de certos segmentos em determinados ambientes da palavra – da mudança fonológica – que envolve alterações, por exemplo, no número de unidades sonoras distintivas (os chamados *fonemas*) e, portanto, no sistema de relações entre essas unidades. (FARACO, 2005, p. 36)

Dessa maneira, ao compreender a diferença entre mudança fonética e fonológica e conceber a língua como um organismo vivo, constata-se a evolução da língua ao longo do tempo e no espaço, sofrendo transformações ocorridas de forma natural e lenta, de modo que, em um mesmo período coexistem diferentes maneiras de falar, caracterizando o processo de variação em um contexto geográfico, cultural e socioeconômico, em que o falante se encontra inserido. Como qualquer outra língua, o português sofreu e sofre transformações, tanto que, ao analisar a evolução da língua durante o período histórico do latim até o português, são notadas transformações e quedas de fonemas, fenômenos que, segundo Coutinho (2011), são estudados pela Fonética Histórica.

Ao atentar para as modificações frequentes ocorridas nos vocábulos, percebe-se que as mesmas acontecem com vinculação a determinado espaço e circunstância e são ocasionadas devido a precariedade de conhecimento sobre a língua, o que resulta na imperfeição de escutar e reproduzir, fielmente, os sons ouvidos. Segundo Coutinho (2011), as modificações fonéticas ocorrem individualmente, porém se generaliza por meio da coletividade, considerando determinado tempo e espaço e nas mesmas condições sociais, biológicas e climáticas.

A evolução das palavras portuguesas é regida por três leis fonéticas: a Lei do Menor Esforço ou da Economia Fisiológica (tendência de simplificar, reduzir e facilitar aos órgãos fonadores a pronúncia dos vocábulos); a Lei da Permanência da Consoante Inicial (a evolução das consoantes está relacionada à posição ocupadas por elas nas palavras) e a Lei da Persistência da Tônica (as palavras derivadas do latim, conservam a mesma acentuação tônica).

A língua portuguesa, desde sua origem, tem sofrido inúmeras mudanças fonéticas que contribuíram para sua estruturação atual, e que ainda está ocorrendo frequentemente na fala despretensiosa. Tais mudanças recebem o nome de metaplasmos, os quais para Coutinho (2011), são modificações fonéticas que as palavras sofrem durante o processo de evolução de uma língua, e que ajuda a compreender a etimologia de muitas palavras.

É necessário destacar que as modificações podem ser manifestadas de quatro maneiras, ocasionadas pela troca, acréscimo, supressão e ainda transposição de fonemas ou de acento tônico. De acordo com Coutinho (2011), os metaplasmos se dividem em: metaplasmos por aumento, por subtração, por transposição e por fim, permuta. É válido ressaltar que nesse trabalho foram trabalhados somente os metaplasmos por subtração e por permuta.

Os metaplasmos por subtração, também conhecido por metaplasmos por supressão é caracterizado pela queda de fonemas do vocábulo, independentemente, da posição que ocupam na palavra. Pertencem a esta modalidade:

<b>METAPLASMOS POR SUBTRAÇÃO</b>		
<b>Aférese</b>	queda do fonema no início da palavra.	episcopu > bispo, acumen > gume, inamorar > namorar.
<b>Síncope</b>	queda do fonema no interior da palavra.	malu > mau, mediu > meio, manica > manga.
<b>Apócope</b>	queda do fonema no final da palavra.	amat > ama, legale > legal, mense > mês.
<b>Crase:</b>	nome dado a fusão de dois fonemas vocálicos iguais numa só vogal.	pee (arc.) (< pede) > pé, door (arc.) (< dolore) > dor, coor (arc.) (< colore) > cor
<b>Sinalefa ou elisão</b>	Fusão vocálica, em que duas emissões se confundem em uma só	de+intro > dentro, de+ex+de > desde, de+aquele > daquele
<b>Haplologia.</b>	supressão da primeira de duas sílabas sucessivas iniciadas pela mesma consoante no interior de uma palavra	bondadoso > bondoso, tagicocomédia > tragicomédia idololatria > idolatria, formicicida > formicida

Fonte: As autoras

Há um caso especial de aférese denominado de deglutição que para Leite de Vasconcelos (1926 *apud* Coutinho 2011) é a queda das vogais iniciais *a* e *o* no vocábulo para evitar confusão com o artigo definido. Como exemplo, temos: apotheca > abodega > bodega, horologiu > relógio, abbatina > batina. Outro exemplo de deglutição é a queda do *d* na sílaba inicial, por se confundir com a preposição: dalmática > almática, Dornelas > Ornelas.-

Os metaplasmos por permuta também conhecidos por transformação, consistem na troca ou substituição de um fonema. São eles:

<b>METAPLASMOS POR PERMUTA</b>		
<b>Sonorização</b>	transformação de uma consoante surda em posição intervocálica à sua homorgânica sonora.	lupu > lobo, cito > cedo
<b>Vocalização</b>	mudança de uma consoante para uma vogal	factu > feito, nocte > noite
<b>Consonantização</b>	transformação de um fonema vocálico em uma consoante - ocorre com as semivogais i e u que passam a ser as consoantes j e v.	iesus > jesus, iam > já
<b>Assimilação</b> - conversão de um fonema em outro idêntico ou semelhante resultado da influência que um exerce sobre o outro.	Assimilação total - fonema assimilado é igual ao assimilador.	persona > pessoa
	Assimilação parcial - fonema assimilado é semelhante ao assimilador.	lacte > leite > leite
	Assimilação progressiva - fonema assimilador vem antes do assimilado.	nostro > nosso
	Assimilação regressiva - assimilador ser encontra depois do fonema assimilado.	ipsa > essa
<b>Dissimilação</b> - diferenciação ou queda de um fonema por haver outro idêntico ou semelhante.	Por vocalização - o fonema dissimilado é uma vogal	Locale > lugar
	Por consonantização - fonema dissimilado é uma consoante	Liliu > lírio
	A progressiva - dissimilador vem antes do dissimilado	temoroso > temeroso, raro > ralo,
	A regressiva dissimilado vem antes do dissimilador	memorare > lembrar > lembrar
<b>Nasalização</b>	modificação de um fonema oral em um nasal.	bonu > bom

<b>METAPLASMOS POR PERMUTA</b>		
<b>Desnasalização</b>	alteração de um fonema antes nasal em um oral.	luna > lũa > lua.
<b>Apofonia</b>	a transformação de timbre de uma vogal em posição inicial devido a influência de um prefixo.	sub + jactus > subjectu > sujeito
<b>Metafonia.</b>	mudança de timbre de uma vogal. Isto ocorre por influência de uma vogal ou semivogal, esta última é a mais fácil de ocorrer	debita > dívida.

Fonte: As autoras

Coutinho (2011) não trabalha em seu livro *Gramática Histórica* os metaplasmos de palatalização, despalatização, ditongação, monotongação e assibilação que ainda pertencem ao processo de transformação, apesar de ao discorrer sobre a evolução fonética do latim para o português especificar essas mudanças. Assim, com o intuito de deixar este trabalho mais completo eis os processos citados.

<b>METAPLASMOS POR PERMUTA</b>		
<b>Palatalização</b>	mudança de um fonema para uma palatal.	seniore > senhor
<b>Despalatização</b>	queda de fonemas palatais nh ou lh	família > fámia
<b>Ditongação</b>	modificação de uma vogal ou hiato em ditongo	. arena > area > areia
<b>Monotongação</b>	transformação ou redução de um ditongo em vogal.	auricula > orelha
<b>Assibilação</b>	conversão de um ou mais fonemas em uma sibilante.	capitia > cabeça

Fonte: As autoras

Além desses metaplasmos, há ainda outros dois, que ocorrem com bastante frequência na fala, denominados de rotacismo e lambdacismo. O primeiro consiste na troca do fonema l pelo r, e o segundo acontece o contrário, ou seja, a troca do r pelo l.

A partir desse percurso sobre a história da língua portuguesa e sua evolução fonética por meio dos metaplasmos, percebeu-se que essas transformações continuam presentes na língua portuguesa, haja vista que os indivíduos de maneira inconscientes permitem que esses fenômenos fonéticos ocorram em suas falas. Mediante a este fator, a próxima seção descreve a metodologia utilizada para a execução da pesquisa e análise dos dados coletados.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta seção aborda sobre os princípios metodológicos para a realização desta pesquisa, considerando o que afirma Faraco (2005): o indivíduo atrelado a um contexto sociocultural tende a mudar a forma de falar, buscando uma maneira mais simplificada e, com isso, contribuindo de modo inconsciente para as mudanças linguísticas.

O estudo utilizou a abordagem qualitativa, que segundo Will Ludwig (2014: 7) “[...] leva em conta a junção entre sujeito e objeto e busca fazer uma exposição e elucidação dos significados que as pessoas atribuem a determinados eventos”. Caracteriza-se como uma pesquisa de campo norteadas por objetivos de caráter descritivo, que de acordo com Gil (2002) se desenvolve a partir da descrição das características de uma população ou fenômeno.

O *lôcus* da pesquisa foi a cidade de Santa Maria do Pará, que possui quase 58 anos de emancipação, fundada em 29 de Dezembro de 1961. A preferência pelo município foi motivada pela ausência de estudos sobre essa temática na localidade.

A história da fundação da cidade envolve os índios Tembés (primeiros a se instalarem na cidade, no início do século XIX) e os nordestinos, que segundo Braga (2001), vieram para esse território, respectivamente, fugindo de tribos inimigas e da seca. À medida que os

anos iam se passando, cada vez mais chegavam nordestinos para tentar uma vida nova em Santa Maria, os quais passaram a ter uma grande atuação no território perdurando até os dias atuais. Conforme Braga, esse fato fez com que:

A região tomou ares tipicamente nordestinos, no falar, no agir e na gastronomia, como se fossemos microcosmos do nordeste brasileiro. Assim, temos duas culturas que conviveram plenamente, mas não tiveram proporcionalmente o mesmo papel na formação do povo santamariense. O povo Tembê ficou nas adjacências, sobrevivendo dentro da cultura sobrepujante. (BRAGA, 2001, p. 20)

Os sujeitos escolhidos para assumirem a posição de narradores foram pessoas residentes em Santa Maria, inclusos na faixa etária igual ou superior a 60 anos, considerados pela Política Nacional dos Idosos, Lei nº 8. 842, artigo 2º de 4 de janeiro de 1994, como pessoas idosas. A posição de narrador implica no fato desses anciãos narrarem suas experiências pessoais durante a coleta de dados. Foram selecionados dez idosos, sendo seis mulheres e quatro homens, nascidos, criados ou residentes na cidade em questão; alguns semi-analfabetos, outros possuidores do ensino fundamental incompleto e poucos com os estudos concluídos. É importante ressaltar que a maioria dos idosos selecionados mora no bairro Centro, em ruas diferentes e, até mesmo, distantes. Uns habitam o lado direito da cidade e outros, o esquerdo. Um idoso vive, desde a sua infância, na zona rural, não tão afastada da cidade.

A escolha por esse público ocorreu devido a convivência com pessoas dessa faixa-etária ter evidenciado o fato de muitos possuírem em suas falas um “português arcaico” coexistindo com o português contemporâneo e, diferenciando-se da fala de outras faixa-etárias.

A seguir apresenta-se o quadro com informações acerca dos narradores, destacando-se o sexo, idade, escolaridade e nível econômico.

Quadro 1 – Narradores

Narradores	Sexo	Idade	Escolaridade
Narrador 1	F	83 anos	E. Fundamental Incompleto
Narrador 2	F	69 anos	Analfabeto
Narrador 3	F	79 anos	E. Fundamental Incompleto
Narrador 4	F	78 anos	E. Fundamental Incompleto
Narrador 5	M	81 anos	Analfabeto Funcional
Narrador 6	M	84 anos	Analfabeto Funcional
Narrador 7	F	74 anos	Ensino Médio Completo
Narrador 8	F	80 anos	Ensino Médio Completo
Narrador 9	M	81 anos	Ensino Médio Completo
Narrador 10	M	63 anos	Ensino Médio Completo

Fonte: Elaboração das Autoras (2019)

Para a coleta de dados foi utilizada a técnica da entrevista, a qual segundo Lakatos e Marconi (2003:195) “é o encontro de duas pessoas, afim de que uma delas obter informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.” Foi utilizado o método de entrevista sociolinguístico proposto por Tarallo (1990), o qual visa amenizar a influência da presença do pesquisador e do próprio gravador em prol de uma coleta da fala mais natural dos entrevistados. Para neutralizar essa interferência buscou-se, de acordo com a proposição do autor, demonstrar interesse pela história de vida dos narradores e do lugar em que vivem e para foi elaborado um roteiro composto de perguntas sobre o processo de formação da cidade em que vivem a infância, brincadeiras e a comparação da segurança da época com a atual, com intuito de conduzir a conversa e, ao mesmo tempo, provocar o envolvimento deles na narrativa de experiência pessoal, que segundo Tarallo (1990), faz com que o narrador não se preocupe como está falando, e sim o que estão falando. Também foi realizada observação participante para complementar o objetivo das entrevistas, a observação participante, pois, de acordo com Minayo (2002), o pesquisador deve dispor de toda uma técnica para se inserir no campo, como a simpatia, o envolvimento com os observados para que sua presença seja aceita.

A coleta de dados foi realizada nos dias 04, 05, 06, 07 e 26 de setembro de 2019, com áudios variando entre 6 a 44 minutos. Para coletar as falas foi utilizado um celular (Motorola) que possui um gravador de voz na versão 2.76.

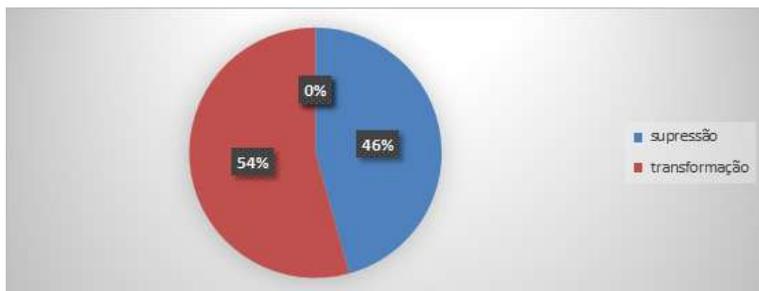
Após as gravações, foram realizadas as transcrições das entrevistas a fim de encontrar as transformações fonéticas nas falas dos narradores. Os metaplasmos identificados foram analisados separadamente e, depois, organizados por categoria e tipos de evolução. Em seguida, foi feita a contagem de evoluções presentes no *corpus* e, finalmente, foi a análise.

Cabe ressaltar que todos consentiram a gravação da entrevista em razão de, no início, as pesquisadoras terem comunicado que a gravação seria, apenas, para transcrever os dados disponibilizados por esses narradores. Esse fato ocorreu, porque essas pessoas não poderiam saber que o objetivo era a coleta das suas falas, pois, isso alteraria na coleta de dados.

#### 4. RESULTADOS E ANÁLISE

Com a coleta de dados foram encontrados os quatros tipos de metaplasmos, ou seja, de acréscimo, supressão, transposição e transformação. Entretanto, os de maior ocorrência foram os metaplasmos por supressão e transformação.

**Gráfico 1** – Metaplasmos por supressão e transformação na fala dos Idosos de Santa Maria - Pará



Fonte: Elaboração das autoras (2019)

Mediante os resultados acima, é possível afirmar que os narradores da região em estudo, possuem a tendência ao uso de metaplasmos por transformação, com um total de 963 e 54% das ocorrências e, por conseguinte, o metaplasmo por supressão, com 811 casos e 46% de usos.

Após a verificação do resultado geral das frequências metaplásticas, foram destacados os dois processos mais frequentes e seus subtipos, conforme tabela a seguir:

**Tabela 1** – Subtipos de metaplasmos por transformação

Metaplasmos por Transformação	Total	Percentual
Sonorização	4	0,4%
Palatalização	12	1,2%
Rotacismo	4	0,4%
Assibilação	25	2,6%
Ditongação	145	15,1%
Monotongação	350	36,3%
Despalatalização	350	36,3%
Desnasalização	65	6,8%
Vocalização	3	0,3%
Assimilação	5	0,6%
<b>Total</b>	<b>963</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração das autoras (2019)

Na tabela acima, constata-se que os subtipos mais frequentes foram Monotongação e Despalatalização com o mesmo número de ocorrências, atentando-se, também, para a Ditongação que teve um número significativo de ocorrências seguidos pelos outros subtipos.

Para a monotongação foram verificados 350 casos, ocorridos a partir de alguns ditongos **ai**, **ei**, **ou**, **ia** e **io**. Foi um processo recorrente nas falas de todos os narradores processo este que, para ser realizado, seguiram-se algumas regras, as quais são citadas pelo teórico Marroquim (1934), numa retomada ao português arcaico:

**Ai:** a monotongação ocorre quando o ditongo está diante da palatal **x** ficando: “(...) *nessa qui tem aqui mais pra **baxu**, qui boji im dia é uma fazenda (...)*” (NARRADORA 1).

**Ei:** segundo Marroquim (1934), esse tipo de monotongação é muito comum entre o povo e as pessoas cultas. No *corpus*, observou-se que esse fenômeno ocorreu antes das consoantes **r, x, t e j**:

“(...) I eli tiranu **diêru**, tiranu **diêru**, tiranu **diêru**...mana, mi **dexô** naquela, queria qui tu vissi (...)” (NARRADORA 3)

“Eli era impregadu da **prefeitura**” (NARRADORA 6)

“(...) Pelu menu ninguém andava si **bejanu** nu mei di todú mundu, né. Tiã as hora, tiã u...u...u momentu qui dava, né. (...)” (NARRADOR 5)

O autor (*op. cit.*) afirma que esse processo é comum na fala de pessoas letradas, sendo que a mudança não ocorre, quando as pessoas monitoram o falar ou devido a educação prosódica que tiveram, sendo, assim, é uma retomada ao Português arcaico haja vista que fez parte da pronúncia regular de uma época.

**Ou:** a redução do ditongo decorreu ao estar em sílaba inicial, medial ou final; transformando-se em ô:

“(...)Mais era assim **mei**.. ali dentru tinha uns boqui, uns vendia... um qui nem u meu sogru, eli muía cana ali dentu, já ôtu vendia **rôpa**, ôtu vendia peixe, ôtu vendia mercaduria. (...)” (NARRADORA 1)

“(...) U cruzêru quem **levantô** foi u papai, di pau. Foi... Hamham... era di pau, ali foi u papai qui **levantô**, feizi a cruzi i **levantô**, **tirô** u pau num matu, era muita capuera qui tiã, agora não, ta tudu limpu.” (NARRADORA 2)

**Ia e Io:** a monotongação desses ditongos ocorreram, em geral, na posição átona final das palavras:

“É. Eu comecei votá aqui, qui aqui era **muni-  
cipu** di Igarapé-Açú. (...) Aí foi quandu eli  
chegô lá, a bicha tava atrepada, lá eli meteu  
chumbu nela. Meteu chumbu nela, aí ela caiu,  
caiu. Aí correu i.i..quandu foi nu ôtu dia, tava  
a **notiça**, tava a **notiça**.” (NARRADOR 5)

A despalatalização ocorreu na fala de todos os narradores, mesmo em idosos que concluíram seus estudos. Com a ressalva de que estes últimos cometem o metaplasmo em algumas palavras e em outras não, pressupondo-se que o estudo influenciou na fala de alguns:

“I a mamãe era doméstica mermu só im casa,  
cuidandu da **filha** dela, era dezoitu **filhu** num  
**tinha**... Ah meu Deus du céu (...)U transporti  
era trem nera, **véi**? Trem, naquela época era  
trem...” (NARRADORA 8).

Entretanto, o último narrador apesar de ter concluído seus estudos, apresentou em sua fala com frequência esse fenômeno linguístico, talvez por ser do sexo masculino e, também, pela espontaneidade de sua fala espontânea, já que estava muito envolvido com as informações que estava disponibilizando:

“Você durmia im qualqué rua dessa, muita  
vezes, você colocava um lençol na janela di sua  
casa pra evitá du friu a noiti, num **tiã** nada di  
ladrão. Ixistia ladrão di **galiã**, era assim num  
dia di sábado di aleluia, naquela época **tiã** um  
negóçu dum Judas, (...)” (NARRADOR 10).

Os narradores que não concluíram seus estudos cometeram esta transformação linguística com mais frequência, com a ressalva de que os casos de despalatalização ocorreram nas palavras diminutivas, comum nas narrações das idosas, e diante de qualquer vogal. Jota (1976 *apud* Aragão 1996) considera como fato estilístico, pois, não é raro de acontecer nos discursos de pessoas com estudo incompleto ou por morarem em áreas rurais e interioranas.

“(...) Eli é filhu du **Joãozim**, João Severu, i  
chamu eli di **Juãozim**, qui era João u pai i

Juão u filhu, né. Ai, chamuvu u Juão Severu i **Juãozim**.

Sim, nessi épuca a enegia, a genti ainda morei dois anu im Santa Maria, a enegia cê tava aqui... Aqueli **floquim** bem **apagadim** na lâmpada não clariava nem ali, parecia uma vela clariava mais, tudu atrasadu mesmu. (...)” (NARRADORA 1)

A ditongação ocorreu, em geral, com vogais seguidas de **s** e **z** final com o acréscimo do **i**.

“Nãum, um mininu vem durmi cumigu di **veiz** inquando, meu netu, é... quan nu é eli, é aqueli... aqueli lesu qui eu tô falandu pra vo... qui a mulhé deli **tá** pra Bragança pa tê filhu i vim pra cá, (...). Aí, cumu eu falei pra **vocêis**, naquela épuca qui **nóis** era muito humildi, **nóis** queimava era lenha, era ou num era, num sei tu, né. (...)” (NARRADORA 3)

É importante salientar que os narradores, assim como outros falantes de outras faixas etárias, não diferenciam o **mas** do **mais**, ocorrendo nessas falas uma só forma que é o **mais**. A ocorrência de outro processo de ditongação foi por meio da iotização, resultado da despalatalização, que de acordo com Jota (1976 *apud* Aragão 1996) foi um fenômeno que precedeu a palatalização durante a evolução do Latim ao Português. Desta forma, destaca-se que esse tipo de ditongação é uma herança linguística utilizada por esses falantes: “*Bem, depois di... eu trava... **trabatava** im roça também.*” (NARRADORA 2)

A desnasalização foi mais recorrente com a terminação **am** da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo transformando-se em **um**, realizado pela maioria dos narradores: “(...) *Aí us carborru **acuaru**, us carborru du caba **acuaru**.* (...)” (NARRADOR 5). Marroquim (1934) afirma que este fenômeno é uma persistência ao Português arcaico, pois há documentos do século XV, os quais registram verbos como “quisérom”, no entanto, no próximo século, muda para “quiséro”. Outro caso encontrado, incidiu no **em** final que se modifica

em **i**. Sendo fatos que insistem em ocorrer nas falas de pessoas com pouco estudo ou moradoras de cidades interioranas.

“As **visagi**. Não, eu só tenho dum irmão meu. (...) só qui meu irmão qui ficô mais atrasadu, aí quandu eli, (...) eli chegou mortu di cansadu, brancu, molhadu di **suó di corrê cu** medu di uma **visagi** (...) I u pessual, nessa época, falava muitu di **lobisomi, lobisomi** disqui é uma pessoa qui vira...si vira di bichu, né. (...) (NARRADORA 4)

A assibilação ocorreu devido a monotongação dos ditongos **io** e **ia** final precedidos da consoante **c**, que se modifica na sibilante ç. Esse fenômeno ocorreu, em sua maioria, nas falas dos narradores menos escolarizados, com exceção do Narrador 10, que apesar de ter concluído seus estudos, possui uma fala mais “descuidada”: “(...) Ixistia ladrão di galiã, era assim num dia di sábado di aleluia, naquela época tiã um **negóçu** dum Judas, (...). (NARRADOR 10)

**Tabela 2** – Subtipos de metaplasmos por supressão

Metaplasmo por Supressão	Total	Percentual
Aférese	50	6,1%
Elisão	65	8,1%
Haplologia	1	0,1%
Síncope	235	28,9%
Apócope	460	56,8%
<b>Total</b>	<b>811</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração das autoras (2019)

Na tabela 2, observou-se que os subtipos de metaplasmos por supressão mais recorrentes nas falas em estudo, foram a apócope e a síncope. Constatou-se ainda que a queda de fonemas iniciais (aférese) comparada à síncope e à apócope (quedas de fonemas mediais e finais respectivamente) possui um número de casos pouco significativo, podendo ser evocada, neste caso, a Lei da Permanência da Consoante Inicial;

pois, na maioria dos casos, houve a supressão de fonemas vocálicos, ocorrendo apenas duas mudanças em que foi suprimida a sílaba inicial **vo** da palavra **vo** e a consoante **v**, ficando **cê** e **ocê** respectivamente.

No exemplo a seguir, apresenta-se a supressão inicial de fonemas vocálicos “(...) **Inda** *hoji eu lembriu, né. (...) eu tiã uma colega lá nu... nu.. nu Taciateu, qui era muitu colega miã, a Maria **Maral** (...)*” (NARRADORA 3), resultando no processo de aférese.

A ocorrência da síncope foi comum na fala da maioria dos entrevistados, a queda do fonema “d” no gerúndio, como: “É trabalhava cum *elis, qué dizê, eu era minina gran... grandi assim já, mais... mais trabaiaava na agricultura **tiranu** malva, **panbanu** algudão, **panbanu** pimenta(...)*” (NARRADORA 1). Também é válido ressaltar na transcrição a seguir, a supressão do fonema “r” no interior de algumas palavras:

“(...)hoji é **bazin** aquele era butiquin, ai u pessoal ia pra lá bêbê, namora a noiti toda nu arraial(...)”, “(...) num tiã **soveti** naquela época era u raspa raspa, era uma ispéci di balcâu grandi assim cum pineu na frenti i dois atrás  
“(NARRADOR 10)

É muito comum acontecer esse tipo de ocorrência tanto na fala de pessoas escolarizadas quanto na de pessoas menos escolarizadas, devido o não policiamento no momento da pronúncia. A partir disso, é possível constatar a presença da Lei do Menor Esforço em que o indivíduo busca uma maneira mais “fácil” de pronunciar certas palavras.

A apócope ocorreu com frequência, incidindo na queda do rótico **r** da coda final: “(...) *Ai eli ia **trabalbá**, as vezj eli saía a noiti, inventava di **pescá** mais us amigus tudin, eu ficava sozinba lá mais u **Luzin** nera Neru? (...)*” (NARRADORA 8)”. Esse tipo de processo é muito comum na fala das pessoas que pertencem a região Norte, até mesmo de pessoas com o nível de escolaridade elevado, pois ocorre o apagamento do **r** nos verbos no infinitivo e em alguns substantivos como na fala de um dos entrevistados: “(...)refrescu num cunhicia **liquidificadô** era raladu isprimia nu **panu** pra fazê, ai tiã uma maquinhiã qui u gelu naquela época si comprava eli hoji

*si coloca nu isopô pra consevá (...)*” (NARRADOR 10) , podendo associar, também, à Lei do Menor Esforço.

Marroquim (1934) afirma que há teorias que buscaram explicar a queda do **r** final por influência tupi, já que estes não possuíam o l língual-palatal e, muito menos o **rr**. No entanto, o autor justifica a ocorrência desse fato pela Lei do Menor Esforço haja vista que o falante tem uma tendência a simplificar sua fala, sendo este fenômeno de supressão apenas mais um dos casos.

Outro fato importante é a queda do fonema **s** na marcação do plural de verbos: “(...) *Ai moremu nu Jiju primeru, ai vimbemu, fumu pru água docí, municípiu di São Miguel, ai depois fiquemu aqui, fumu prantadu aqui (...)*” (NARRADORA 7). É possível afirmar que apesar de essa narradora possuir ensino médio completo, ainda assim, realiza o processo metaplástico em sua fala, talvez pelo fato de estar atrelada a um contexto sociocultural que não tem a prática do uso da variante de prestígio e, também, por residir em uma cidade considerada interiorana.

Foram encontradas 65 ocorrências de elisão na fala dos entrevistados, mais precisamente, na fala das mulheres possuidoras de estudos de nível médio, que tendem a simplificar a pronúncia de algumas palavras para facilitá-las no momento de suas falas, como destaca o exemplo: “(...) *pegando água ali na tornêra ali nu mercado, nera? A genti ia pegá água(...)* (...) *Quem era já? Era u Zeca Gacia i João Gabriel, nera?(...)*” (NARRADORA 8).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos com o estudo sobre metaplasmos, compreende-se que as mudanças adentram na língua, primeiramente, pela fala perdurando por bom tempo até se tornarem estáveis em certa época e que a língua, por ser um mecanismo vivo e social, aceita novas mudanças conforme a necessidade do seu falante.

Os idosos por serem pessoas viventes de diferentes épocas, carregam consigo uma “bagagem” linguística, recebendo influências do

contexto histórico-social em suas falas, apresentando, muitas vezes, um Português arcaico coexistindo com a fala atual de outras faixas etárias.

Vale ressaltar que o trabalho não representa o todo da língua falada na cidade de Santa Maria do Pará, já que apresenta, apenas, uma amostra significativa dos falares de uma faixa-etária. Apesar disso, foi verificado que as transformações fonéticas mais frequentes foram os metaplasmos por transformação com 54% de ocorrências, sendo que os subtipos mais usados foram a despalatalização, monotongação e ditongação. Ficando em segundo o metaplasmo por supressão com 46%, no qual se sobressaíram os subtipos da apócope e da síncope.

Com relação ao gênero, foi identificado que mesmo tendo um menor número de entrevistados masculinos, estes se aproximaram da quantidade de fenômenos metaplásticos falados pelas mulheres, como também, independentemente do nível escolar, os narradores (homens) possuem uma fala mais descuidada se comparado com a das mulheres, as quais apresentam uma tendência de adequação a variante de prestígio, tanto que, só cometeram mais metaplasmos por serem o maior grupo em termos quantitativos.

Foi identificado que as frequências desses processos resultaram das três Leis Fonéticas, com destaque para a Lei do Menor Esforço, pois os narradores, muitas vezes, na fala espontânea, simplificam as palavras para facilitar sua comunicação e por uma economia fisiológica, incorrendo em mudanças fonéticas, as quais, em alguns casos retomam a linguagem arcaica. Outro fator de influência é o fato da cidade ser interiorana, pouco desenvolvida formada por povos nordestinos e indígenas, o que propicia a interferência do nível de escolaridade na oralidade do falante.

Portanto, as modificações fonéticas, ou seja, os metaplasmos tiveram importância significativa na evolução da Língua Portuguesa, considerando os processos diacrônicos e sincrônicos; possuem ainda relevância nas mudanças atuais, as quais devido a interferência dos fatores extralinguísticos como a escolaridade, gênero, nível econômico etc. no intralinguístico do indivíduo possui, geram, assim, novas variantes.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M. S. S. A Despalatalização e Consequente Iotização no Falar de Fortaleza. In: *XIV Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE*, 1996, Natal - RN. Disponível em: <https://profala.ufc.br/wp-content/uploads/2018/04/trabalho1.pdf>. Acesso em: 04 set. 2019.
- BÍBLIA. Gênesis. In: *Bíblia Sagrada*. Tradução: CNBB. São Paulo: Canção Nova, [21-?].
- BRAGA, L. S. *Histórico da Fundação de Santa Maria do Pará*. 1ª ed. Belém: Semin, 2001.
- BRASIL. Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994. *Política Nacional dos Idosos*. Brasília, 2010.
- CARVALHO, C. *Para Compreender Saussure*. 12ª edição. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CEZÁRIO, M. M; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, M. Ed. (Org). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- COELHO, I. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica: Uma Introdução ao Estudo da História das Línguas*. 2ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas S. A, 2002.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARROQUIM, M. A *Língua do Nordeste (Alagôas e Pernambuco)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- MINAYO, M. C. L. (Org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. 1990. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/Tarallo\(1990\)Apesquisasociolinguística](https://edisciplinas.usp.br/Tarallo(1990)Apesquisasociolinguística). Acesso em: 06 Julh. 2019.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WILL LUDWIG, A. C. Método de Pesquisa em Educação. *Educação em Revista*, Marília, v.15, n. 2, p. 7-32. Julh/dez, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18881>. Acesso em: 06 julh. 2019.

WILLIAMS, E. B. *Do Latim ao Português*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Prof. Dr. Ednalvo Apóstolo Campos**

Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2014), com estágio sanduiche na Universidade de Lisboa e Mestre em Filologia e Língua Portuguesa (2010), pela mesma Instituição. É Professor Adjunto da Universidade do Estado do Pará/Departamento de Língua e Literatura, atuando na graduação e no Programa de Pós-graduação PPGELL-Mestrado Profissional em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas.

### **Profa. Dra. Elisa Maria Pinheiro de Souza**

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Pará, membro do Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários, líder do Grupo de Pesquisa Linguagens e Tecnologias, membro do Conselho Editorial das Revistas “Ribanceira” e “Asas da Palavra, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas – Mestrado Profissional. Experiência na área de Letras, com ênfase em Língua, atuando principalmente, com os temas: educação, morfossintaxe, língua latina, diacronia da língua portuguesa, prática pedagógica, tecnologias digitais e educação a distância

### **Profa. Ms. Jaqueline de Andrade Reis**

Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (PPGL/UFGA). Mestre em Estudos Linguísticos pela UFGA. Integrante do projeto de pesquisa Aspectos Semânticos e Lexicais das variedades do Português falado em zonas rurais de municípios do nordeste do Pará, coordenado pela Dra. Elisa Maria Pinheiro de Souza da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

## Profa. Esp. Waldinett Nascimento Torres Pena

Graduada em Letras e Artes (UFPA 1978) e Especialista em Língua Portuguesa numa abordagem textual (UFPA- 2005), mestranda em Ciência da Educação pela Universidade de Columbia – Py, Participante do Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários – NELL e membro do Grupo de Pesquisa Linguagens e Tecnologias Professora substituta da Universidade do Estado do Pará em turmas de graduação e de especialização na interiorização da UEPA. Experiência na área de Letras, com ênfase em Letras Clássicas, ministrante das disciplinas Língua Latina, Língua Grega, Português Diacrônico; atuando também em Linguística, principalmente com Fonética e Fonologia, Morfossintaxe, Semiótica e Análise do Discurso; em Literaturas: Portuguesa e Infanto-juvenil: práticas Pedagógicas e Educação a Distância.

## GRADUANDOS DO CURSO DE LETRAS – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ

Adonai da Silva de Medeiros

Alfredo Lima

Aline dos Anjos do Rosário

Ana Beatriz Torres Correa

Ana Cleide Santiago de Lima

Brenda Maiara Sena

Dina Sodré de Lima

Emilly Farouz Modesto dos Santos

Fátima Cristina Makino Hongo

Gabrielle Borges de Oliveira

Izadora Mariana Bragança Cruz

Izandra de Souza Varela

Jaciane Lima

Joele Alessandra Caldeira Carvalho

Layse Dalmácio dos Reis

Luana da Silva Coelho

Luiza Garcia Corrêa

Malena Pinheiro da Silva

Matheus da Costa Leitão

Thaís Frazão (*IN MEMORIAM*)

Thais Ramos da Costa

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



[www.editorabagai.com.br](http://www.editorabagai.com.br)



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



[contato@editorabagai.com.br](mailto:contato@editorabagai.com.br)